

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ULYSSES: UM PERNAMBUCANO

Edyna Cavalcanti da Rocha

Recife,
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ULYSSES: UM PERNAMBUCANO

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
História da UFPE pela aluna **Edyna
Cavalcanti da Rocha**, para obtenção do
título de Mestra em História, tendo como
orientadora a Dra. Prof^a. Sílvia Cortez
Silva.

Recife,
2003

Rocha, Edyna Cavalcanti da
Ulysses : um pernambucano / Edyna Cavalcanti
da Rocha. – Recife : O Autor, 2003.
135 folhas : il., fig., fotos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal
de Pernambuco. CFCH. História, 2003.

Inclui bibliografia e anexos.

1. História do Brasil – Estado Novo – Persegui-
ções políticas. 2. Melo, Ulysses Pernambucano de,
1892-1943 – Vida e obra. 3. Discurso modernizante –
Reforma social, educação e psiquiatria. I. Título.

981.082/.083
981.061

CDU (2.ed.)
CDD (21.ed.)

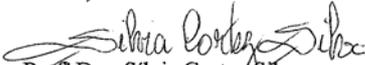
UFPE
BC2003-451



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA EDYNA CAVALCANTI DA ROCHA

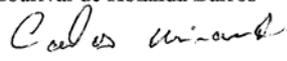
Às 14:00 do dia 28 (vinte e oito) de novembro de 2003 (dois mil e três), no Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Edyna Cavalcanti da Rocha** intitulada “*ULYSSES: um pernambucano*”, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito “**APROVADA**” em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: SÍLVIA CORTEZ SILVA (ORIENTADORA), ANTONIO PAULO DE MORAIS REZENDE E LOURIVAL DE HOLANDA BARROS. Assinam também a presente ata, o Vice-Coordenador, Prof. Carlos Alberto Cunha Miranda e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 28 de novembro de 2003


Prof.^a Dra. Sílvia Cortez Silva


Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende


Prof. Dr. Lourival de Holanda Barros


Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda


Luciane Costa Borba

A DEUS que é Senhor de mim.

A meus amores:
Nádia, Núbia, Natália e
Yvson.

AGRADECIMENTOS

Muitas são as almas que passam por nossa vida, mas algumas são especiais. Muitos são os amores, mas alguns são inesquecíveis. Muitos são os anjos, mas alguns são essenciais, para que experimentemos coisas, vivamos coisas, realizemos coisas.

Almas, Amores, Anjos. Todos nos são oferecidos por Deus para que cumpramos a nossa missão.

Missão de dar e receber. Sílvia Cortez Silva, Antônio Paulo Rezende, Antônio Montenegro, Carlos Miranda, Luciane Costa Borba, Ulysses Pernambucano de Melo Neto, Antônio Clarindo, Marcelo Bernardo, Pedraugusto Rodrigues, Feliciano, Flávio, Dulce, Carla, Sumaia, Mercedes, amigos. Muitos amigos.

Anjos, Almas, Amores.

São todos construtores

De minha vida.

De tantas vidas.

Então, ao meu Deus, muito obrigada.

INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – Recife

Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco – Recife

Biblioteca Central da UFPE – Recife

Biblioteca Setorial da Área de Saúde da UFPE – Recife

Biblioteca do Hospital Ulysses Pernambucano – Tamarineira – Recife

Biblioteca da Sociedade de Medicina de Pernambuco

Bibliotecas de Particulares

Biblioteca da Fundação Osvaldo Cruz – Recife

Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – Recife

Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco – Recife

RESUMO

O presente estudo analisa a figura de Ulysses Pernambucano de Melo como educador, psiquiatra, pessoa humana e principalmente reformador social. Identifica Ulysses como portador de discurso modernizante nas áreas em que atuou. Utiliza o conceito teórico de Hannah Arendt de "inimigo objetivo", além das perspectivas de análise de Maria Luiza Tucci Carneiro sobre o período do Estado Novo, e de Jurandir Freire Costa sobre a história da psiquiatria no Brasil. Estuda as ações de Ulysses Pernambucano enquanto médico e educador assim como o apresenta como vítima da regressão e do ódio de parcela da elite dominante de então. Aponta o Estado como forjador de provas que tatarão Ulysses Pernambucano como comunista. Enfoca a ação de investigadores da polícia à serviço do Estado com o propósito de vigiar os passos do indivíduo suspeito.

ABSTRACT

The present study analyzes the person of Ulisses Pernambucano de Melo as an educator, psychiatrist, human being and, above all, social reformist. It identifies Ulisses as the owner of a modernizing discourse in the areas he worked on. It uses Hannah Arendt's theoretical concept of "objective enemy", as well as the perspective analyses of Maria Luiza Tucci Carneiro regarding the "Estado Novo" and of Jurandir Freire Costa regarding the history of psychiatry in Brazil. It studies the work of Ulisses Pernambucano as a doctor and educator, as well as presenting him as a victim of regression and hatred by the dominating elite of the time. It points the State as the forger of evidences that will label Ulisses Pernambucano as a communist. It highlights the work of police investigators serving the State aiming at stalking the suspected individual.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ULYSSES E A MODERNIZAÇÃO DO RECIFE: EDUCAÇÃO E CIDADANIA.....	14
1.1 A Modernização da cidade.....	14
1.2 A educação entra em cena.....	21
1.2.1 O Iconoclasta.....	22
1.2.2. O Instituto de Psicologia.....	29
2 ULYSSES E A MODERNIZAÇÃO DO HOSPITAL.....	35
2.1 Modernidade, saber médico e serviço de saúde.....	35
2.2 Estado e medicina higiênica no Brasil.....	37
2.3 Casa de Misericórdia, Tamarineira e Ulysses.....	39
2.4 A Liga Brasileira de Higiene Mental e a visão psiquiatra de Ulysses.....	43
3 ULYSSES: VIGIAR E PUNIR	56
3.1 Ulysses e sua época.....	56
3.2 O homem social e o “homem quase político”.....	59
3.3 O olhar da suspeição e a urdidura do prontuário.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
FONTES E BIBLIOGRAFIA	86
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

*A história poderá esclarecer a
origem de muitos de nossos fantasmas,
mas não os dissipará.*

Otávio Paz

O presente trabalho tem por objeto a figura de Ulysses Pernambucano de Melo como educador, psiquiatra, homem e principalmente reformador.

A história multiplica exemplos dos preços aviltantes exigidos pela sociedade para aqueles que pretenderam mudar ou pelo menos sonhar com sociedades mais justas. Ulysses Pernambucano não fugiu a essa regra.

A nossa pretensão é tentar mostrar como um cidadão é pouco a pouco transformado em criminoso. Dentro da lógica da suspeição tudo é possível. Quase como um processo kafkiano, o jovem Ulysses Pernambucano, com endereço certo e sabido, vai ser vigiado noite e dia, historiado, prontuariado, para depois ser encarcerado.

É nosso interesse no decorrer desta dissertação demonstrar, a partir da exposição das ações e realizações do personagem em apreço, no período pesquisado, que tal apodo não se justifica para o seu caso.

As ações de Ulysses como médico e educador o apresentará como um defensor das minorias: defensor do doente mental, dos estudantes, do homem do campo, dos colegas médicos à frente de seu sindicato etc. Suas realizações como reformador de hospital, de estabelecimentos de ensino e implementador de práticas inovadoras, fará de Ulysses uma vítima da regressão e do ódio de parcela da elite dominante de então. Ulysses por seu empenho em elevar o homem marginalizado à condição de cidadão, será preso como subversivo, agitador, de idéias exóticas, extremistas e, enfim, comunista.

Trabalhamos com fontes inéditas, como o prontuário do nosso personagem, cedido por procuração da família, no sentido de tentar esclarecer de uma vez por todas a maior das tatuagens de Ulysses. Este maior estigma está ligado ao de ser comunista. O acesso a documentos pessoais do médico em causa nos levou a uma compreensão de um homem humano, demasiadamente humano. Seus bilhetes elaborados no cárcere do “Brasil Novo” traduzem suas inquietações como um pai amoroso e um marido preocupado com questões familiares. Não é possível esquecer cena descrita por um de seus bilhetes quando rever os filhos através das grades da Casa de Detenção do Recife onde esteve detido por 40 dias.

Ulysses, o homem terno, apaixonado por sua vida e pela dos seus semelhantes, deve ter refletido no cárcere sobre a impossibilidade de sonhar em um estado de exceção. Dentro do nosso texto encontraremos mais especificadas as práticas e o pensamento deste *pernambucano diferente*.

Fazemos uso do conceito de inimigo objetivo inspirado em Hannah Arendt. O inimigo objetivo é definido pela política do Estado, e não por demonstrar o desejo de derrubar o sistema. A análise do prontuário e de outros documentos mostrou como Ulysses de inimigo suspeito foi transformado em inimigo objetivo. Uma simples folha de jornal, que reconhecemos de tendência comunista, publicando em pequena nota o apoio de Ulysses a um congresso estudantil ou o uso da gravura de três figuras simbolicamente identificados como populares, impressa no mesmo jornal, são sinais suficientes para o Secretário da Segurança Pública do Estado de Pernambuco, Etelvino Lins de Albuquerque, aproximá-lo da ideologia comunista.

Maria Luiza Tucci Carneiro, no seu artigo “O Estado Novo, o Dops e a Ideologia da Segurança Nacional”, traduz o clima em que viveram personagens como Ulysses Pernambucano de Melo. Usando as palavras da autora, que afirma que são “vozes do silêncio em tempos sombrios”, percebemos como foi difícil e opressor pensar em oferecer idéias novas, ser reformador, e voz discordante da açucarocracia. Ser uma *ovelha negra* em tempos difíceis exige preço e sacrifício..

O presente trabalho é composto de três capítulos. No primeiro apresenta ao leitor um panorama da época onde o nosso personagem central atuará, envolvido pelos vários discursos de seu tempo, entre eles o da modernidade e seu projeto de modernização. O segundo capítulo trata, ainda no mesmo espírito modernizante, das ações de Ulysses

Pernambucano como médico e reformador no campo da saúde. O terceiro e último capítulo apresenta Ulysses como cidadão protagonista de uma via crucis que culminará com a sua morte ainda muito jovem.

CAPÍTULO I

ULYSSES E A MODERNIZAÇÃO DO RECIFE: EDUCAÇÃO E CIDADANIA

“As cidades foram os grandes cenários da modernidade e, hoje, o lugar emblemático das suas ruínas e das suas tentativas de reconstrução. Os tempos modernos se expandiram com as cidades, nelas articularam seus grandes projetos, acreditaram que poderiam ser livres como nunca, conviveram com as invenções modernas e seus deslumbramentos. Nelas, os homens traçaram as trilhas que redefiniram suas relações sociais”.

Antônio Paulo Rezende, 1997

1.1 – A modernização da cidade

No momento em que tanto se discute a “crise da modernidade”, em que se questiona a atuação do Estado como organizador da sociedade e se reafirma e enfatiza sua relação necessária com a sociedade civil – com discursos em torno da cidadania, neste instante em que se questiona o papel da vanguarda, consideramos importante reescrever o cenário brasileiro das primeiras décadas do século vinte. Tendo em vista, as discussões levantadas em torno da falência da utopia moderna, propomos revisitar a construção deste paradigma, com um olhar crítico em seus desdobramentos, visualizando as articulações entre os intelectuais e o Estado na “invenção” de um Brasil moderno.

Ao retomarmos o período das décadas de vinte e trinta do século passado ressaltamos as formas do saber técnico-científico, especializado, que se fundaram

das bases do pensamento moderno. “Foram elas: a medicina (modernizando o corpo), a educação (conformando as “mentalidades”) e a engenharia (organizando o espaço)”, que, juntamente com a geração literária de 1920, elaboraram o paradigma moderno que se cristaliza na década de trinta.¹

Nas várias sociedades, as cidades assumiram diversas faces ao longo do tempo. A cidade moderna teve origem histórica na época da Revolução Industrial Inglesa, como espaço de complementação da indústria, tendo a dupla função de fornecer mão-de-obra e de ser mercado consumidor dos produtos industriais.

Embora de forma incipiente, o Brasil fazia parte do processo de modernização capitalista, cuja aceleração seria configurada mais nitidamente no início do século XX. Ao falar a respeito das bruscas transformações ocorridas nessa época, Berman comenta que no referido século “os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir a ser, vêm a chamar-se ‘modernização’ ”. E explica a modernidade como uma vivência envolvida por ambigüidades – “experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo mundo hoje”.² Diz ainda que “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, auto-transformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”³

No cenário brasileiro das décadas de 20 e 30 de nossa história, os paradoxos da modernidade, da modernização, foram vividos de forma mais intensa. Multiplicaram-se os conflitos entre o tradicional e o moderno, relacionados com a questão do progresso⁹ e sua natural reação. O modernismo brasileiro, como nos demais lugares do mundo, surgiu num movimento heterogêneo de renovação que representava a tentativa de rompimento com o passado, mas que refletia também as tensões e perplexidades dos intelectuais no início dos anos 20. Em Pernambuco, os novos ventos impulsionados pela semana de 1922 ganham dimensão e vão dividir intelectuais pernambucanos.

Recife não ficará distante da Semana de Arte Moderna de 1922. O movimento modernista será marcado pela polarização em torno de duas grandes figuras locais – Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa. Enquanto o primeiro defende o valor das tradições chamando a atenção para os “desencantos modernos”, Inojosa declara-se representante e defensor do modernismo no Nordeste.

O Recife firmou-se como cidade comercial sustentada por um porto. O Recife de 20 era agora o Recife do empório comercial - o Recife do novo Porto. E como registra Souza Barros:

“ Éramos o porto e a praça. Mas éramos também a escola superior e o hospital. A escola com as faculdades, a de Direito e a recém inaugurada de Medicina, e a continuação de duas Escolas de Engenharia e uma de Comércio, o Centro hospitalar servindo a todos os Estados vizinhos. Éramos ainda a comunicação através, inclusive, da melhor imprensa que distribuía seus jornais pela Great Western... a Capital da rebeldia em todos os pronunciamentos da política brasileira...”⁴

A cidade do Recife apareceu como povoamento no século XVI, da necessidade de comercialização da cana-de-açúcar, em função da economia rural. Espaço urbano voltado para o comércio externo, transformou-se em vila (1710) por obra de sua dinâmica interna com funções comerciais, e em 1827 é elevada a cidade.

A comercialização do açúcar e mais tarde a produção do algodão, que tornou-se na segunda metade do século XIX importante produto de exportação, possibilitou uma maior diversificação do Porto do Recife e de Pernambuco. Décadas depois o Recife se transformou em cidade comercial, servindo como porto regional do Nordeste. A injeção de capital, principalmente inglês, resultou em serviços e equipamentos urbanos, como água canalizada, serviços de bonde, telégrafos e implantação de estradas de ferro ligando o Recife ao interior a partir de 1858. A reforma do porto, como consequência do crescimento econômico e o subsequente aumento da circulação de mercadorias, ocorreu em 1908, transformando-o no terceiro maior do país.⁵

A instalação das usinas em fins do século XIX também contribuiu para o desenvolvimento da cidade. O reaquecimento da economia açucareira propiciara um fluxo populacional em direção ao Recife. Essa população, expulsa do campo, foi atraída pela intensificação do comércio, pela diversificação das manufaturas e também pela instalação

da infra-estrutura urbana. Tudo isso concorrera para a expansão da indústria na cidade, que ainda dispunha de uma rede ferroviária razoável. Foram criadas indústrias de alimentos, fiação, fundição, sabão, bebidas e fumo.

Todo este crescimento vai influenciar em um maior serviço de transportes urbanos, que promoverá a ligação entre o centro e os bairros. Cronologicamente, temos o surgimento das maxambombas (1861), os bondes de burro (1871) e, a partir de 1914, a cidade receberá os bondes elétricos. A construção de residências, canais, pontes, estradas vai se impondo à medida que os espaços urbanos são criados, alargando a cidade. Ao poder público também vão sendo solicitados serviços públicos como: escolas, hospitais e melhores condições sanitárias.

A urbanização, a higiene, a saúde e a instrução pública eram assuntos que se imbricavam no sentido da modernização da cidade. A educação era um problema fundamental para a saúde, no sentido de convencer a população da necessidade da higiene como melhoria da saúde. As escolas públicas do Recife têm suas origens vinculadas à autonomia conquistada com o advento da República, que garantiu ao município a prestação do serviço de educação primária à população.

Antes de 1920 já era o Recife palco de reformas urbanas que vinham alterando a sua paisagem. Para falar da transição dos padrões de vida desta cidade para o da modernidade, Antônio Paulo Rezende comenta:

“O Recife é uma dessas cidades de forte tensão entre o moderno e o tradicional. A sua história está atravessada por momentos de deslumbramento e fantasias sobre o seu futuro possivelmente moderno, pelo medo de vê-la distante das tradições e o desejo de reafirmar o seu passado profundamente idealizado. (...) Nas idéias, os sinais de ruptura e as inquietações difíceis de serem materializados. No cerco da tradição, o medo de que o território rebelde do sonho perdesse suas fronteiras e transformasse a cidade como um todo”.⁶

Antes do século XX, o esforço administrativo voltava-se muito mais para encobrir os problemas urbanos. Mas, ao lado disto, o Recife ganhava novas e modernas moradias e avenidas. Senhores de engenho transferiam-se para a cidade, onde construíam seus sobrados. As modificações no cenário urbano da cidade foram mais evidentes nas primeiras décadas do citado século. Tendo em vista que por esta época a população do Recife crescera consideravelmente, passando de 113.106 para 239.000 habitantes, sinalizando um rápido e desordenado processo de urbanização, com graves problemas de saúde coletiva, de desajustamento social, de pauperismo.

Mas a cidade crescia, incorporando as novidades, boas e más. Os efeitos do desenvolvimento não atingiam a todos da mesma maneira. Os telefones, que desde 1883 tinham chegado a Pernambuco com a Empresa Telefônica Bougard, beneficiam um número restrito de jornais, escritórios, empresas etc. e vão aos poucos sendo adquiridos por particulares. A partir de 1927, são introduzidos os telefones automáticos e o serviço interurbano.

Como várias cidades brasileiras, o Recife apresenta configurações urbanas diferenciadas em decorrência de períodos históricos distintos. No século XVII, por exemplo, os holandeses (1630/1654) vão alterar a vida e o cenário desta cidade, principalmente no período em que Maurício de Nassau (1637) remodelara a mesma, construindo na ilha de Antônio Vaz a Cidade Maurícia. Erguera palácios, construíra pontes, dotara a cidade de infra-estrutura, além de trazer para o Recife cientistas e artistas importantes.

No século XX, a transição dos padrões de vida agrário-comercial para o da civilização urbano-industrial, principalmente a partir da década de 20, acelera-se. A concentração urbana atrelada à industrialização vinha alterando as feições tradicionais. Mas já eram significativas as reformas urbanas que objetivavam tornar o Recife uma cidade moderna.

Nestas duas primeiras décadas a cidade passou por dois momentos de reformas urbanas. O primeiro entre 1909 e 1916 foi marcado pelas intervenções no bairro portuário, dotando-o de largas avenidas e de edificações modernas, ao estilo neoclássico, em substituição às velhas edificações coloniais e imperiais que passaram a ser consideradas insalubres, sobretudo as que serviam de moradia na forma de pensões, cortiços, quartos de aluguel, que atendiam aos populares.⁷

O segundo momento ocorreu com o governador Sergio Loreto, gestão marcada por uma política de saúde pública higienista, destacada por seu impacto sobre a população pobre da cidade com mudanças dos hábitos de moradia, comportamento e uso dos espaços públicos e privados⁸ com vistas ao combate de focos de doenças e epidemias, drenando pântanos, alargando e pavimentando ruas.

Em 1922 é eleito governador do estado Sérgio de Barros Loreto, que governará até 1926. Este período ficará conhecido como o mais significativo da década de 20. Marcado por mudanças administrativas, grandes obras e realizações. Incluindo-se transformações também na educação. Seu governo modificará sensivelmente o cenário urbano com as já citadas obras de higiene, saneamento, abastecimento de água, edifícios públicos, hospitais, pontes e estradas entre outros. Período que configura a modernidade recifense.

Ao assumir o governo de Pernambuco, Sérgio Loreto encontrou o Estado pobre e enfraquecido. Seu principal esteio, o açúcar, experimentava crises agudas, crônicas e emergenciais. Publicação do Jornal do Comércio datada de 18 de outubro de 1922 (data da posse de Loreto), intitulado “Era Nova”, menciona a crise em seus aspectos financeiros, administrativos, políticos entre outros. E conclui a matéria dizendo: “o que está aí, se não é o caos, pouco lhe falta para isso”.⁹

Enfrentando forte oposição, o governador aos poucos assumia o papel de criador da infra-estrutura necessária para empreender seu propósito de modernizar a cidade. Valia-se da propaganda para alardear seus feitos e defender-se das críticas. Além da propaganda feita pelo Diário do Estado e pela Revista de Pernambuco, dirigidos por Sérgio Loreto Filho, o governador contava com o apoio do Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio e A Província.

Mesmo assim, era criticado por esbanjamento, perdularismo e nepotismo, com prejuízo para os cofres públicos. As obras no Porto do Recife constituíram o caso mais famoso. O plano urbanístico de Boa Viagem, uma das grandes realizações de então, também era visto de forma negativa. As críticas não atrapalharam a continuidade da modernização, mudando os traçados das ruas, os hábitos de higiene, as formas de diversão e lazer.

Amauri de Medeiros, genro do governador Sérgio Loreto, deu ênfase aos serviços sanitários do Estado e prestou ao governo serviço de assistência geral e

assessoramento em outras funções administrativas, realizando trabalho importante à frente do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco. Segundo Barros, “o Dr. Amaury, além de técnico competente era um homem de bem, de honestidade a toda prova. Mesmo assim não escapou às críticas da oposição”.¹⁰

O Departamento de Saúde e Assistência vinha ao encontro do grave problema da saúde pública. A insalubridade era uma questão da maior importância para as cidades modernas. As estatísticas nacionais apresentavam quadro alarmante quanto aos óbitos resultantes de varíola, febre amarela e tuberculose; e o Recife apresentava índices muito altos evidenciando a necessidade de cuidados específicos e urgentes, com campanhas pregando a solução pela higiene.

Valdemar de Oliveira ao falar sobre as realizações de Amaury de Medeiros, diz que, ao tornar-se Diretor da Saúde Pública do Estado, ele trocou a medicina curativa pela medicina preventiva, tendo cuidado na escolha dos seus colaboradores:

“Amaury de Medeiros confessando-se um homem que tem a coragem de queimar a vida na administração pública, convocava grandes valores da medicina pernambucana, distinguindo em postos-chaves do complexo funcional nomes que aliavam à vocação clínica, pendores para a medicina social, irmã gêmea da medicina preventiva, tais um Otávio de Freitas, um Ageu Magalhães, um Costa Carvalho, um Ulysses Pernambucano.”¹¹

Ao iniciar a grande campanha sanitária, Amaury de Medeiros coloca Ulysses Pernambucano à frente dos serviços como chefe do Serviço de Demografia Sanitária, Estatística e Propaganda do Departamento de Saúde Pública, acatando as idéias e sugestões deste, esboçadas desde 1918 com a apresentação de sua tese sob o título: “*Classificação das crianças anormais. A parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade e a astenia mental*”, no concurso para ingresso no corpo docente da Escola Normal. Assumiu a direção do hospital da Tamarineira em 1924, deixando-o

dois anos depois restaurado e reformado, além de ter construído 12 quartos para pensionistas, acabado com os calabouços e edificado 4 novos pavilhões.

1.2 – A educação entra em cena

No que concerne à educação nesse período, tanto a dinâmica na esfera social como a dinâmica interna da escola irão refletir a diversidade de papéis que os estados representavam no processo de modernização do país. Expressando mudanças nos padrões educacionais, imprimindo também neste setor às formas de cidadania. Sendo a educação um instrumento de impressão de normas comportamentais e veículo influenciador de indivíduos e grupos, entendendo-a como meio de manutenção bem como instrumento de mudança das normas de comportamento, ela passou a ser disputada tanto pelos que detinham o poder como pelos que aspiravam este mesmo poder.

Acreditava-se, particularmente no período de 1920 a 1937 de nossa história, que a educação promoveria o progresso e a adequada acomodação dos indivíduos ao novo modelo de sociedade que se apresentava, tendo como espelho as nações desenvolvidas. Os intelectuais de então foram influenciados pelos padrões franceses e sobretudo americanos de modernização capitalista, com a produção de mão-de-obra qualificada para o mercado consumidor e de trabalho, proporcionando assim o exercício da cidadania e da democracia com vistas à igualdade de oportunidades. Neste contexto, a educação tornou-se uma questão de interesse público, necessitando do apoio estatal, assim como ocorreu com a medicina no momento de sua efetivação.

Este novo modo de pensar o Brasil gerou conflitos, particularmente em Pernambuco, onde as novas propostas entraram em choque com os interesses das elites rurais dominante em nosso estado, que persistiam em manter os padrões autoritários de dominação característicos da sociedade colonial. A partir deste interesse que mudou a relação entre Estado e educação, como também entre Estado e medicina, várias reformas ocorreram na década de 20 em Pernambuco, como em outros estados nestes dois campos da ação governamental. Por meio delas o estado pernambucano buscou enfrentar os desafios da modernidade introduzidos na estrutura social na década seguinte. Tanto a

escolarização como os programas de assistência à saúde passaram a ser concebidos como alavancas para o progresso.

Foi neste contexto que Ulysses Pernambucano atuou, como médico administrador de hospitais e como educador administrador de escolas, segundo as exigências dos novos tempos. Suscitando assim para si tanto adesão como reação.

1.2.1 – Um Iconoclasta

*“ Ele deu ao velho estabelecimento de ensino uma outra fisionomia. Pode-se dizer sem exagero que refez a Escola Normal, não só no seu aspecto material como na ordem que imprimiu à sua vida interior”.*¹²

Ulysses Pernambucano de Melo foi, como médico e educador, solicitado a atuar nestes dois campos do interesse estatal para o controle social. Ulysses passou a ser alvo de admiração e, na mesma medida, de suspeição por parte daqueles que se sentiram prejudicados com a quantidade de inovações que ocorrera. As idéias progressistas e, para alguns, extremistas de Ulysses atraíram para si os olhos da regressão. Ele começou a ser prontuariado a partir dos primeiros anos da década de 1930 como consta nas investigações encontradas em seu prontuário¹³ com datas a partir de julho de 1932.

Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, explicita a maneira de como vigiar para posteriormente punir:

*“Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes (...) houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para vigiá-lo e processos para utilizá-lo”.*¹⁴

Ulysses Pernambucano de Melo Sobrinho nasceu em Recife no ano de 1892. Aos 20 anos colou grau de doutor em medicina. Sua tese, “*Sobre algumas manifestações nervosas da heredo-syphilis*”, foi aprovada com distinção na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em dezembro de 1912. Após diplomado, passa a clinicar em cidades como Vitória de Santo Antão - PE e Lapa - Paraná. Clínico e cirurgião, obstetra e ginecologista, oculista e otorrinolaringologista, pediatra e, às vezes, até dentista.

Mas a vocação de Ulysses era mesmo a de psiquiatra: “Os meus pendores para a psiquiatria nasceram sob o influxo do professor Juliano Moreira... Mas o homem que verdadeiramente me iniciou na psiquiatria... esse foi o professor Ulisses Viana.”¹⁵

À frente da Escola Normal (1923-1927), Ulysses Pernambucano, enfrentando dificuldades, fez grandes mudanças na formação do magistério, conformando a antiga instituição escolar às novas concepções na área da educação. Waldemar Valente fala desse desafio:

*“ de colocá-la em dia com os modernos processos de ensino e de educação. Processos que tinham como base uma maneira diferente de encarar a criança, o verdadeiro objetivo da educação. E a preocupação de conhecê-la cientificamente nas suas características psico-biológicas. (...) Ulysses avaliava os erros dessa velha pedagogia que não concedia à criança o direito de ser criança e que quase sempre, gerava um mundo de desajustados e de inferiorizados”.*¹⁶

O professor de psicologia Sílvio Rabelo, autor de “A Psicologia da Criança” e colega de Ulysses Pernambucano, testemunha sobre a importância deste para a Escola Normal:

“Ainda as nossas escolas pareciam um pouco cadeias de meninos, quando Ulysses Pernambucano foi chamado a dirigir a Escola Normal.

*Vindo da escola que deveria mudar com a guerra, tendo sofrido as mesmas dores de todos os meninos de seu tempo, Ulysses Pernambucano começou a estudar os males que tanto afligiam os escolares. Os mal-ajustados, os faltosos, os indisciplinados, os atrasados mereceram a sua atenção particular. Procedeu a inquéritos sistemáticos que lhe mostraram a verdadeira situação das nossas crianças dentro do ambiente escolar. Nenhuma escola, por sua plasticidade e por sua projeção e influência sobre as demais escolas, serviria tão bem ao trabalho de moldagem como a Escola Normal. Aí foi o seu campo de experimentação”.*¹⁷

Estudou os males que afligiam os escolares promovendo inquéritos sistemáticos que permitiram a localização de vários problemas, podendo, deste modo, atacá-los e vencê-los. Sua preocupação pelo social fê-lo sentir o drama dos alunos carentes que por motivos financeiros abandonavam a escola e, quando freqüentavam, o faziam com prejuízos no processo de aprendizagem.

Para tanto, elaborou questionário composto de oito perguntas:

Que come antes de vir para a escola?

Onde mora? Vem de bonde ou a pé?

Traz merenda?

Em caso afirmativo, de que se compõe?

Qual o envoltório? Qual o peso?

Compra a merenda na escola?

O que compra?

Quanto traz em dinheiro para isso?

*Traz bombons ou compra-os ?”*¹⁸

Um dominante estado de indignação levou Ulysses a tomar medidas como a implantação do serviço de merenda escolar para minimizar o impacto da situação. Criou o serviço de visitadoras e fundou a caixa escolar. Tais providências diminuiu o número de faltas, bem como estreitou as relações entre a escola e o lar.

O serviço das visitadoras foi iniciativa de grande alcance social e uma novidade em Pernambuco. Ao falar aos membros do III Congresso de Higiene, reunido em São Paulo em 1927, proferiu as seguintes palavras:

“Os hábitos sadios que procuramos inculcar nas nossas crianças são levados às famílias pela palavra da visitadora, que verifica se eles não são contrariados no lar. A criança sente-se amparada no seio da família porque a palavra persuasiva do mestre vai-se ouvir dentro mesmo de sua própria casa. Em suas visitas de inspeção nada escapa à visitadora. Ela quer verificar onde dorme a criança, inspeciona-lhe o leito, mostra as vantagens da janela aberta, quer ver a escova de dentes, indaga da alimentação, verifica as condições higiênicas da habitação, procura descobrir se há doenças contagiosas na família para avisar à Saúde Pública, fala no asseio corporal, enfim todos os preceitos de higiene, para uma vida mais sadia e um perfeito desenvolvimento físico e psíquico da criança não lhe escapam nessa visita de inspeção...”¹⁹

A respeito das qualidades da visitadora Ulysses diz ser necessário que ela possua: “uma série de qualidades de inteligência e coração, que não se encontram facilmente, perfeito conhecimento dos preceitos higiênicos, uma grande capacidade de trabalho, uma paciência inesgotável e bondade a toda prova”²⁰ Tais visitadoras são as Assistentes Sociais de hoje.

Implantou, ainda, o fardamento escolar como função social, visando homogeneizar os alunos, a clínica dentária, após resultado de pesquisa que apontou índice

de 77% dos alunos com dentes estragados, criou um jornal das alunas, O Orfeão, e instituiu a promoção por médias globais.²¹ Modernizou e consolidou o Curso de Aplicação, com vistas ao indispensável treinamento das professorandas, e centralizou os colégios equiparados.

A introdução do exame de seleção para admissão à Escola Normal tinha por objetivo buscar o modo mais justo e democrático de escolha de candidatas. Em 1924, tendo sido convidado como paraninfo na escola onde dirigia, Ulysses pronuncia o seguinte discurso:

*“para constituir o núcleo de matrícula nenhum critério é mais justo que o do preparo. (...) É próprio às democracias que as qualidades pessoais de inteligência, caráter e sentimentos elevam o indivíduo e dão-lhe preeminência, entre os seus concidadãos. O exame de seleção mostra às nossas jovens que os lugares, mesmo para adquirir uma profissão, conquistam-se pelo estudo e pelo saber”.*²²

Ulysses investiu com entusiasmo nas difíceis funções de diretor, numa época em que não havia Secretaria de Educação, nem mesmo Departamento que dela se encarregasse, cabendo a ele sozinho a orientação do ensino normal que, segundo Valente, estava precisando de crédito e confiança. Responsabilizou-se em afastar antigas concepções educacionais baseadas em preocupações livrescas para adotar modernos processos de ensino e de educação. Deixando a criança de ser mero objeto, incapaz de reagir, para se transformar em ser vivo: alvo da educação.

Tais atitudes de Ulysses começam a despertar a atenção do “status-quo”. Um prontuário se faz através de soma. Fruto de atitudes verdadeiras ou falsas. Ele passará a ser conhecido como homem de idéias exóticas. Aqui podemos afirmar que Ulysses, ao alterar velha práticas, começa a construir seu próprio prontuário, transformando-se, pouco a pouco, num “homem se qualidades”.

Silvio Rabelo, ao apreciar estes grandes serviços prestados à criança pernambucana adverte: “Mas, não é impunemente que um homem começa a alterar a velha

ordem do mundo. Ulysses Pernambucano há de sofrer muito ainda, por querer bem demais aos homens”.²³ No entanto, Ulysses prossegue com as inovações.

No regulamento da escola introduz um dispositivo que permitirá a inscrição de candidatos com idade cronológica inferior a 13 anos – idade mínima anteriormente exigida – desde que o mesmo apresentasse uma idade mental equivalente ou superior a esse limite. Com isso observa-se o quanto Ulysses estava atualizado com referência aos avanços da ciência psicológica: “A famosa Escola de Binet-Simon encomendada pelas autoridades francesas de ensino, data de 1905. O próprio conceito de “idade mental” só foi introduzido por Binet em 1908, por ocasião da 1ª Revisão da Escala e o conceito de “QI”, que é a relação entre “idade mental” e “idade cronológica”, só foi elaborado em 1912 pelo alemão Stern.

Em janeiro de 1925 foi criada, por ato do então governador Sérgio Loreto, a primeira escola para anormais, praticamente uma cadeira complementar anexada ao Curso de Aplicação. Para regê-la foi nomeada Anita Paes Barreto.²⁴ Estreitamente ligada ao trabalho do prof. Ulysses, Anita nasceu no Recife, diplomou-se pela Escola Normal Oficial durante a gestão de Ulysses Pernambucano e, como aluna laureada, obteve a outorga da “cadeira-prêmio” (mérito instituído por Ulysses e outorgado pelo governador às melhores alunas, podendo inclusive escolher onde ensinar).

Uma escola específica para a educação da criança subdotada só ocorrera em 1941, por ato promulgado pelo então interventor do Estado, Agamenon Magalhães, a 27 de janeiro. Para dirigir a Escola Aires Gama – hoje Escola Especial Ulysses Pernambucano – foi designada a prof. Anita Paes Barreto. O pioneirismo de Ulysses nessa área é reconhecido nacionalmente quando, já em 1918, ao concorrer a uma vaga na Escola Normal, apresenta tese com o tema: “*Classificação das crianças anormais. A parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade e a astenia mental*”.

As novas instalações da Escola Normal, que fora inaugurada em 1920, sofre alterações em sua arquitetura em 1923. Ulysses, para acomodá-la as novas exigências, constrói um pavilhão para ginástica e jardim da infância, parque arborizado, aterro, muro e gradil contornando o edifício. Mas, conforme Silvio Rabelo, a grande obra que construiu foi “o novo sentido que imprimiu à educação”. “Uma nova consciência conseguiu formar entre professores e alunas mestras. Da melhor compreensão da criança,

sob os aspectos somático e mental, é que foi possível consolidar essa mesma consciência”.²⁵ Emergia um novo tipo de professor, provocando novas praticas.

Assim, na busca de uma humanização do método, do tempo escolar, do professor, da avaliação do aluno e dos livros é que nasceu uma nova pedagogia, mais próxima da equiparação com o mundo desenvolvido, com a construção de um novo homem: o homem republicano.

Em fins dos anos 20 o Ginásio Pernambucano tornou-se também alvo de transformação. Apresentava dificuldades: insuficiência de verbas, má administração, queda na qualidade de ensino, falta de disciplina. Ulysses foi chamado para enfrentar tais problemas. Professor desta instituição desde 1919, quando de seu ingresso por concurso, sua fama de reformador é lembrada para resolver a situação.

O cenário sócio-econômico-cultural da época favorecia ousadas administrações. O período de 20 foi palco de inquietações reformistas, da formação do tenentismo, de aspirações libertárias, da Escola Nova, do Movimento Regionalista de 1926, capitaneado pelo jornal diário “A Província”.²⁶

Em 1926 assume o governo o Dr. Estácio Coimbra. Político de larga visão, tendo sido anteriormente vice-presidente da República de Artur Bernardes (1922-1926). No seu plano de governo incluía a modernização da educação. E ao assumir o governo do Estado implementou, através do ato nº 1.239 de 1929, a reforma Carneiro Leão.

Ulysses assume o cargo de diretor em 4 de agosto de 1928, ficando em exercício até fevereiro de 1930. Neste curto período ele restaura as instalações físicas do estabelecimento, equipa laboratórios e biblioteca, moderniza o ensino, já dentro do espírito da ousada e progressista reforma Carneiro Leão, que já previa educação sexual nas escolas, concebida no ideário da Escola Nova.²⁷

O governador Estácio Coimbra – que meses depois, por força da Revolução de 30, se exila na Europa - , em 1930, ao visitar o Ginásio, tece elogios a atuação do diretor. Ulysses, em agradecimento, profere discurso em homenagem ao governador, que é publicado no jornal “A Província” edição de 08/01/1930 com o título: “ O Ginásio readquiriu o seu antigo prestígio”.

É oportuno lembrar que, por essa ocasião, Ulysses recebeu elogios do também professor do Ginásio Pernambucano Agamenon Magalhães. O futuro ministro de

Vargas e futuro interventor do Estado de Pernambuco, durante o Estado Novo, reconhecia o mérito do mestre e administrador Ulysses Pernambucano. Assim dizia o telegrama igualmente publicado no jornal “A Província”:

“Estive hoje Ginásio Pernambucano exercício e não posso conter meus aplausos remodelação edifício, novas aquisições gabinete física, química, biblioteca, magníficas instalações pedagógicas, tudo consentâneo elevada orientação você imprimiu ensino. Podemos dizer com ufania que o nosso Ginásio é atualmente um instituto de ensino modelar. Aceite minhas calorosas felicitações. Agamenon Magalhães”.

Este episódio ilustra como o amigo de hoje, em ocasião de interesse político já no Estado Novo, pode transformar-se no inimigo de amanhã, como se verá oportunamente.

1.2.2 –O Instituto de Psicologia

A Psicologia no Brasil remonta às primeiras décadas do século XX. Seu primeiro laboratório surgiu no Rio de Janeiro, em 1907, no antigo Hospital Nacional de Alienados. No entanto, a Psicologia Aplicada propriamente dita só apareceria depois. O primeiro organismo no gênero a ser implantado e funcionar regularmente como instituição autônoma, foi o Instituto de Psicologia do Recife, segundo a psicóloga Ruth Scheffer, da Fundação Getúlio Vargas, e o historiador da Psicologia Paulo Rosas.

Ulysses obteve do deputado estadual Armando Gayoso a apresentação de um projeto que, transformado em lei pelo governador Sérgio Loreto, criou o Instituto de Psicologia em 1925. Pernambuco com isso conquistou a primeira unidade da federação a possuir oficialmente uma organização dessa natureza. O Instituto de Psicologia entregou-se a tarefas de grande amplitude, entre as quais a revisão pernambucana da escala métrica de

inteligência de Binet-Simon-Terman, a padronização de vários testes coletivos de inteligência e o estudo sobre o vocabulário infantil.

Em 1924, achando-se na direção da Escola Normal, Ulysses começou a interessar professores e alunos nas questões práticas da Psicologia. Os primeiros trabalhos tiveram início neste período: “Jardim da Infância e Educação dos Sentidos” de Ana Campos, “O teste A do Rossolimo em Crianças Normais e Anormais” de Maria das Neves Monteiro e Maria de Lourdes Vasconcelos entre outros.²⁸

Em artigo datado de 1930, publicado na revista *Archivos Brasileiro de Higiene Mental* sob o tema “A Psicologia em Pernambuco”, Ulysses escreve:

“O interesse pelos estudos psicológicos nasceu no Recife, após a criação da respectiva cadeira na Escola Normal e ao concurso que para seu provimento se procedeu em princípios de 1918.

São desta época os trabalhos sobre a “Gênese do Instinto” de Gaspar Loyo, “Psicologia das crianças epiléticas” de Costa Pinto... e “Crianças anormais e parada do desenvolvimento intelectual” de Ulysses Pernambucano”.

Com a colaboração da sua primeira assistente, Anita Paes Barreto, que assumiu a direção do referido Instituto em 1927-1928, realizou Ulysses Pernambucano o estudo do vocabulário das crianças das escolas primárias do Recife (nos moldes dos trabalhos de Prescott), efetuou o estudo psicotécnico de cinco testes de aptidão, padronizou o teste das cem questões de Ballard, realizou investigações sobre os quocientes de inteligência dos escolares do Recife.

Tendo como criador e animador Ulysses Pernambucano, o Instituto de Psicologia nasceu cinco meses depois da escola para excepcionais. Como Diretor do Instituto, Ulysses congregou nomes que mostravam interesse pela área, como, Sílvio Romero, Ana Campos, Anita Costa, Maria das Neves Monteiro, Maria Leopodina, Alda Campos, Helena Campos, Maria de Lourdes Vasconcelos, Cirene Coutinho, Celina Pessoa,

Quitéria Cordeiro, entre outros. Todos, chegaram a publicar trabalhos produzidos no âmbito do Instituto.

Estes trabalhos envolviam, em sua maioria, testes psicológicos. Foram efetuadas padronizações de testes e com função práticas bem definidas. Havia duas áreas de aplicação: seleção de candidatos para a Escola Normal e encaminhamento para a Escola de Excepcionais. Ulysses conseguiu introduzir, no Regulamento do Ensino Normal do Estado de 1927, que só seriam aceitas inscrições de candidatos a exame de seleção com idade cronológica inferior a 13 anos caso apresentassem um atestado que lhes conferisse a idade mínima de 13 anos, fornecido pelo Instituto de Psicologia. Era também atribuição deste instituto fazer estudos de psicologia patológica, de acordo com o diretor do Hospital de Doenças Nervosas e Mentais ou pôr iniciativa do Diretor do Instituto²⁹

Outro campo de aplicação ocorreu com a Escola de Excepcionais. A sua primeira diretora, Anita Paes Barreto, depõe que “a criação do Instituto de Psicologia vinha permitir o estudo científico da criança normal e anormal, e a investigação inicial da presença dos deficientes mentais entre os escolares ou entre crianças em idade escolar, sem condições de freqüentar a escola comum”.³⁰

Em 1929 o Instituto de Psicologia altera sua denominação para “Instituto de Seleção e Orientação Profissional”, ficando subordinado à Secretaria de Justiça e Instrução. Em 1931 o Governador Carlos de Lima Cavalcanti, cria o Serviço de Assistência a Psicopatas e estabelece a subordinação deste à Assistência a Psicopatas pelo ato nº 26, de 10 de abril, voltando a sua primitiva designação de Instituto de Psicologia.

Os trabalhos realizados pelo Instituto consubstanciaram um acervo técnico-científico apreciável. Especificamente na área de testes, os trabalhos, sob a supervisão direta de Dr. Ulysses, aglutinou um grupo de pessoas com importantes contribuições à emergente Psicologia no Estado. Dentre as contribuições mais significativas podem ser referida:

- Anita Paes Barreto e Ana Pereira da Costa: “Ensaio de Padronagem do Teste Colúmbia” e “Ensaio de Aplicação de Testes Pedagógicos”

- Anita P. Barreto e Celina Pessoa: “Estudo Psicotécnico do Teste de Deaborn”.

- Ulysses Pernambucano e Anita P Barreto: “Estudo Psicotécnico de Alguns Testes de Aptidão”, “Ensaio de Aplicação das 100 questões de de Ballard” e “O Vocabulário da Crianças da Escolas Primárias do Recife”, cujo objetivo era orientar a elaboração de compêndios escolares.

- Ulysses Pernambucano e Maria Leopoldina de Oliveira “Quociente de Inteligência em Escolares do Recife”.

- Ulysses Pernambucano e Alda Campos: “Teste a Bola e o Campo em Crianças de 12 a 13 anos”.

- Silvio Romero: “O Desenho como Meio de Pesquisa”.

- Anita P. Barreto: “Estudo Psicotécnico de Quatro Supernormais” e “Revisão Pernambucana da Escala Métrica Binet-Simon-Terman” , trabalho que consumiu 10 anos de esforço.

- Cirene Coutinho: “Padronagem do Northumberland Test” e colaboração na “revisão Pernambucana da Escala Métrica Binet-Simon-Terman”.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS.

1. HERSCHMANN, Micael M. ; PEREIRA, C. A. Messeder. A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30. Rio de Janeiro: ROCCO, 1994. p. 13
2. BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 16
3. Idem. p. 16
4. BARROS, M. de Souza. A década de 20 em Pernambuco: uma interpretação. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.
5. LUBAMBO, Cátia W. Bairro do Recife: Entre o Corpo Santo e o Marco Zero - a reforma urbana do início do século XX. CEPE/Fundaç
6. REZENDE, Antônio Paulo. Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife, FUNDARPE, 1997. p. 21
7. BARROS, M.S. op. Cit. 1972
8. REZENDE, A. P. op. Cit. p. 44
9. BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL(Pernambuco). Revista de Pedagogia, 1922/29
10. BARROS, M.S. op. Cit. 69
11. OLIVEIRA, Valdemar. No tempo de Amaury. Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco: Recife, 1975.
12. ROCHA, Leduar de A. Ulysses Pernambucano – retrato um tanto de família. In: Ciclo de estudos sobre Ulysses Pernambucano. Academia Pernambucana de Medicina, 1978
13. ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL (Pernambuco) Prontuário 1734 Dops. 01/12/1935
14. FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987 p. 154
15. PERNAMBUCANO, Ulysses. Discurso na Academia de Medicina. Abril, 1932
16. VALENTE, Valdemar. Ulysses Pernambucano: renovador do Ensino em Pernambuco. Recife: SEC, 1959
17. RABELO, Silvio. Psicologia da Infância. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1937.

18. PINTO, E. Ulysses Pernambucano e a Escola Normal de Pernambuco. In: Estudos Pernambucanos Dedicados a Ulysses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937
19. PERNAMBUCANO, Ulysses. Formação de hábitos saudáveis na criança: jornal de medicina de Pernambuco. Recife: , XXII (12), dezembro, 1926
20. Idem. p. 168
21. COELHO FILHO, H. A Psiquiatria no País do Açúcar: 2 ed. Recife: ABIGRAF, 1983.
22. VALENTE, V. op. Cit. p. 16
23. ROCHA, L. A. op. Cit. p. 89
24. BARRETO, A. P. Idealismo de em educador. In: Ciclo de Estudos Pernambucanos Dedicados a Ulysses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937
25. RABELO, S. 1937
26. CAVALCANTI, Zaida M. C. MEC: biografia de uma instituição cinquentenária. Recife: MEC/DC, 1986
27. REGO J. Lins. Ulysses Pernambucano, Homen de Espírito Público. In: Estudos pernambucano dedicados a Ulysses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937
28. BARRETO, A. P. Idealismo de em educador. In: Ciclo de Estudos Pernambucanos Dedicados a Ulysses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937
29. PERNAMBUCANO, Ulysses. A Psicologia em Pernambuco. Archivos Brasileiros de Higiene Mental, III (1). p. 85-90, março/1930
30. MEDEIROS, José A. Ulysses Pernambucano. Pioneiros da Psicologia Brasileira. V. 2. Rio de Janeiro: Imago Editora, CEP, 2001.

CAPÍTULO 2

ULYSSES E A MODERNIZAÇÃO DO HOSPITAL

... homens que pleiteiam os postos de direção e por isso não podem exigir respeito ao seu saber; médicos que consentem que os seus doentes morram à mingua de medicamentos e até de alimentos e não elevam um protesto indignado – não são psiquiatras!

O psiquiatra é o protetor do doente mental. Essa função é inerente à sua pessoa. (...) Aquele que, entre o doente que sofre e o Governo que paga e distribui benefícios, prefere este – não é um psiquiatra.

... O que consente, ainda que pôr simples omissão de protesto, que se destrua um grande hospital psiquiátrico, ligado por tantos títulos, ao desenvolvimento e história da assistência a alienados – não é um psiquiatra

O que não afronta os poderosos para defender o doente mental, quando privado de qualquer dos seus sagrados direitos à assistência e proteção, por comodismo, interesse pessoal ou receio de represália – não é psiquiatra.

Ulysses Pernambucano de Melo, 1943

2.1 Modernidade, saber médico e serviço de saúde

A época moderna orientou-se pelo mito do saber científico. A este saber foi solicitado, entre outros, que estruturasse os valores que norteariam o bom funcionamento da sociedade. “Coube à medicina – como parte deste saber – a tarefa de

definir o que era 'bom' ou 'mau' para os indivíduos". Este trabalho, anteriormente exercido pelo saber religioso, passou a orientar os indivíduos na busca no bem-estar. A cultura urbana passou de religiosa à agnóstica.

O avanço da apropriação mediante o saber marcou o desenvolvimento do Capitalismo. No caso dos Serviços de Saúde esta apropriação apresentou-se no processo das técnicas de prevenir e curar. Os Serviços não integram diretamente o processo de produção, mas desempenham nele funções essenciais de controle. Assim, as mudanças nas relações de produção irão provocar reformulações dos Serviços de Saúde.

O cuidado dos desvalidos em geral – doentes, loucos, órfãos, viúvas, desocupados –, na sociedade medieval, estava a cargo da Igreja. Com a Reforma Protestante, a Igreja começou a perder o monopólio da assistência e, mesmo em países católicos, o Estado passou a se encarregar dela cada vez mais de forma sistemática.

Com o advento do capitalismo comercial e, logo depois, do capitalismo manufatureiro, o mundo medieval desorganizou-se, provocando a decomposição desta ordem. Com o enorme aumento do número de “marginais” aglomerados nos centros urbanos, o Estado foi forçado a assumir gradualmente o controle. Desta transformação institucional emergiram os Serviços de Saúde da forma como conhecemos.

De início, os médicos exerciam a profissão em moldes liberais (com visitas em domicílio) atendendo apenas às elites de modo geral. Todavia “logo começaram a surgir vozes pregando a necessidade de tornar acessíveis os serviços dos médicos ao conjunto da população. A criação de uma 'política médica' apresentou-se como parte do cuidado e controle dos desvalidos, de que o Estado, nas monarquias absolutas da Europa, estava começando a incumbir”.¹

Os problemas de saúde começam a afetar também as elites dominantes com o aumento da população em decorrência do crescimento industrial, uma vez que estas elites não ficavam imunes as epidemias que ocorriam nos novos centros industriais. Além disso, as más condições de vida e de saúde começam afetar significativamente a produtividade do trabalho. A situação desesperadora em que se encontravam os operários era terreno fértil para movimentos de revolta. Ficou claro, então, a urgência de remediar a situação, criando-se condições mínimas de modo sistemático com o intento de preservar a capacidade de trabalho do operariado. O Estado vai criar, para isso, toda uma legislação com o objetivo de impor limites à exploração.

Michel Foucault, em *Microfísica do Poder*, menciona que foi a partir da segunda metade do século XIX que a medicina começou a preocupar-se com o pobre. Visto como perigo pelas razões já mencionadas, o pobre passará a beneficiar-se de uma assistência médica que, em contrapartida, submeter-se-á a vários controles médicos. "Com a Lei dos pobres aparece, de maneira ambígua, algo importante na história da medicina social: a idéia de uma assistência controlada, de uma intervenção médica que é tanto uma maneira de ajudar os mais pobres a satisfazer suas necessidades de saúde, (...) quanto um controle pelo qual as classes ricas ou seus representantes no governo asseguram a saúde das classes pobres e, por conseguinte, a proteção das classes ricas."²

As condições de trabalho anterior, do homem em contato com a natureza, eram mais favoráveis. Nas fábricas, a falta de ar puro e higiene no local de trabalho necessita de cuidados. O Estado é instigado a criar condições urbano-industriais com um novo estilo de vida em que haja asseio, higiene e temperança. Ajudar a criar um estilo de vida saudável passou a ser tarefa dos Sistemas de Saúde na medida em que foram sendo institucionalizados.

A população nem sempre aceitou positivamente a assistência médica. Os hospitais não ofereciam condições e os pacientes estavam mais sujeitos a morrer do que a obter a cura. Por outro lado, os proprietários dos estabelecimentos resistiam às medidas higiênicas propostas pelo Estado. Surge, desta maneira, o poder médico como controlador do capital individual tendo em vista assegurar a reprodução da força de trabalho e, desta forma, a continuidade do sistema.

Nesta função de regulador do bem estar social, o Estado irá impor normas de higiene e de prevenção de acidentes nos locais de trabalho, normas de restrição ao trabalho de menores e mulheres (principalmente grávidas) e regras cada vez mais estritas, acompanhadas de exame prévio e fiscalização à produção e ao comércio de medicamentos, bebidas e alimentos. A partir daí, "cada pessoa é tratada como um indivíduo a ser higienizado."³

2.2 Estado e medicina higiênica no Brasil

No Brasil, até fins do século XVIII as cidades estiveram praticamente abandonadas pela metrópole. Com a descoberta do ouro as cidades expandiram-se e

passaram a servir como palco de levantes contra a exploração portuguesa e contestação do poder real. A partir de então, o Estado passou a interessar-se pelo controle sistemático da população. As intervenções do Estado inicialmente restringiam-se ao aparelho jurídico-policial, que era incapaz de conter o caos urbano. O governo colonial cria a Intendência Geral (1808) para controlar os distúrbios causados pelo crescimento da massa urbana.

Jurandir Freire Costa em “Ordem médica e norma familiar” comenta que, como era atribuição da polícia construir pontes, drenar pântanos, calçar ruas, construir redes de esgoto e abastecimento de água, entre outros, “este papel administrativo politizou a polícia e levou-a a tomar partido em ocasiões de luta pelo poder (...) Alguns militares envolveram-se em disputas políticas contra o Governo português”⁴, fragilizando as relações entre polícia e justiça, tornando a ação do Estado ineficiente.

A repressão colonial era essencialmente punitiva. A idéia de prevenção do crime ou da reintegração do infrator à sociedade ainda não existia. A reincidência era constante. A vagabundagem e a ociosidade passaram a ser apontadas como consequência da falta de ações sociais. “ Os governantes davam-se conta de que não bastava punir, era preciso prevenir...” Inicialmente, o Estado procurou na militarização o auxílio indispensável ao controle da cidade. Contudo, as instâncias militares não se identificavam totalmente com o Estado, incorrendo por vezes em insurreições. O estabelecimento de uma nova estratégia onde novos agentes de coerção foram aliciados, foi necessário ao controle dos problemas sociais. Chegou, então, o momento de inserção da medicina higiênica como coadjuvante no governo político dos indivíduos.⁵

Este setor, que desde o início do século XIX lutava contra a tutela político-administrativa herdada da Colônia, logo aliou-se ao novo sistema contra a antiga ordem colonial. Tal processo fez-se através da higiene, “que incorporou a cidade e a população ao campo do saber médico. Administrando antigas técnicas de submissão, formulando novos conceitos científicos, transformando uns e outros em táticas de intervenção, a higiene congregou harmoniosamente interesses da corporação médica e objetivos da elite agrária.”⁶ Todavia, esses dois poderes nem sempre convergiram. Em muitos momentos, táticas e estratégias divergiram. Contudo, o Estado aceitou medicalizar suas ações políticas, reconhecendo o valor político das ações médicas.

As epidemias, as febres, os focos de infecção e contágio do ar e da água foram problemas herdados da administração colonial e agravaram-se com o crescimento da

população urbana. A questão da salubridade apresenta-se como fundamental aos interesses do país. Aceleraram-se as necessidades de mudança e a medicina passou a ser solicitada mais intensamente. O combate à conduta anti-higiênica da população, até então operava no mesmo universo de punição que caracterizava a represália aos marginais. Além disso, era descontínua e, acima de tudo, não sabia prevenir. “A medicina, servindo-se de técnicas análogas às da militarização, contornou esta situação. Suscitou o interesse do indivíduo por sua própria saúde. Cada habitante tornou-se seu próprio almotacé e, em seguida, almotacé de sua casa e da vizinhança.”⁷

2.3 – *Casa de Misericórdia, Tamarineira, Ulysses*

No Brasil Colônia foram as Casas de Misericórdia basicamente as únicas a se preocupar com o socorro ao indigente criando hospitais e albergues onde os pobres pudessem encontrar alívio para seus problemas de saúde, entre outros. Em decorrência desta atividade humanitária, a Coroa Portuguesa concedeu-lhes privilégios e isenções.

A prática da assistência hospitalar permaneceu sob a responsabilidade das Misericórdias até o início do século XX. Criadas simultaneamente ou pouco depois da fundação das principais vilas e cidades brasileiras, respeitadas e reconhecidas, as Misericórdias mereceram especial deferência de todas as classes sociais e do poder público, beneficiando-se de recursos que instrumentaram sua ação.

O primeiro estabelecimento dessa irmandade fundado no Brasil foi o Hospital da Misericórdia da Vila de Olinda, no ano de 1540. Em Pernambuco existiram cinco Casas de Misericórdia: em Olinda, Itamaracá, Goiana, Igarauçu e no Recife, cabendo a esta última a anexação dos bens da Misericórdia de Olinda em 1861. No final do século XVIII estava a Santa Casa de Olinda “reduzida a um estado lastimoso pelo decréscimo de suas rendas e desfalques de seu riquíssimo patrimônio.”⁸

A partir do final do século XIX, o Brasil ingressa no rol das nações ditas “civilizadas”, que se preocupam com seus doentes mentais. Anteriormente eram confundidos com os criminosos, relegados aos fundos dos calabouços. Esse tipo de estabelecimento, como instituição de caridade ou assistência e de separação e exclusão, manteve-se em Pernambuco ao longo de 300 anos de História. “O pobre, como pobre, tem necessidade de assistência e, como doente, portador de doença e de possível contágio, é

perigoso... O hospital deve estar presente tanto para recolhê-lo, quanto para proteger os outros do perigo que ele encarna. O personagem ideal do hospital até o século XVIII não é o doente que é preciso curar, mas o pobre que está morrendo... alguém a que se deve dar os últimos cuidados e o último sacramento." ⁹

No século XIX o hospital transforma-se em instrumento terapêutico em substituição à sua antiga função de local de amparo religioso, e a medicina passa do estágio individualizado para o estágio coletivo de medicina social. Até então, esses locais de receber doentes, asilavam pacientes portadores de qualquer tipo de enfermidade, salvo aqueles de contágio evidente, como a lepra. Os pacientes com distúrbios mentais não fugiam à regra, misturando-se aos demais. ¹⁰

Os traços gerais da chamada “psiquiatria moderna” baseava-se nos princípios idealizados pelos franceses Philippe Pinel (1745 – 1826) e seu seguidor Jean Etienne Dominique Esquirol (1772 – 1840) a quem se deve a formação do hospício como instrumento terapêutico, no qual passa-se a obedecer à ordem médica em contrapartida aos padrões filantrópicos anteriores, e começa-se a dispor também de um “receituário” arquitetônico especializado em manuais próprios.

Até meados do século XIX, os doentes mentais do Rio de Janeiro, assim como de outras províncias brasileiras, não se beneficiavam de nenhuma atenção médica específica. Os loucos, quando não eram colocados nas prisões por vagabundagem ou perturbação da ordem pública, perambulavam pelas ruas ou eram aprisionados em celas especiais dos hospitais gerais da Santa Casa de Misericórdia.

Muitos esforços foram necessários até que, em 1890, após a instauração da República, o Hospício Pedro II, posteriormente com o nome de Hospital Nacional dos Alienados, é separado da administração da Santa Casa para colocar-se sob a tutela de Estado.

Em 1881, é nomeado para a direção da Santa Casa, Nuno Andrade, médico generalista. Em 1886, Nuno Andrade é substituído por Teixeira Brandão, sendo o primeiro médico-psiquiatra a ocupar aquele posto. Com a nomeação de Juliano Moreira, em 1902, a psiquiatria ganha novo ânimo. Sob sua influencia é promulgada, em 1903, a primeira Lei Federal de assistência aos alienados. Dois anos depois surgem os “Arquivos Brasileiro de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins”. E em 1907, a “Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal”.

Em 1912 a psiquiatria torna-se especialidade médica autônoma e, desta data até 1920, ocorre um aumento importante no número de estabelecimento destinados aos doentes mentais. Em 1927, nasce o Serviço de Assistência aos doentes mentais do Distrito Federal, instituição encarregada de coordenar administrativamente todos os estabelecimentos psiquiátricos públicos do Rio de Janeiro. Em 1930, esta instituição é incorporada ao Ministério da Educação e Saúde, que assume a responsabilidade de todos os serviços psiquiátricos do país.¹¹

A partir de Juliano Moreira, os psiquiatras obtiveram o reconhecimento judiciário da Psiquiatria, o desenvolvimento da pesquisa neste campo da medicina, a consolidação dos mecanismos institucionais, entre outros. Mas, por outro lado, percebe-se uma vulnerabilidade diante dos preconceitos culturais da época. Os psiquiatras deste período “tinham tendência a confundir ou, pelo menos, a associar indevidamente os problemas psiquiátricos aos problemas culturais em geral. Para eles, os fenômenos psíquicos e culturais explicavam-se unicamente pela hipótese de uma causalidade biológica, que, por sua vez, justificava a intervenção médica a todos os níveis da sociedade.”¹²

A respeito destas transformações, Virgínia Pernambucano de Melo comenta:

“À reboque dessa nova mentalidade de medicalização do espaço hospitalar é que se construiu, pioneiramente no Brasil, o mais antigo estabelecimento destinado exclusivamente aos doentes mentais: o Hospital Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, hoje Hospital Juliano Moreira, entre os anos de 1842 e 1852. Segue-se a este, a construção do Hospital de Alienados do Recife, o segundo construído no Brasil, também chamado de Hospital da Tamarineira.

“O projeto para o Hospital, de Victor Fournié, Engenheiro de Pontes e Calçadas e Diretor de Obras Públicas de Pernambuco, baseava-se na adoção do padrão arquitetônico hospitalar mais moderno

daquele período, isto é, o Sistema Pavilhonar inspirado no princípio do isolamento, segundo um esforço classificatório próprio ao repertório psiquiátrico da época, então preceito sanitário mais avançado na Europa.”¹³

Em janeiro de 1883, com o empenho do Provedor da Santa Casa, o Desembargador Oliveira Maciel (Provedor da Santa Casa de 1876 a 1888), é inaugurado o pioneiro hospital de doentes mentais da Província. Mesmo sem estar concluído na plenitude, a inauguração foi um fato que atraiu a atenção e respeito de muitos. Os doentes são transferidos para o novo hospital da Tamarineira.

Em consequência da Proclamação da República (1889), da Constituição Republicana e de ato do Governador Alexandre José Barbosa Lima, a administração do Hospital da Tamarineira passa à responsabilidade exclusiva da irmandade da Misericórdia. A partir de então, o Hospital inicia um período de decadência crescente nos serviços de assistência aos doentes mentais que o leva a transformar-se gradualmente em simples “depósito” de doentes.

Sucessivas crises estenderam o estado de decadência da entidade, quando, em 1917, atendendo a convite do então diretor do estabelecimento, é nomeado para servir no Hospício da Tamarineira o Dr. Ulysses Pernambucano de Mello. Ao assumir o cargo de médico do antigo Hospital de Alienados, o Dr. Ulysses toma conhecimento do estado deplorável em que se encontra o hospital, iniciando, a seguir, uma fase de sérios conflitos, não só com a sua direção mas com a própria Junta Administrativa da Santa Casa, de quem exigia medidas saneadoras imediatas.¹⁴

Ulysses, com o novo diretor do hospital, Alcides Codeceira, logo trataram da reorganização do mesmo com a melhoria dos serviços e ampliação das suas atividades. Gozando de grande prestígio nos meios políticos e de largas relações sociais no Recife, Ulysses procurou ganhar para a causa dos insanos não apenas o apoio do grande público como também as simpatias de figuras representativas da elite pernambucana – Oliveira Lima e Ribeiro de Brito, Sérgio Loreto e Amauri de Medeiros, Aníbal Fernandes, Gilberto Freyre e muitos outros.

Em um Hospital de Alienados convencionava-se que os pacientes sejam portadores de doenças nervosas. No caso específico do Hospital da Tamarineira, a instituição serviu como local de punição. Ulysses Pernambucano ao tomar ciência da utilização de suas dependências como cárcere privado para adolescentes órfãs acusadas de insubordinação nos colégios da Santa Casa, onde eram educadas, de imediato convoca a classe médica e os intelectuais pernambucanos para que se posicionassem frente a situação. A Sociedade de Medicina de Pernambuco logo cobrou atitude da Santa Casa na solução deste incidente.

Outro fato que colocou Ulysses Pernambucano em confronto com a administração da Santa Casa foi com relação a intransigência da Provincial e da Superiora ante a exigência que fez Ulysses para que houvesse certa seleção das freiras que deveriam trabalhar com os pacientes alegando que, para tal função, seria necessário vocação para o ofício. As irmãs não cederam a tais reivindicações, nem aos apelos do prof. Alcides Codeceira e nem aos do Cônego Barata, capelão do hospital. Ulysses, contudo, enfrentou trabalho incansável para implantar um adequado sistema para o tratamento dos doentes mentais no Hospital de Alienados. Até que, em 1924, por meio do Governador Sérgio Loreto, consegue aprovação do Decreto Lei nº 1.639 de 5/05/1924, pelo qual o Governo do Estado assume integralmente a direção do estabelecimento que passa a denominar-se Hospital de Doenças Nervosas e Mentais.¹⁵

2.4 A Liga Brasileira de Higiene Mental e a visão psiquiátrica de Ulysses

Na reinterpretação dos discursos do período em questão, privilegiamos os discursos da medicina. Em particular o da medicina social e higiênica, que na época, em Pernambuco, teve como principal personagem, por sua contribuição como médico higienista, administrador, educador e cientista, o Dr. Ulysses Pernambucano de Melo Sobrinho.

Buscando uma nova compreensão da complexa rede discursiva erigida no momento fundador de vertentes significativas da vida intelectual brasileira, tencionamos abrir novas possibilidades de leitura de autores e idéias já consideradas como definitivas. Especialmente no final do século XIX, idéias como progresso,¹⁶ começam a fazer parte do

cotidiano das pessoas, dos agentes sociais e, mais especificamente, do discurso intelectual e dos projetos de intervenção junto à sociedade.

A Liga Brasileira de Higiene Mental – LBHM influenciou a mentalidade intelectual de sua época. Por esse motivo, dedicamos também um espaço a esta entidade que, fundada em 1923 por iniciativa de Gustavo Riedel, após seu retorno como representante brasileiro de um congresso médico latino-americano realizado em Havana, em 1922, reunia a elite da psiquiatria nacional, diversos médicos, educadores, juristas, alguns empresários e até políticos.¹⁷ A Liga procurava divulgar seus postulados através de uma variedade de meios, ou seja, artigos na imprensa, folhetos de propaganda, palestras e também pela divulgação de uma revista própria chamada “ Archivos Brasileiros de Hygiene Mental ”, que começou a circular em 1925.¹⁸

Veloso Costa lembra também, que em 26 de setembro de 1933, teve lugar a sessão inaugural da Liga de Higiene Mental. Entre seus objetivos constava a construção de um prédio destinado a crianças anormais. A escola já funcionava em condições precárias. Registrada como sociedade civil em 23 de outubro de 1934, a Liga de Higiene Mental de Pernambuco passa, então, a funcionar às expensas de doações particulares, contribuições de associados, auxílios financeiros de órgãos públicos federais, estaduais e municipais.¹⁹

No mesmo ano em que começava a funcionar, a LBHM, por força do decreto 4778 de 1923, é reconhecida como entidade de utilidade pública, passando a receber uma subvenção para o desempenho de suas atividades. Procurando oferecer serviços à população, a liga montou, durante os anos de sua existência, laboratórios de psicologia aplicada, ambulatórios de psiquiatria, consultórios gratuitos de psicanálise, aplicou testes psicológicos em escolas públicas e em fábricas, organizou diversas semanas anti-alcoólicas, montou “Clínica de Eufrenia” infantil, além de estabelecer contratos de assistência psiquiátrica com a prefeitura.²⁰

Conforme a própria instituição, seus objetivos eram a prevenção das doenças mentais pela observação dos princípios de higiene geral e especial do sistema nervoso; a proteção e amparo no meio social dos egressos dos manicômios e aos doentes mentais passíveis de internação; melhoria progressiva dos meios de assistir e tratar os doentes nervosos e mentais em asilos públicos, particulares ou fora deles; realização de um

programa de Higiene Mental e Eugenia no domínio das atividades individual, escolar, profissional e social.²¹

Nesse período, com o crescimento dos chamados setores médios urbanos impulsionados pelo avanço industrial observado no decorrer da Primeira Guerra, diversos movimentos nacionalistas emergem na cena nacional apoiados num programa de combate aos males do país. Assim é que surgem nesse contexto de busca de uma solução aos diversos problemas que afligem a nação brasileira, além da LBHM, e anteriores a ela, a Liga de Defesa Nacional (1916), Programa Nativista (1919), Ação Social Nacionalista (1920) entre outros.²²

Jurandir Freire Costa, partindo da premissa de que todo item cultural, uma vez transposta a fronteira de sua cultura de origem, sofre transformações, adverte que o fato de a psiquiatria brasileira nunca ter formulado teorias originais, não nega a especificidade de seu pensamento psiquiátrico, nem tão pouco a singularidade de sua história.²³

Ao estudar o comportamento da Liga Brasileira de Higiene Mental, afirma que não se pode omitir que a Psiquiatria no Brasil tem uma história. “Que o pensamento psiquiátrico brasileiro tem uma origem e uma evolução, de que dão testemunho os impasses, as rupturas e as transformações que ele sofreu”.²⁴ E ainda alerta para “o risco que corre o psiquiatra que se imagina 'homem de ciência' sem antes dar-se conta de que é homem de seu tempo”.²⁵

Na avaliação de Costa, os psiquiatras da liga acreditavam no mito da ciência universal, por isso, ao adotarem para o Brasil as teorias e práticas circulantes na Europa de então, acabaram por encampar, em certa medida, as idéias eugênicas propagadas pelos nazistas. Idéias imaginadas por aqueles como sendo científicas, portanto, utilizáveis.²⁶ Este procedimento levou-os a elaborar programas baseados na noção de “prevenção eugênica” advindos da psiquiatria alemã de então. Daí os psiquiatras da Liga, no caso, do Rio de Janeiro, “passarem a pedir a esterilização sexual dos indivíduos doentes, e pregar o desaparecimento da miscigenação racial entre os brasileiros, exigir a proibição da imigração de indivíduos não brancos, a solicitar a instalação de tribunais de eugenia e de salário paternidade eugênico etc”.²⁷

Era precisamente baseado em formulações “científicas” – plenas de verdade – que os psiquiatras pretendiam classificar os indivíduos em degenerados ou

sãos e, a partir daí, dizer quem teria o direito de procriar (esterilização), casar (exame médico pré-nupcial) ou até circular livremente pelas ruas (segregação por motivo eugênico). É certo que boa parcela dos psiquiatras da LBHM pretendiam classificar, julgar e condenar os indivíduos, impondo-lhes o cumprimento de tarefas nobres – como regenerar a raça e a nação – donde a necessidade de um controle do seu modo de viver ou morrer, e também nascer, tudo isso programado cientificamente de acordo com o parecer de comissões técnicas, como eles costumavam dizer.

Se pensarmos no avanço e proliferação das tecnologias bio-políticas de gestão das populações – observados por Foucault a partir do século XVIII – voltadas para o investimento sobre o corpo-espécie, isto é, para os problemas da saúde humana, duração da vida, longevidade, descendência, fecundidade, nascimento, mortalidade... e tudo isso correspondendo a um novo “Estado de Governo” empenhado não apenas no controle do território, mas essencialmente na “governamentalização da sociedade”,²⁸ possivelmente seria esse um projeto eugênico.

Castro Gomes afirma que a criação ainda nos anos 30 dos ministérios da “Educação e Saúde” e do “Trabalho, Indústria e Comércio” tinham por objetivo acionar toda uma série de providências de caráter econômico e social voltadas para o bem-estar do trabalhador, que envolvessem a transformação de aspectos básicos de sua vida como saúde, alimentação, habitação, lazer, vida familiar e profissional, sendo esse esforço visto como imprescindível para o fortalecimento do novo “Estado Nacional”.²⁹

Podemos lembrar, por exemplo, a política imigratória de “prosseguir o branqueamento”, como queria Artur da Neiva, desenvolvida no Estado Novo pelo “Conselho de Imigração e Colonização” (CIC) criado em 1938 (Neiva era uma importante figura desse novo órgão e da política imigratória em geral do Estado Novo).

O que podemos observar é que alguns psiquiatras nunca desistiram de certos objetivos radicais. Após um recuo tático, ressurgiam empunhando a bandeira das suas antigas formulações. Em 1946, num artigo no jornal o Estado de São Paulo, Pacheco e Silva, aspirando cargo na Assembléia Constituinte do período, volta a agitar certos temas eugênicos radicais, como a necessidade de um rígido controle imigratório, obrigatoriedade do exame pré-nupcial e até a esterilização.³⁰ Tudo isso em defesa, mais uma vez, dos objetivos superiores da “saúde da raça” e do “interesse coletivo”.

Jurandir Freyre Costa acredita que não é verdade que todos os psiquiatras admitiam as idéias eugênicas. E diz:

“ é possível que a maioria tenha se omitido diante da maré de idéias nazistas que invadia o pensamento da liga. Mas somente aqueles que aderiram à idéia de prevenção, deixaram-se seduzir pelo paradoxo eugênico. Enquanto a psiquiatria organicista, mesmo admitindo a noção de hereditariedade da doença mental, contentou-se em atender os indivíduos clinicamente doentes, a noção de eugenia permaneceu como uma idéia de menor importância”.³¹

Jurandir Freire Costa, em “A História da Psiquiatria no Brasil”, analisa a Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada em 1923 por Gustavo Riedel para procurar aperfeiçoar a assistência aos doentes. Diz Jurandir que depois de 1926, houve mudança dos objetivos iniciais. Até que, em 1934, “começa a ter orientação diferente da inicial pela simpatia aos princípios nazistas, de natureza racial (...) Entretanto, alguns psiquiatras, legítimos representantes da psiquiatria brasileira, entre eles Ulysses Pernambucano, divergiam da orientação seguida. Divergiam na discriminação para o homem forte, traduzida no delírio arianista.”³²

Ulysses Pernambucano, Catedrático de Semiologia Neurológica na Faculdade de Medicina do Recife e Diretor Geral da Assistência a Psicopatas, organizou um curso de extensão universitária sobre Higiene Mental, na Faculdade de Medicina do Recife, em outubro de 1935.

“ As dificuldades apontadas para estudos cientificamente orientados no domínio da Higiene Mental crescem e avultam quando se tem – como foi o meu caso – de fazer um curso sistemático da matéria. Encarregado pelo Conselho Técnico-Administrativo da

Faculdade de Medicina de fazer um curso de extensão sobre Higiene Mental abandonei qualquer orientação que parecesse simples exposição teórica, sem contato com a realidade de nossos problemas locais.

Assim (...) resolvi propor aos alunos inscritos – acadêmicos de medicina, médicos e professores dos três últimos anos do curso primário – a apresentação de uma série de monografias onde fossem estudadas :

a) as constituições psicopáticas mais freqüentes encontradas.

b) as doenças mentais, segundo a classificação da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.

(...) Espero conseguir assim uma série de monografias que refletirão bem os aspectos gerais de problema da Higiene Mental, de um ponto de vista principalmente social, aplicado às contribuições psicopáticas e às doenças mentais definidas”.³³

Vai centrar os seus olhares na coletividade, nos focos de possível surgimento da enfermidade, voltando seu discurso para a promoção do indivíduo desprovido de tudo. Elevando-o à condição de cidadão. A tônica do momento nos centros modernos internacionais.

Exercia sua influência no sentido de abrir perspectivas ao atendimento do doente, sem distinções de qualquer natureza. Encarava-o apenas na doença e em função da modelagem social. “Aí está seu inegável pioneirismo, sua transhistoricidade. Criou serviços, melhorou serviços, desenvolveu uma intensa ação social.”³⁴

Ulysses Pernambucano cria, em 16 de maio de 1931, o Serviço de Higiene Mental. Este Serviço destinava-se a incrementar ações integrais de higiene e de profilaxia mentais, pesquisar e proteger predispostos a psicopatias iniciais. Os deficientes mentais, também se incluíram nos objetivos do novo serviço. Logo de início, foram feitos

inquéritos e sondagens, caracterizando ambientes de trabalho com a finalidade de pesquisar causas sociais e ecológicas de doença mental e distúrbios de ajustamento. “Foi uma antecipação sob vários pontos de vista, de atividades que ocupam, em nossos dias, a psiquiatria de comunidade”.³⁵

Ulysses tomou a orientação contrária à influencia organicista, em pleno apogeu nas primeiras décadas do século XX. No dizer de Jurandir Freire Costa, “Pernambucano promovia a inauguração dos hospitais e conduzia a psiquiatria para o estudo, do que veio a ser chamado, em seguida, Psiquiatria intercultural e que buscava demonstrar a irracionalidade do preconceito racial nas avaliações negativas dos predicados psíquicos e culturais da comunidade negra brasileira”.³⁶

A revolução psiquiátrica que influencia o meio médico em algumas épocas, teve como pioneiro a figura corajosa de Ulysses Pernambucano, desenvolvendo reformas e inovações dentro do tratamento das deficiências mentais. Tais mudanças ainda hoje são consideradas revolucionárias, pois atendem às necessidades tuais. Ulysses é um homem fora do seu tempo. Mesmo que seu tempo fosse hoje.

As palavras de Valdemar Valente, em “Presença de Ulysses”, artigo publicado no Diário da Noite em 04/10/1966, ilustram esta afirmação:

*“Ulysses Pernambucano foi, no campo de sua especialidade – a psiquiatria – um renovador e um reformador. No tratamento e prevenção das doenças mentais, adotou o critério, já então reclamado por Gilberto Freyre, da interrelação disciplinar. Daí, utilizar técnicas da sociologia e da antropologia cultural, passando do campo da psiquiatria social. Quando instalou em 1931 a Colônia de Alienados, em Barreiros, sua maior preocupação foi aproveitá-la na prática da laborterapia sistematizada.”*³⁷

Jamesson Ferreira Lima enfatiza com entusiasmo que a vida de Ulysses Pernambucano é a de um personagem que “jamais se deixou vencer”, que não hesitou em

defender aqueles que não tinham condições de exigir seus direitos essenciais a condição humana:

“e aspirou a atingir os confins obscuros das almas (...) de espírito criador, capaz de influenciar caminhos, modelá-los em direção ao monumento da sensibilidade... Ele estudou a alma na tentativa de equacionar os fatores da angústia e suavizar o evento aflitivo. Logo antecipou-se à hipótese de que a doença mental, muitas vezes resultante de pura dinâmica do processo psicológico, é uma situação existencial, mas não retira do ser humano atingido sua condição de participante. Plasmou, assim, imagens que significam idéias renovadoras ao acentuar a influência da sociogênese na configuração da mente. Neste sentido realizou trabalho heróico.

"Ulysses Pernambucano soube fixar-se na época, em seu momento histórico, pela força de comunicação pessoal, pela trepidante diligência, no sentido da renovação de métodos e conceitos repassados de substância fria e anti-humana. O médico, o educador, o antropólogo, enfim, o homem pleno e inquisitivo revelou-se, no tempo, um pesquisador, não propriamente da loucura, o que seria abstrato e aleatório, mas do homem estrangeiro no país da sanidade convencional. Do homem face ao seu esquivo relacionamento.”³⁸

Jordão Emerenciano, referindo-se às transformações implementadas no Hospital de Alienados, ilustra deste modo a contribuição de Ulysses Pernambucano em seu tempo:

“É conhecido o esforço e a dedicação quase heróica que foram necessários para que os doentes mentais viessem a ter um tratamento e uma hospitalização menos desumanos. Hoje já nos parecem remotos os tempos em que os portadores de tais doenças eram recolhidos à Casa de Detenção – onde mais se endemoniavam – porque ainda não havia estabelecimento apropriado e eficiente para um tratamento científico. Parece remoto – mais foi de ontem. (...) um penoso e nobre esforço da medicina pernambucana – em luta com a incompreensão, fatores econômicos, velhos preconceitos sociais e até contra circunstâncias políticas, para colocar a especialização psiquiátrica, em Pernambuco, à altura do que já se fazia em outros sítios. (...) O médico José Lucena fala em uma escola psiquiátrica pernambucana, e, em trabalho sério e bem elaborado, menciona as 'características da Escola Psiquiátrica de Pernambuco' Escola criada e dirigida por Ulysses Pernambucano – essa figura invulgar de médico, de cientista, de organizador, de estimulador e de orientador estudos. Médico – bem letrado e bem lido em outras disciplinas – que não se fechava só na sua especialidade”.³⁹

Olívio Montenegro ressalta o desejo interativo de Ulysses onde pacientes com residência próxima ao manicômio eram observados em casa, o médico procurava saber dos cuidados com a higiene, os horários das refeições no sentido de assegurar um ambiente favorável a recuperação deste.

“E não é em vão que se é médico das doenças do espírito, que se entra em contato com as relações mais íntimas do ser, que se processam no homem. Que se observa o fundo da vida. E observa-se

não para generalizar como doutrinador, para consolar como sacerdote, ou para romantizar como poeta, mas para curar como médico. Por força que o profissionalismo dessa natureza, consciente do seu papel, há que sair de tais sondagens com uma consciência de dever para com seu semelhante muito mais extensas, e de um interesse muito mais humano do que qualquer outro. Ele terá por força para exercer com probidade o seu diagnóstico, que examinar não só o doente, mas preocupar-se com o meio social onde viva.

"Nesta visualização, antecipa-se um conceito vertical sobre o médico, que situa os problemas individuais em conexão com a coletividade. Uma atitude na abordagem psiquiátrica desconhecida ou ao menos, muito rara, nascente. As idéias, como fenômenos humanos, estão, em geral, associadas ao histórico. Por isso, a avaliação do homem decorre, em princípio, do papel que desempenhou no palco do tempo. Todavia, outros têm faculdade intuitiva, ação transhistórica. Avançam, transpõem a circunstância temporal e persistem como vibração do som que não se exaure, ou reflexo de luz que nunca se apaga.

"Ulysses afastou-se da organicidade absoluta de 'sistemas nosográficos' de Kraepelin, que apreciava o doente enclausurado, sem abertura para o mundo. Foi um dos psiquiatras que perceberam a necessidade de abrir novas rotas à doença mental, esperançoso de que a especialidade não viesse a refletir apenas uma projeção da sociedade restritiva, à qual ela se ligava consciente ou inconsciente. A psiquiatria, em nome da sociedade, praticava muitas

*vezes medidas anti-humanas, representativas do arquétipo da limitação”.*⁴⁰

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SINGER, Paul. Prevenir e Curar: o controle social através dos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
2. FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. p. 95
3. SINGER, P. Prevenir e curar. Op. Cit.
4. COSTA, J. F. História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Ed. Documentário: Rio de Janeiro, 1976. p.12.
5. Idem. p.12.
6. Ibidem. p.13.
7. Ibidem. p.13.
8. Ibidem. p.14.
9. BIRMAM, Joel. A Psicanálise como Discurso da Modernidade. Rio de Janeiro: GRAAL, 1978
10. Idem.
11. COELHO FILHO, H. A Psiquiatria no País do Açúcar. 2 ed. Recife: ABIGRAF, 1983.
12. Idem.
13. PERNAMBUCANO DE MELO, Virgínia. in: Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco. V. LVIII. CIA. Ed. de Pernambucana – CEPE: Recife,1993.
14. Idem.
15. Ibidem. p. 301
16. RABELO, S. O Estudo da Criança Pernambucana. In: Estudos Pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano. Gráfica Jornal do Comércio: Recife, 1937.
17. COSTA, Veloso. Pernambuco e Tempo. URPE, 1978.
18. MAIO, Marcos Chor. (org.) Raça, Ciência e Sociedade. rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB,1996.
19. CALDAS, M. A Higiene Mental no Brasil. In: ABHM Ano III , nº 3, março de 1930.
20. COSTA, Veloso. Op. cit.
21. COSTA, J. F. História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Rio de Janeiro: Editora Documentário , 1976.

22. IDEM
23. OLIVEIRA, Lúcia L. A Questão Nacional na Primeira República. São Paulo: 1985.
24. COSTA, J. F. História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Rio de Janeiro: Editora Documentário , 1976.
25. IDEM
26. IDEM
27. IDEM
28. IDEM
29. FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
30. GOMES, M. C. Invenção do Trabalhismo. Rio de Janeiro: Vértice - IUPERJ, 1988.
31. IDEM
32. COSTA, J. F. Ordem Médica e Norma Familiar. 3^a ed. Rio de Janeiro : Graal, 1989
33. IDEM
34. PERNAMBUCANO DE MELO, U. A Psicologia em Pernambuco. Archivos Brasileiros de Higiene Mental, III (1) p. 85-90, Mar/1930.
35. CERQUEIRA, L. “Ulysses Pernambucano, meu mestre”. Recife, 1976.
36. RABELO, S. O Estudo da Criança Pernambucana. In: Estudos Pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano. Gráfica Jornal do Comércio: Recife, 1937.
37. IDEM
38. VALENTE, Valdemar. Presença de Ulysses. Diário da Noite. Recife, 04-10-1966.
39. EMERECIANO, J. In: COELHO FILHO, H. A Psiquiatria no País do Açúcar. 2 ed. Recife: ABIGRAF, 1983. Prefácio da 1^a ed.
40. MONTENEGRO, O. A ação de um Psiquiatra. In. Estudos Pernambucanos Dedicados a Ulysses Pernambucanos. Academia Pernambucana de Medicina. Recife: UFPE, 1978.

CAPÍTULO 3

ULYSSES: VIGIAR E PUNIR



3.1 Ulysses e sua época

A época de Ulysses Pernambucano foi tempo de grandes mudanças. Tempo de busca e consolidação de uma identidade nacional para o país. Finda a I Guerra Mundial (1918), o Brasil viu-se inserido num mundo bastante mudado. De um lado os EUA passavam à liderança como nação mais poderosa. Do outro lado a Revolução Russa começa a edificar a primeira sociedade socialista da História. O mundo iria, daí em diante, depender das relações entre as duas novas grandes potências.

O Brasil é chamado à adaptação aos novos tempos. Parcelas da população até então excluídas começaram a pressionar para influir nos destinos do país. Intensificaram-se os movimentos operários, em geral reprimidos à força. A burguesia urbana, nascida com a industrialização, e setores jovens das forças armadas passaram a combater a situação vigente, configurada no coronelismo e na política café-com-leite.

Pregavam uma revolução. Juntando-se a isso a crise da década de 1920 que atingiu a economia brasileira nos seus dois pilares básicos, a indústria e o café, é formado o cenário de várias revoltas que culminará com a queda do Governo vigente e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, em 1930.

A Primeira República (1889 – 1930) foi marcada como período onde ocorreu uma série de transformações da sociedade brasileira, principalmente com a expansão do capitalismo pelo crescimento da sociedade urbano-industrial. Com mudanças na estrutura social, caracterizada principalmente pelo aparecimento de uma burguesia urbana e do proletariado, pelo crescimento das classes médias, embora o poder político permanecesse nas mãos das oligarquias estaduais. Foi uma época de grandes agitações sociais e sucessivas revoltas, da renovação, entre outras, da psicologia e da psiquiatria.

Como se percebe, no final da década de 1920, o sonho republicano começa a ser posto em dúvida, e culmina com a crise de 1929, agravando ainda mais a situação. A chamada Revolução de 30 foi uma aliança de diversas facções. Uma frente ampla que contou com o apoio das classes médias urbanas civis e militares, do crescente proletariado, e também de parte das oligarquias. Constituindo-se assim o que Boris Fausto denominou de “Estado de Compromisso” .¹

Todavia os antagonismos logo voltam a surgir, como por exemplo entre os tenentistas e grupos conservadores e entre as posições de direita e as de esquerda. A polarização política da época opunha integralistas e comunistas. De um lado o internacionalismo vermelho. De outro o nacionalismo verde. Ao comunismo aderiram principalmente os operários e grande parte dos imigrantes. À outra parte da população, o Integralismo apareceu como alternativa pelo seu ideário moralista. O Integralismo, mais que um partido representava um conjunto de códigos éticos e comportamentos com disciplina rígida – assistencialistas, construía escolas e ambulatórios e distribuía cestas de alimentos para os pobres. Tinha a simpatia de prelados da Igreja, como D. Helder Câmara, por exemplo.

O novo governo pós 30 fez concessões aos trabalhadores e, ao mesmo tempo, exerceu sobre eles forte controle. Transformou o sindicato em colaborador do Estado. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943, teve por base a Carta do Trabalho do governo fascista italiano. Os sindicatos perderam sua autonomia e ficaram presos a uma série de normas.

A repressão ao movimento comunista de 1935 reforçou o autoritarismo de Vargas que, com o apoio de amplos setores do Exército e setores das elites dominantes, passou a conspirar para se perpetuar no poder. A situação internacional favorecia a solução autoritária. Fascismo e nazismo, na época, pareciam a muita gente regimes “dinâmicos”, melhores que as democracias “decadentes”. Os seguidores de Vargas usaram como pretexto a ação dos comunistas – embora estivessem eles quase todos presos.

Getúlio Vargas decretou o estado de guerra e procurou o apoio das Forças Armadas e dos governadores. Diante do fantasma do comunismo, foi fácil conseguir a união geral, apesar da posição de alguns que julgavam possível afastar o comunismo sem cancelar as eleições. Em 10 de novembro de 1937, às dez da manhã, Getúlio, já ditador, instaurou o Estado Novo e apresentou aos ministros a nova Constituição. Para combater o comunismo, Vargas usou os integralistas que haviam ajudado a forjar o Plano Cohen. Mas, após o golpe, eles se tornaram um incômodo.

No momento crucial para a consolidação do Estado Nacional, o chamado Estado Novo tem como características básicas o fortalecimento do Executivo Federal, o relativo distanciamento e enfrentamento das forças sociais através da estrutura corporativista, a abolição dos partidos políticos e o conseqüente controle da vida política do país.²

A instalação do denominado Estado Novo acarreta uma série de transformações na sociedade brasileira. No caso específico de Pernambuco a política se redefine, e a antiga elite, liderada pelo governo Carlos de Lima Cavalcanti, é totalmente alijada do poder. Em Pernambuco a situação se complica. Pois o governo C. L. Cavalcanti, uma das mais expressivas lideranças da Revolução de 30, considerado “tenente civil”, possuía uma ampla legitimação junto aos diversos setores da sociedade.³

Agamenon Magalhães diverge do Governo Federal na sua política para pacificar Pernambuco. O interventor não aceita uma série de decisões do Governo Central. E em pouco tempo de administração, ele havia alijado a antiga elite política pernambucana. Em dezembro de 1938 Vargas decide nomear o ex-governador Carlos de Lima Cavalcanti embaixador do Brasil na Colômbia. Facilitando, deste modo, o trabalho de Agamenon na substituição dos cargos por uma elite comprometida ideologicamente com o novo governo.

Tendo por base a Constituição de 10 de novembro de 1937, o regime justificava a intervenção do Estado nos meios de comunicação. O Estado, enquanto

coordenador de todas as atividades econômicas, políticas e sociais, desempenharia também o papel de doutrinador ideológico.

3.2 – *O homem social e o “homem quase político”*

A percepção da problemática nas áreas da educação e saúde não ocorreu de maneira uniforme no país. No entanto, pode-se afirmar que a medicina e a educação tornaram-se, inicialmente, parte importante de um amplo projeto de ação social que propunha a adequação à sociedade moderna. Pode-se dizer que houve, nos estados brasileiros de modo geral, uma luta pela ampliação das oportunidades de acesso à educação e pelos direitos a uma assistência médica digna para a população. A partir de 30 passou-se a privilegiar o ensino técnico-profissional. Ulysses Pernambucano estará na base dessas mudanças, capacitando profissionais como professores para o ensino primário normal e excepcional, agentes de saúde, assistentes visitadoras, enfim, um corpo técnico dirigido para um melhor atendimento à população.

Como a história da educação de um país está estreitamente relacionada com as transformações econômicas, políticas e socioculturais, estas irão interferir nos padrões educacionais no sentido de imprimir ao ensino as formas de cidadania, evidenciando a questão dos limites e possibilidades da educação como instrumento de conservação ou de mudança.

A participação de Ulysses nos dois setores da ação governamental - saúde e educação - foi intensa, pois, de sua “função de médico psiquiatra, fez uma atividade de psicólogo social e de higiene mental; da função de educador, fez uma atividade de orientação de pais, de industriais, de urbanistas, de legisladores, de homens de boa vontade”.⁴ Todo esse movimento, de certa maneira frenético do psiquiatra, atrairá a atenção dos seus algozes.

Devemos ainda atentar para o fato de que muitos dos que apoiaram a revolução de 30 não estavam satisfeitos com as ações do governo. Esta insatisfação dará início a levantes como o de 9 de julho de 1932. Dia em que estourou a Revolução Constitucionalista que levou Vargas a, finalmente, convocar eleições para a Assembléia Constituinte, tão esperada pela população, principalmente a elite paulista. Eliana Dutra lembra que entre os anos de 1935 e 1937 proliferaram representações em torno da idéia de

revolução – umas, legitimando situações; outras, sugerindo nova legitimidade no campo político. A autora salienta que “ produção imaginária, que tem a revolução como centro de sua representação política, será o objeto e o lugar dos conflitos sociais”.⁵

Cada qual com suas idéias, apresentava-se como revolucionário. Para os situacionistas de 30 ser revolucionário era ter o controle da sociedade sob um regime autoritário. Para outros setores colaboradores desta revolução, ser revolucionário seria implantar o sistema democrático da forma mais ampla possível atingindo (beneficiando) a parcela da população que antes encontrava-se excluída das benesses do regime republicano em sua primeira fase.⁶

Ulysses Pernambucano situava-se neste segundo grupo. Embora não estivesse interessado na política partidária, para ele, colaborar com a revolução era implementar reformas de largo alcance social. Por isso pode ter causado temor aos que não queriam tantas mudanças. Era também provocador. Aos que tencionaram atrapalhar seu trabalho ele respondeu com ação e mais trabalho. As dificuldades, mesmo financeiras, não significavam entraves às realizações. Os obstáculos, ele os venciam todos. Seu entusiasmo granjeava adeptos, dispostos a sacrificar seus próprios salários para atender as necessidades dos menos favorecidos. Isso podemos constatar em artigo de jornal datado de 28-12-1932 constante do seu prontuário com a seguinte manchete:

“PARA DESESPERO DOS MALDIZENTES...”
“Perante o corpo clínico da Assistência a Psicopatas, o prof. Ulysses Pernambucano faz uma exposição de como têm sido aplicadas as verbas destinadas pelo Estado a esse serviço”. “Pernambuco muito se pode orgulhar de possuir uma das melhores colônias de alienados do Brasil, uma organização de Manicômio Judiciário, que presta os melhores serviços à Justiça e de ter sido, no país, o primeiro a instituir serviços oficiais de Higiene Mental e Hospital Aberto.”⁷

Esta é uma manchete em três tamanhos de letras onde encontram-se resumidos o que mais se quer dizer. Ou seja, chamar a atenção do leitor para a importância

desta unidade hospitalar, de feitos pioneiros, altruístas e de valor cívico. Na explanação compara as realizações com a escassa quantia em proventos destinados pelo poder público para aquela unidade. Fala ainda da necessidade de se economizar mais em cada setor para atender as prioridades. Conclama os funcionários a somar-se ao Estado numa hora de sacrifício, não perdendo a oportunidade de espetar os “maldizentes” com a exposição dos milagres que se conseguiu com tão pouco. Então discorre Ulysses:

“A situação do Estado impõe a todos os serviços uma hora de sacrifícios. Vamos, pois, enfrentá-la corajosamente. Antes, porém, de oferecer de bom grado a nossa quota, vejamos, mais uma vez, para nossa tranqüilidade dalma e desespero dos maldizentes, quanto pesávamos e quanto passamos hoje aos cofres públicos.

"Eu tenho a documentação em meu poder que prova que o Estado gastava, só com a manutenção do Hospital de Alienados cerca de 750 contos anuais.

"Todos vós sabeis que o Hospital estava com lotação excedida de muito, dormindo os doentes em grande promiscuidade no chão frio. Uma reforma se impunha. Ela foi feita em moldes tais que não somente foi atendida a situação do Hospital como criados novos serviços que constituem hoje a Assistência a Psicopatas. Pernambuco se pode orgulhar de possuir uma das melhores colônias do Brasil,...

"Que pesados sacrifícios impôs ao Tesouro a nova organização?

"(...)Enfrentemos resolutamente o sacrifício que nos pedem. O nosso orçamento será de 786 contos, pouco mais do que o Estado gastava com o Hospital de Alienados.

"Para não desorganizar nem suprimir serviços que socorrem mais de 1400 doentes, todos nós devemos dar um pouco de nossos vencimentos.

"Ofereçamos nossa quota, de coração alegre, contanto que Pernambuco não veja suprimidos serviços que fomos os primeiros a introduzir no Brasil..."⁸

A participação de Ulysses no meio sindical, com a organização das entidades representativas das classes médica e estudantil, seus pronunciamentos em jornais, divulgando realizações e incentivando os movimentos sociais em campanha para melhoria das condições gerais, produzirão certo estado de incômodo em parcela das elites dominantes.

À frente do sindicato dos médicos, Ulysses promove congresso e abre os debates, conforme nota do Diário de Pernambuco em 03/11/1933:

1º Congresso Médico-Sindicalista, em Garanhuns.

Nota de chamada: "Tenho o maior prazer de enviar por intermédio do Diário de Pernambuco uma fraternal saudação a todos os médicos do Estado e do Brasil, no momento que vamos iniciar os trabalhos do 1º Congresso Médico-Sindicalista.

Ulysses Pernambucano."

Em artigo publicado no Diário de Pernambuco em - 31 de outubro de 1931, com o título "Um veneno ao alcance de todos", Ulysses revela mais uma de suas preocupações:

"(...)A propaganda anti-alcoolica há de se fazer nas escolas. É através da escola que o futuro cidadão saberá todos os males que o álcool faz ao corpo e à alma. Para isso as estatísticas falarão mais alto que as todas as palavras.

"Creio que era Londouzyy quem dizia que o álcool prepara a cama para a tuberculose, não só para a tuberculose mas para todos os psicopatas. Em todos os predispostos às doenças mentais, o álcool apressa o aparecimento da tendência mórbida, agrava os sintomas, precipita a marcha, sobretudo o prognóstico.

"As estatísticas dos hospitais de alienados, porém, só na rubrica de psicoses alcoólicas, aqueles em que o álcool é a causa única do mal e a sintomatologia é a própria do alcoolismo cerebral. Nos últimos dez anos, (1921-30) 1038 doentes foram internados no manicômio da Assistência a Psicopatas por alcoolismo".

Percebe-se que Ulysses tinha na propaganda um forte aliado na divulgação de artigos educativos. Gilberto Freyre menciona que “sentia nos trabalhos do psiquiatra, inteligente e admiravelmente em dia com as novas tendências da medicina social, uma vida, uma flama, um espírito que contrastava com a estagnação do Recife”.⁹

A ação de Ulysses não se limitava aos doentes ricos ou aos hospitais, mas se estendia ao meio, ao ambiente social, onde segundo ele se podia encontrar a raiz das doenças. Como era da competência do Serviço de Higiene Mental do hospital de Assistência a Psicopatas divulgar e orientar a população através de “publicações em jornais, palestras pelo rádio, etc. este serviço promovera em outubro de 1931 uma Semana anti-alcoólica”.¹⁰ Achamos oportuno registrar aqui trecho do discurso do Dr. Gildo Neto responsável pelo Serviço Aberto do hospital:

“O ALCOOLISMO SOB O PONTO DE VISTA MORAL”

“(...)Porque sabemos que não há entraves para a moral, e que de muito ela se esforça para extinguir o alcoolismo – vicio abominável que aniquila o indivíduo e desgraça a raça.

“...A melhor tarefa no assunto é doutrinar, esclarecer(...) mostrando que o uso como o abuso de bebidas, destiladas ou fermentadas, é sempre prejudicial, por conseqüências terríveis que se não destroem imediatamente a inteligência trazem de princípio o entibramento moral, aos poucos a perda da afetividade e por ultimo a degradação moral.

“O alcoólatra prejudica-se a si e a sua descendência. Filhos de ébrios são epiléticos, loucos, criminosos, suicidas. As bebidas alcoólicas devem ser proscritas.

"Estamos em que a medicina aproximar-se-á mais da moral quando interditar os vinhos medicamentosos. Drshumbert afirma que muitos alcóolicos, principalmente mulheres, começaram por aí.”¹¹

Percebe-se nestas palavras uma diferença de enfoque entre a proposta do doutor Gildo Neto e a de Ulysses. Enquanto o discurso moralista do Dr. Gildo Neto atém-se à questão da degeneração racial, solicitando intervenção governamental proibindo o uso de certos remédios, como medida de prevenção, o discurso do Dr. Ulysses, voltado para a questão da cidadania, centra-se na pessoa, o indivíduo que poderá ser acometido da doença em decorrência do uso do álcool, enfatizando a importância do esclarecimento ao público através da educação.

Como era de se esperar, Ulysses, professor e também médico, sabendo da importância da alimentação para o desenvolvimento de um organismo saudável, apoiará a iniciativa dos “moços” nordestinos – preocupados com a precariedade de suas condições – na realização do 1º Congresso Regional da Juventude, aceitando presidir a abertura deste, na tarde do dia 15-09-1935. Como relata o jornal “Folha do Povo” com data de 16-08-1935: “ Instalou-se ontem o 1º Congresso Regional da Juventude.”

“ ... *COMO DECORREU A SESSÃO*

"Às 14 horas, presente grande numero de jovens de todas as classes sociais, o prof. Ulysses Pernambucano deu por aberta a sessão. Pronunciando palavras veementes de apoio ao movimento que agora se iniciava por todo país pela melhoria das condições de vida da juventude.

"Refere-se em seguida à campanha da boa alimentação(...) a juventude trabalhadora não se alimenta suficientemente em vista da situação econômica em que se encontra, não podendo em absoluto arcar com as despesas de super alimentação, pois é feliz o jovem operário que atualmente se subalimenta. Originando-se daí o raquitismo que caracteriza a grande maioria do povo brasileiro e o problema da criminalidade infantil, pois é justamente o operário, a classe que vive em pior situação econômica, donde sai o maior número de crianças delinqüentes.

"Terminando o seu discurso, foi o professor Ulysses Pernambucano vivamente aplaudido".

O Dr. Ulysses preocupava-se particularmente em destruir todos os possíveis focos causadores da alienação mental, chamando a atenção das autoridades para os locais onde a doença poderia se instalar. A exemplo do que fizera na Escola Normal, onde através de inquérito procurou detectar a má alimentação das crianças, instituindo em seguida a merenda escolar, tentou atacar o problema da delinqüência sugerindo programas de apoio alimentar. Sua preocupação não se limitava à escolas e hospitais. Para ele, o lugar da prevenção encontrava-se na sociedade.

Ao analisar este momento em que Ulysses atua, vale observar, aproveitando as palavras da professora Silvia Cortez, que “o micróbio vermelho” já contaminava o ar. Medidas como a “Lei Monstro”, a Lei de Segurança Nacional, já

estavam a postos”.¹² Ulysses não se intimida. Encontramos em seu prontuário folheto divulgando o 1º Congresso Nacional da Juventude do Brasil, onde mais uma vez ele comenta as condições de miséria “por que passa a juventude patrícia”, imprimindo sua assinatura junto com a de muitos outros intelectuais desta capital, como Gilberto Freyre, Evaldo Coutinho, Olívio Montenegro, Silva Jardim, Artur de Sá, Cícero Dias, Rubem Braga, João Marques de Sá, Paulo de Couto Malta, Waldemar Cavalcanti, Heloisa Chagas, Ida Marinho Rego, Osório Lima entre muitos outros.

Este era o teor do referido folheto:

“Vai se reunir, no Rio, em breve, o Primeiro Congresso Nacional da Juventude. Ele já tem o apoio dos grupos mais conscientes da mocidade estudantis, proletária e popular das grandes capitais do Brasil.

“Trata-se de uma ampla reunião em que vão ser estudadas sobre o mais imparcial e objetivo critério, os problemas dos moços de Brasil. Esses problemas são de ordem econômicas e cultural.

“A grande massa da juventude patrícia vive hoje em condições e maior ou menor miséria. Nenhum intelectual honesto desconhece este fato. Muito menos os intelectuais do Nordeste. A mocidade popular do Nordeste é coagida pela necessidade a trabalhar desde muito cedo, nas fazendas, nas usinas, nos engenhos, nas fábricas, no comércio, nos transportes, dentro de um regime de vida singularmente duro. A alimentação de charque e da farinha, insuficiente e ilusória, os salários mesquinhos, a ausência de todo conforto nos mocambos plantados na lama, a impossibilidade material de educação e higiene, a rudeza do trabalho – é este o quadro sombriamente desenhado, as conseqüências morais e econômicas resultado social

dessa formação do homem do nordeste, ninguém ignora.

"O congresso não se propõe a resolver esses problemas. Quer esclarecê-los, estudá-los em suas causas e seus efeitos, tanto quanto possível. ...

"O congresso aparece assim como um movimento de grande interesse cultural e humano. Por isso tem recebido, no sul do país, o apoio das mais variadas correntes intelectuais. ...

"Os que reconhecem a situação da mocidade brasileira, querem verificar os fatores reais dessa situação e contra ela trabalhar, deixam aqui as suas assinaturas apoiando, nos termos acima, o 1º Congresso Nacional da Juventude Proletária, Estudantil e Popular." ¹³

As preocupações de Ulysses com a psicologia social o levaram a realizar estudos a respeito das condições de vida da população rural de Pernambuco, desenvolvendo uma visão crítica em relação à oligarquia usineira. Este posicionamento fez com que fosse criada uma atmosfera de perseguição em torno de Ulysses Pernambucano, forçando a sua transferência para o Rio de Janeiro.

É válido registrar o embate travado por Ulysses e seu grupo do Instituto de Psicologia com o Sindicato dos Usineiros. Este sindicato publica em vários jornais pernambucanos comentários sobre a vida digna do trabalhador do açúcar. O grupo de Ulysses em resposta a tais publicações escreve em nota publicada no "Jornal Pequeno" de 6 de maio de 1935:

"Tendo o Sindicato dos Usineiros, em nota publicada nos jornais de domingo, afirmado que em Pernambuco as condições de vida, de habitação e assistência médica e hospitalar dos trabalhadores da usina, ao contrario do que tem dito e escrito certas

críticas talvez precipitadas, são condições quase ilícitas, não faltando a esse nosso proletário rural nem 'habitação higiênica', 'como área para plantação e criação', nem 'outras vantagens e garantias', inclusive, 'fornecimentos de remédios' e até de uniformes aos filhos dos operários, os abaixo assinados vêm, respeitosamente, opor dúvidas a algumas dessas afirmações, oferecendo-se para, em comissão, realizarem um inquérito que esclareça a verdadeira situação de vida e de trabalho em nossas fábricas de açúcar. Nas excursões necessárias a esse inquérito, que terá rigorosa orientação científica, os abaixo-assinados poderiam ser acompanhados por outros especialistas em assunto de Medicina Pública, Sociologia e Educação, da escolha do Sindicato dos Usineiros de Pernambuco.”

Assinam os Drs. Ulysses Pernambucano, Gilberto Freyre, Olívio Montenegro e Sylvio Rabelo.¹⁴

Inquéritos estavam na moda. Acompanhando a carreira de Dr. Ulysses inquéritos de opinião foram freqüentes. Entretanto, o que vai ampliar seu prontuário será certamente este acima transcrito. Enquanto os inquéritos podiam ser incorporados ou não ao “status quo”, esse possuía elementos que o sistema considerava como desestabilizadores.

3.3 – O olhar da suspeição e a urdidura do prontuário

A vitória da revolução de outubro de 1930 levou ao poder Carlos de Lima Cavalcanti, que imaginou um vasto programa de reformas e realizações progressistas para o Estado. E, para diretor da Tamarineira, resolve reconduzir Ulysses Pernambucano. A muitos políticos pareceu imprudente e inoportuna essa nomeação. Um nome como o de

Ulysses que, sem ser político militante, estava contudo profundamente ligado aos principais dirigentes do partido deposto, causou espécie. Mas o interventor não só manteve a nomeação como pediu ao novo diretor que sugerisse as medidas necessárias para uma completa assistência aos psicopatas do Estado.

Em 1931 era-lhe confiado o comando supremo do hospital. Pouco depois, em 26 de maio, foi publicada a reforma deste com o decreto de janeiro de 1931. A Divisão de Assistência a Psicopatas foi a maior realização de Ulysses. Usando as palavras de Cerqueira, “o que executou foi uma verdadeira revolução. Do ponto de vista científico, o plano de assistência aos doentes mentais por ele idealizado e realizado foi o melhor e mais perfeito de quantos têm sido executados no Brasil”.¹⁵ O Serviço de Higiene Mental foi de fato o primeiro a ser criado no Brasil pelos poderes públicos.

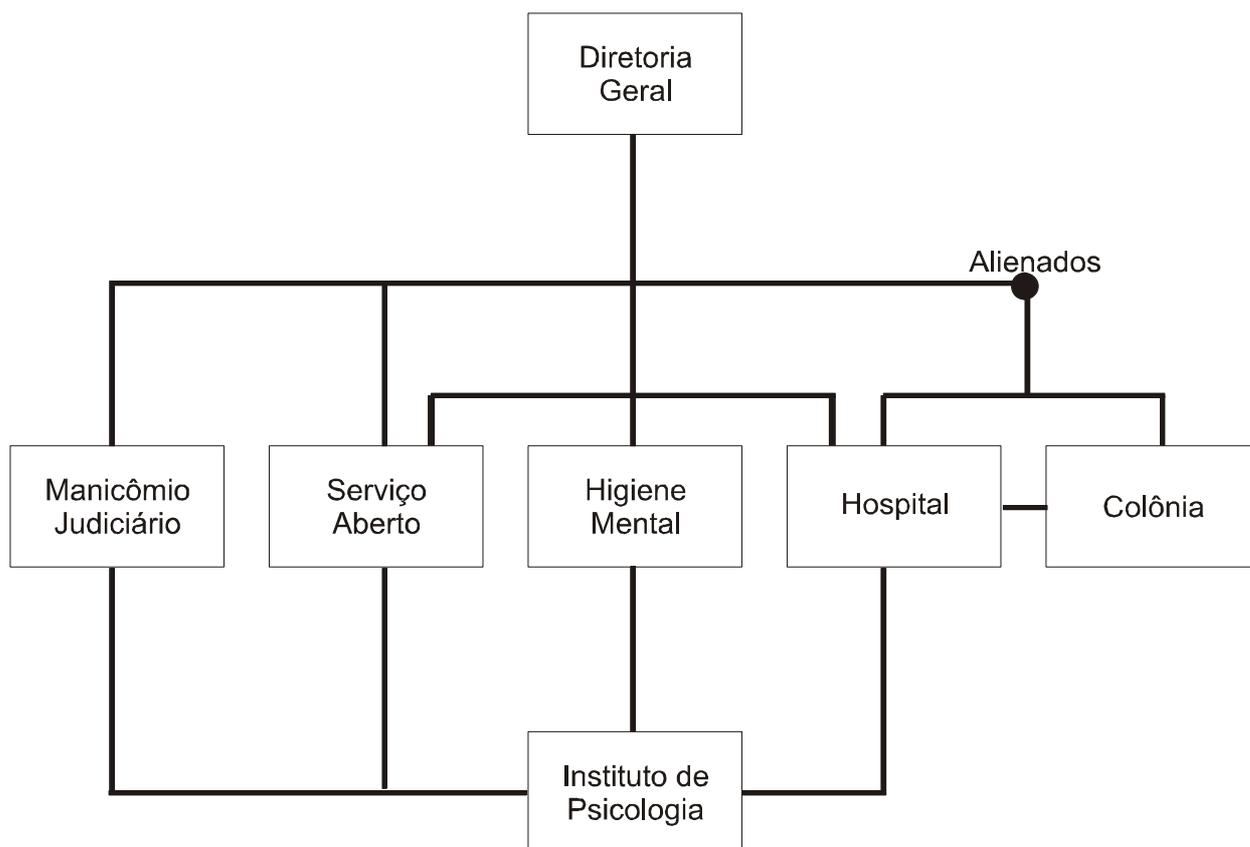
Para enfrentar o estado de precariedade em que se encontrava o hospital, o Dr. Ulysses efetuará uma ampla reforma administrativa. Logo no início do ano 1931, sob sua inspiração é assinado Decreto – Ato – nº 26 (10/01/1931) criando o Serviço de Assistência a Psicopatas (Diário do Estado, editado em 11/01.1931), que compreenderá:

- Serviços para doentes mentais não alienados, funcionando ambulatórios e serviço aberto com serviços comum de assistência.
- Serviços para doentes mentais alienados, com hospital para doentes agudos e colônia para doentes crônicos.
- Manicômio Judiciário acolhendo todos os criminosos alienados, bem como os declarados irresponsáveis por alienação mental.
- Serviços de higiene mental, compreendendo o serviço de prevenção das doenças mentais e o Instituto de Psicologia.

Art. 7º - “A sessão de higiene mental cabe, além do esclarecimento e da educação do público sobre a natureza, a causa e a curabilidade das doenças mentais e meios de evitá-las, fazer a prevenção dos psicopatas colaborando com os serviços de higiene pré-natal, maternidade, médico-escolar, de profilaxia de sífilis, higiene industrial e profissional”.

Com Ulysses na diretoria geral da Assistência a Psicopatas, tais serviços eram dirigidos por: Dr. Alcides Codeceira, na direção do Manicômio Judiciário; prof. Costa Pinto e logo a seguir o Dr. José Lucena, no serviço de higiene mental; Dr. Vicente Matos na colônia de doentes crônicos e o Dr. Gildo Neto no serviço aberto.

Para visualizar o interrelacionamento dos seus vários serviços, Dr. Ulysses, a frente do Serviço de Assistência a Psicopatas¹⁶, elaborou o seguinte organograma:



Antes mesmo da regulamentação de tal Decreto que ocorrera pelo Ato nº583, de 24/04/1931(Diário do Estado de 25.04.1931), o Dr. Ulysses viaja a São Paulo em visita ao Juquery com finalidades referidas em artigo datado de 03/04/1931, editado no “Diário de São Paulo”:

“A Reforma do Serviço de Assistência aos psicopatas em Recife.

"Os fins da viagem do diretor do Instituto de Psicologia de Recife a São Paulo.

"Minha visita a São Paulo tem por principal finalidade observar de perto o seu serviço de assistência a psicopatas. Conhecia Juquery através de uma visita coletiva que a 2ª Conferência Latino-Americano de Psiquiatria, Neurobiologia e Medicina Legal fez a esse Hospital. Sucede, porém, que, após a revolução, parece que nos reunimos, os psiquiatras brasileiros em geral, para pedir a reorganização dos nossos serviços. E felizmente parece que desta vez os governos estão dispostos a nos atender. Duas reformas já apareceram: a de São Paulo e a de órgão de direção dos serviços e subdivisões (ambulatórios e hospitais para pequenos psicopatas, hospital para doenças mentais agudas e colônia para crônicos, manicômio judiciário, serviços de higiene mental com o Instituto de Psicologia). São Paulo já tem o seu hospital, sua colônia e já possui quase o seu manicômio judiciário e a sua clínica psiquiátrica na Capital. Visitei em companhia do Dr. Pacheco e Silva todos esses serviços, examinei todos os pormenores técnicos e administrativos. Colhi excelentes dados para os serviços que em Pernambuco vamos inaugurar (higiene mental e serviço aberto) e para o que, como a colônia, dependente de obras de vulto que demorarão mais um pouco. Pernambuco e São Paulo, pelos seus governadores, os interventores Carlos de Lima Cavalcanti e João Alberto, têm dado todo apoio a esse capítulo da assistência pública.

"O espírito das duas reformas é quase o mesmo: aqui a criação de uma clínica psiquiátrica de urgência, lá a criação do serviço para assistir aos pequenos psicopatas que não podiam permanecer nos hospitais comuns nem em promiscuidade com os alienados. (...) Em Pernambuco compreende também o Instituto de Psicologia fundado no governo de Sérgio Loreto e já de grande eficiência na parte pedagógica.

"Anuncia-se agora a reforma da assistência a psicopatas no Rio. Sei que ela se aproximará das nossas. Tudo isto prova que os psiquiatras brasileiros souberam convencer os governos e que estes são patriotas, conclui o Dr. Ulysses".

No que tange ao hospital fechado, foi necessário sustentar uma luta pesada e vencer inúmeras resistências. Para que a situação do mesmo melhorasse, um aumento de pelo menos 25% nas despesas era inevitável. E aí começou a oposição. Os contrários alegavam que o Estado, numa época de crise, com a seca assolando o sertão não poderia gastar tanto dinheiro com um só hospital. Diziam que a Assistência a Psicopatas era luxo para um Estado pobre.

Ulysses Pernambucano começa a ser prontuariado a partir de 1932. Em sua pasta no Dops encontram-se, curiosamente, investigações sistemáticas com datas de julho de 1932. Estas fontes nos indicam que Ulysses Pernambucano já nessa época começa a incomodar ao Regime. Por essa ocasião governava Pernambuco Carlos de Lima Cavalcanti. Este governo vai ser criticado e seu secretariado considerado de idéias extremistas.

Em 27 de novembro de 1935 eclodiu o movimento comunista. Ulysses havia se afastado da direção geral da Assistência a Psicopatas. Ele vinha pedindo mais recursos para manter e ampliar os serviços e a maneira que achou para pressionar o Governo, além de ameaçar demitir-se, foi recusar-se a internar mais doentes, que terminaram se acumulando nas cadeias. Afirma Luiz Cerqueira, "estava-se as vésperas do golpe vermelho", e, cercado de inimigos, teve Ulysses que amargar 40 dias de prisão em

cela comum até sua inocência ser proclamada pelo Tribunal de Segurança Nacional. “Com efeito, um homem da estatura moral de Ulysses Pernambucano não podia deixar de criar um ambiente, onde pululassem amigos fiéis e dedicados, adversários valorosos e inimigos mais ou menos solertes e impenitentes”¹⁷

Ulysses foi preso em 01-12-1935 sob acusação de ter participado da preparação do que ficou conhecido como a Intentona Comunista de 1935. Solto em 08-01-1936, por vezes ele volta a depor ficando sempre sob o olhar da suspeição. Em 1940, quando finalmente o Supremo Tribunal de Segurança Nacional (único órgão com poderes para apreciar e anular questões desta natureza) o inocenta por não encontrar crime em suas ações, arquivando o processo 1146 em que Ulysses era acusado pelo Estado de Pernambuco, podendo ele voltar às atividades das quais havia sido afastado, tem do representante do governo estadual reação de intolerância. Asseverando ser o regime implacável contra os seus supostos adversários, e, pautando-se no direito do artigo nº 177 da Constituição Federal, mantém sua posição contra “os funcionários inconvenientes ao regimen e ao serviço público”. O jornal “Folha da Manhã” de 4 de junho de 1940 publicou ofício a respeito da referida decisão, dirigido pelo secretário do Interior ao diretor da Faculdade de Medicina com o seguinte conteúdo:

“Recife, 3 de junho de 1940. Exmo. sr. Diretor da Faculdade de Medicina. Comunico-vos que acabo de receber o ofício anexo, informando que o Tribunal de Segurança arquivou as diligencias procedidas contra o professor Ulysses Pernambucano em virtude da sua atuação na fase preparatória do movimento comunista de 1935. Em face da decisão daquele Tribunal, o governo deixa à Faculdade a liberdade de tomar a atitude que julgue conveniente. O ato n. 92 de 5 de janeiro de 1938, em que o governo aposentou aquele professor do Ginásio Pernambucano, de acordo com o artigo 177 da Constituição Federal, é mantido. Seria incoerência da administração que se vem caracterizando pela sua segura orientação, pelo

valor que dá ao rumo filosófico do ensino, permitir que o professor com idéias extremistas exóticas, em reação às quais se instituiu o regimen de 10 de novembro, passe a ensinar filosofia a moços, ainda em formação, de um estabelecimento oficial como é o Ginásio Pernambucano. O arquivamento de inquérito no Tribunal de Segurança não tem, por consequência lógica ou jurídica, a volta do funcionário ao exercício do cargo de que fora afastado, pela aplicação do artigo 177 da Constituição Federal. Este artigo visa precisamente os funcionários inconvenientes ao regimen e ao serviço público, contra os quais, ou por serem ardilosos ou por quaisquer outros motivos, não pode o Estado exercer a repressão criminal.”

Peça fundamental do projeto político do Estado, o Dops atuava para sufocar e silenciar a diversidade do pensamento, em especial aqueles tidos como “potencialmente perigosos”. M. Carneiro indica o princípio operacional da polícia política estadonovista: “Apontava o suspeito construindo, através da prática repressiva, o conceito de inimigo objetivo, que, real ou imaginário, acabava interferindo na configuração de crime político”.¹⁸ Ulysses foi um dos inúmeros presos políticos considerados como propagandistas perigosos do ameaçador credo vermelho, listado nos prontuários do Dops. Distinguindo-se pela truculência, o Leviatã Agamenosiano,¹⁹ em meio à atmosfera do medo e da repressão produzida em torno da imagem do “perigo vermelho”, aproximará até à identificação, Ulysses dessa imagem. Ele passa a integrar a ameaça, inventada pelo Ministério da Guerra, de um golpe violento articulado com invisíveis forças internacionais, planejado por um monstro terrível localizado nos subterrâneos da sociedade brasileira.²⁰ Segundo a lógica totalitária em voga de que “tudo é possível”, Ulysses foi transformado de suspeito em inimigo objetivo, de sujeito de uma ofensa presumível em autor de um crime possível.²¹

A polícia política porá em campo todo o seu arsenal: provocação, suspeição, vigilância, proibição, expurgo, acusação falsa, definição ideológica, etc. Como uma espécie de poder disciplinar, mobilizará sua máquina, seu olhar vigilante, sua sanção

normalizadora e seus dispositivos examinadores.²² Com isso, não atendia a outra estratégia senão a de legitimar a si mesma pela produção do seu inimigo. Queremos dizer que, de certo modo, um Etelvino Lins ou um capitão Malvino não teriam razão de ser sem a transformação dos Ulysses Pernambucanos em “desvios da norma”.

Trata-se da fabricação de uma “rede de anotações escritas”, associando procedimentos tradicionais da documentação administrativa e técnicas policiais investigativas, em torno da figura de Ulysses. A estratégia era a de construir, com a maior aparência de objetividade possível, a figura do suspeito como um “exemplo negativo”.

Como expressão de uma escrita disciplinar, o prontuário de Ulysses o fixará sob os seguintes aspectos: 1) a execução de um conjunto de estratégias dando visibilidade a Ulysses como indivíduo desviante, segundo a norma de que é “o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, que mantém sujeito” o indivíduo a ser disciplinado;²³ 2) a transformação de Ulysses num “caso” de polícia, a ser descrito, mensurado, comparado. Tratado como objeto descritível, analisável, a identidade comunista de Ulysses é fabricada e controlada segundo o saber instituído pela Delegacia de Ordem Política e Social da Secretaria de Segurança Pública do Estado.

A Secretaria da Segurança Pública, através da Delegacia de Ordem Política e Social, com o propósito de encontrar provas (fatos) que pudessem comprovar práticas subversivas por parte de Ulysses, inicia vigilância sistemática em frente ao Sanatório Recife – hospital de alienados de propriedade do Dr. Ulysses – e à casa do suspeito. Várias fiscalizações secretas foram feitas e constam no prontuário do Dops Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano, em Recife. Essa documentação é constituída de fichas de identificação, foto, histórico, informações e partes dos investigadores, ofícios das Secretarias de Segurança Pública e do Interior, comunicados da Delegacia de Ordem Política e Social, telegrama do presidente do Tribunal de Segurança Nacional, anotações, registros de telefonemas recebidos pelo Dr. Ulysses etc. Tal rede documental pretende produzir “provas e informações” acerca das atividades extremistas de Ulysses.

O “Leviatã Agamenonsiano” agirá sobre Ulysses em várias instâncias. Uma das principais corresponde ao campo de atuação dos investigadores. Sua ação mirou, pelo menos, dois objetivos: 1) vigiar o suspeito, pondo-o em estado de observação permanente, dando-lhe visibilidade direta, procurando incutir a sensação da presença do

“Leviatã” mesmo quando ausente; 2) a coleta de qualquer “prova” corroborando a culpa prejudgada ou o crime possível do suspeito, caracterizando-o como oponente real.

Na lógica paranóica e calculada do Dops e dos seus observadores qualquer coisa estava passível da desconfiança: uma pessoa, um automóvel, uma reunião, uma conversa, um telefonema. Dado como potencialmente perigoso, tudo em volta de Ulysses poderia também ganhar essa terrível aura.

Na documentação levantada foram encontrados ao todo 21 “registros” da ação específica dos investigadores, ocorrida entre os anos de 1932 e 1942. Tais indícios distribuem-se da seguinte maneira:

- 3 registros em 1932 nos dias 22, 23 e 24 de julho;
- 1 registro em 1936 no dia 25 de janeiro;
- 1 registro em 1938 no dia 02 de março;
- 1 registro em 1939 no dia 05 de março;
- 12 registros em 1941 nos dias 22-30 de janeiro, 05 de fevereiro, 05 de março, 27 de outubro e 14 de novembro;
- 3 registros em 1942 nos dias 19 de novembro e 04 e 21 de dezembro.

Como se pode verificar, os primeiros registros desta ação datam de julho de 1932 e aparecem como “informação” e “parte” produzidos pelo “investigador nº 50” e enviados ao chefe da seção de Ordem Política e Social. Apresentam o olhar dos investigadores, por diversas vezes identificados anonimamente com um número, pautado numa lógica singular da suspeição e numa prática permanente da vigilância. Os primeiros registros desta prática revelam bem os seus procedimentos. Para o investigador nº 50, quase tudo era motivo de suspeita: a conversa por “longo tempo” entre “dois indivíduos” chegados a cavalo à casa do Dr. José Eustáchio, referida como “casa que tem o oitão por rebocar”; a reunião, a partir das 20h, de “elementos do regimen decahido” na residência do Dr. Ulysses. Zeloso, escreve o nosso investigador em parte de 24/07/1932:

“(…) observei o chauffeur do citado carro em palestra com um empregado do Dr. Ulysses dizer o seguinte: isto agora está horrível! Pois, pôr qualquer

coisa nós somos multados, e está pior do que na república velha continuaram ainda em palestra mas não me foi possível continuar a ouvi-los afim de não despertar suspeitas, sobre mim.”

Ilustra bem esta lógica da suspeição nos registros posteriores a carta dirigida ao delegado Fabio Correa, em 05 de fevereiro de 1941 por Elpídio S. Falcão. Este “auxiliar dedicado” procurou formular “uma versão pessoal” sobre a demissão do “elemento” Dr. Ulysses Pernambucano da Cia. Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, onde o clínico trabalhava como médico-chefe do serviço. Em clima de suspeição escreveu: “Se, realmente, existe um outro motivo, alias tenho minhas desconfianças, estou muito empenhado em ficar ao par, o que opportunamente farei num relatório explicito a V. S.”

Com efeito, em 5/3/1941, o auxiliar dedicado, desculpando-se dos seus erros, mandava um comunicado ao delegado citado. Falcão tinha por “extranhavel e digno de observação o facto da Cia. estar demitindo todos os elementos suspeitos que exerciam cargos na mesma”. Primeiro, o Dr. Fabio Sodré Borges, “elemento bastante conhecido da O. P. e S. do Rio de Janeiro”; “em 2º lugar o Dr. Ulysses Pernambucano, conhecido desta e de outras Delegacias” e, por fim, o Dr. Miguel de Paula Lima, de São Paulo, que é assim retratado: “Este elemento, foi membro da celebre câmara dos 40, dos integralistas e quando passou por esta capital, foi bastante observado, por mim e pelo investigador José Viana, que por determinação do Dr. Edson Moury, levantou vários (...) serviços com o mesmo. “Este é um elemento perigoso e que nos deu inumeros trabalhos”.

Registrando nome de pessoas das relações profissionais de Dr. Ulysses, entrando e saindo do Sanatório e da residência, os investigadores nada observaram que pudessem incriminá-lo. Uma destas investigações chama a atenção por demonstrar o contrário do perfil prejudgado sobre o acusado: notificações são feitas no Brejo de Beberibe onde o investigador registra o fato curioso de que Ulysses costumava passar os fins de semana com a família e que aos domingos dedica parte do tempo atendendo a pessoas humildes, consultando e distribuindo remédios gratuitamente. Vale registra esta “Parte”:

“Cumpre-me informar a V. As. que recebendo determinações do Dr. Delegado para fazer

sindicância sobre a freqüência em Beberibe, do DR. ULYSSES PERNAMBUCANO, tenho a informar que o mesmo está com residência no lugar denominado “BREJO DE BEBERIBE”, dando clínica aos domingos pela manhã, onde grande número de pessoas receitam-se e recebem remédio gratis.

"Adianto também a V. As. que assistem também na casa dois filhos do referido Dr. em apreço, não sabendo informar se os mesmos exercem a mesma profissão de seu genitor.

Recife, 02/03/1938 Investigador nº 71 .”²⁴

Fato notável é que Ulysses costumava colocar uma bandeira para as pessoas ficarem sabendo de sua presença e virem para as consultas.²⁵ Ulysses juntamente com seus dois filhos prestavam assistência à população daquele local. Dedicando parte de seu tempo de lazer à obra cívica, como diria ele. Foi o mal que encontraram na investigação. O de servir aos desfavorecidos. Não sabia o investigador “dedicado” que o filho, Jarbas Pernambucano, era médico psiquiatra e Antônio Gonçalves de Melo um grande historiador.

Não ficando satisfeito com o resultado da primeira investigação, o Delegado de Ordem Política e Social resolve, dias depois, executar nova investigação:

“Designado pelo Delegado para, em companhia dos investigadores nº 62 e 71, efetuar uma busca na propriedade denominada “Brejo de Beberibe”, rediência do Dr. Ulysses Pernambucano, comunico a V. As. ter dado fiel cumprimento aquela ordem, nada tendo encontrado que despertasse qualquer suspeita. O Dr. Ulysses Pernambucano não reside propriamente ali. Segundo declarou, vai aos sábados com a família, descansar, regressando aos dias de Segunda Feira.” 05/03/1939 Investigador nº 27

Com a prisão de Ulysses, em 1935, a Delegacia de Ordem Política e Social dá início à abertura do seu “promptuario”, de número 1734. O acusado é identificado sob o número 13892, “por motivo de ordem e segurança públicas”. No “Histórico” tratava-se de assegurar que em “poder do prontuário foi apreendida pela polícia farta documentação, que comprovou, cabalmente, as suas atividades extremistas, quais foram postas em práticas, por ocasião do movimento Subversivo para a vitória do seu ideal, o credo comunista. Orientou e instalou o “Congresso Nacional da Juventude do Brasil”, neste Estado, com a denominação de “Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular”, que teve a sua instalação no dia 15/08/1935. Apoiou ainda o movimento da “Aliança Nacional Libertadora” e a organização da “Frente Única Sindical”, a qual teve a sua sede fechada pela polícia em virtude de ser de caráter nitidamente comunista”. Duas coisas a observar na elaboração do “histórico”, típicas de uma prática autoritária: 1) a preocupação em indicar a existência de “farta documentação”, a montagem do arquivo; 2) a construção da definição ideológica de Ulysses, o “seu ideal, o credo comunista”, um pensamento perigoso.

Ilustra exemplarmente a lógica arbitrária, que pautava a estratégia de construção do inimigo objetivo, o ofício nº 742 do Gabinete do Secretário Etelvino Lins de Albuquerque, remetido à Secretaria do Interior atendendo ao pedido do ofício nº 451 de 4/4/39 onde se solicita que sejam enviadas e anexadas ao processo de Ulysses as provas e informações das atividades subversivas daquele professor. Naquele ofício, Etelvino Lins fala do movimento subversivo deflagrado em novembro de 1935, que teria obedecido às recomendações constantes do documento 39, de 23/08/33 – plano de ação comunista – no que destaca trechos de tal documento na intenção da tomada do poder, com o qual Ulysses estaria compartilhando. Com o intuito de fundamentar sua tese do acusado como criminoso político, buscará correlacioná-lo com as estratégias contidas no “Plano de Ação Comunista” dizendo: “o movimento subversivo deflagrado neste Estado e noutros pontos do território nacional em novembro de 1935 obedeceu às recomendações constantes do documento 39, de 23 de agosto de 1933 (...) em o qual mereceu destaque os trechos seguintes:

1 – Período preparatório, de doutrina aparente, com princípios postos provisoriamente no sentido de, não só facilitar a ação revolucionária, captando elementos que recuariam diante da doutrina completa, como também tornar possível o trabalho de arregimentação dentro do regimen atual e sob a égide da lei.

2 – período da agitação: agitação política, de classes (iniciada imediatamente e tomando forma em 1934 e crise absoluta em 1935), agitações eventuais a serem aproveitadas e conduzidas.

3– Período de ação: estima-se ano de 1935 para sua ação no Brasil e no Uruguai.”

Menciona ainda a criação da Aliança Nacional Libertadora e a qualifica como comunista. Lembra os acontecimentos ocorridos neste período “preparatório” onde estudante, militares, bancários, ferroviários, telegrafistas entre outro, teriam feito greves e agitações. Aponta ainda a criação do Congresso da Juventude, que segundo ele, aqui no Estado obedeceu às orientações do prof. Ulysses Pernambucano, tendo como prova os documentos inclusos (Folha do Povo, folheto de apoio ao Congresso da Juventude). Que a participação de Ulysses no 1º Congresso Regional da Juventude seja noticiada pela Folha do Povo seria suficiente, aos olhos do Secretário de Segurança Pública do Estado, para identificar o professor à linha político-ideológica do referido jornal. Segundo a lógica de Etelvino Lins, “a copia photographica inclusa, da ‘Folha do Povo’, de 16 de agosto de 1935, jornal vermelho que então se editava nesta Capital, dá uma idéia completa do character extremista daquela organização e das atividades do Prof. Ulysses Pernambucano, que, presidindo a sessão de instalação do 1º Congresso Regional da ‘Juventude Proletária, Estudantil e Popular, teve ensejo de pronunciar o discurso que aparece em resumo no documento referido.” Pensando conforme a lógica da suspeição, o Secretário deduzia que a situação do prof. Ulysses ficava ainda mais comprometida tendo em vista a nota de chamada do “jornal vermelho” com o seguinte enunciado: “À Juventude cumpre lutar sem desfalecimentos pela suas reivindicações. Somente éla conhece mais de perto as suas necessidades. A juventude deve ocupar os postos de vanguarda como lhe indicou Luis Cralos Prestes”. Não só isso, a ilustração da notícia com uma “gravura nitidamente comunista” - três figuras encabeçando uma marcha e representando as categorias do povo brasileiro: um trabalhador do campo, um militar e um operário; a informação de um jornal da capital de que o 1º Congresso Regional da “Juventude, Proletária, Estudantil e Popular”

hipotecara solidariedade ao movimento da Aliança Nacional Libertadora; e, finalmente, o apoio dado por Ulysses à “organização comunista” Frente Única Sindical, atestado pelo “arquivo” da Delegacia de Ordem Política e Social, não deixariam margens para dúvidas quanto à “notória(...) orientação esquerdista do acusado”.

Comprovado o perfil extremista do prof. Ulysses, o Secretário de Segurança não hesita em propor seu expurgo, punindo-o: “não tivemos dúvida em sugerir ao Snr. Interventor Federal a aposentadoria do acusado pelo artigo 177 da Constituição, no cargo de catedrático do Gymnasio Pernambucano. Hoje, com as provas aqui apreciadas, está fora de dúvida o acerto com que se conduziu o Governo do Estado, afastando do contacto com a mocidade estudiosa, um professor já agora sujeito a um pronunciamento do próprio Tribunal de Segurança Nacional, ante o disposto nos arts. 20 e 23 da Lei n. 38, de 4 de abril de 1935.”

Examinando a construção do prontuário observamos como eram insuficientes as provas e frágeis os argumentos produzidos pela polícia política do Estado de Pernambuco para compor o perfil desejado do acusado. A escassez de material, e não a existência de “farta documentação”, leva a instância superior a inocentar Ulysses.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1997.
2. PANDOLFI, Dulce C. Pernambuco de Agamenom Magalhães. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 1984. p. 43
3. IDEM, p. 44
4. VALENTE, Valdemar. Presença de Ulysses. Diário da Noite. Recife, 04-10-1966.
5. PANDOLFI, Dulce C. Op. cit.
6. DUTRA, Eliana. O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
7. PERNAMBUCANO DE MELO, U. Archivos de Assistência Psicopata. Outubro de 1932.
8. IDEM
9. FREYRE, G. Ciclo de Estudos Pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano. Academia Pernambucana de Medicina, Recife, 1978.
10. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 22/10/1932
11. IDEM
12. SILVA, Silvia C. Elites Políticas Face ao Leviatã Agamenosiano. Texto apresentado no Encontro Regional da ANPHU, São Paulo, 1998. p. 5
13. PRONTUÁRIO Nº 1734.
14. GONSALVES de Melo, José A. Gilberto Freyre: Recordações Pessoais. À memória de Gilberto Freire, coletânea organizada pôr Maria do Carmo Tavares de Miranda. Recife: Massangana, 1988.p. 70
15. CERQUEIRA, L. Ciclo de Estudos Pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano. Academia Pernambucana de Medicina, Recife, 1978
16. PERNAMBUCO, U. Assistência a Psicopatas em Pernambuco. Idéias e Realizações. Arquivos de Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, II(1), p. 3-59, abril, 1932
17. CERQUEIRA, L. op.cit.
18. CARNEIRO, M. L. T. O estado Novo, o Dos e a ideologia da segurança nacional, in: Pandolfi, D. (org) Repensando o Estado Novo, Editora FGV, Rio de Janeiro, p.335-36
19. SILVA, Silvia C, idem

20. CARNEIRO, M. L. T. Idem, p. 329
21. ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo: anti-semitismo imperialismo totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 474 e 477.
22. FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. Esp. terceira parte, cap. 2.
23. IDEM, p. 167.
24. PRONTUÁRIO 1734
25. PERNAMBUCANO DE MELO NETO, Ulysses. *Ulysses Pernambucano de Melo – Um Cidadão Encarcerado*. (Discurso proferido no Centro de Convenções de Pernambuco por ocasião do centenário da morte do Dr. Ulysses P. de Melo sobrinho) Olinda, 1992.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos ao longo da dissertação pensar sobre Ulysses no contexto de sua época. Uma época caracterizada pelas questões da modernidade em vários âmbitos. Sua figura pública emerge e cresce num momento de grandes transformações e demandas econômicas, sociais e políticas experimentadas pelo Estado de Pernambuco e especialmente pela cidade do Recife. Personagem ativa, homem certo na hora e nos lugares certos, Ulysses atuou em várias áreas. Como educador, foi professor e diretor da Escola Normal (1923-27), onde promoveu grandes mudanças na formação do magistério, ajustando-o às novas concepções na área de educação; dirigiu também o Ginásio Pernambucano, de 1928 a 1930, onde atuou no sentido da modernização do ensino dentro do espírito da reforma Carneiro Leão; chefe dos Serviços de Demografia Sanitária e Propaganda do Departamento de Saúde Pública, participou da grande campanha sanitária implementada por Amaury de Medeiros; diretor do Instituto de Psicologia, congregou grandes nomes e desenvolveu com pioneirismo pesquisas e serviços.

Ulysses, além de educador, foi excepcionalmente atuante como médico. Em 1917, foi nomeado para o Hospital da Tamarineira, onde, junto com o diretor Alcides Codeceira, reorganizou e humanizou seus serviços e atividades, ampliando-os e melhorando-os. Ao se tornar diretor, em 1924, consegue aprovação de lei pela qual o Estado passou a assumir integralmente a administração do Hospital. Foi idealizador da reforma da Assistência a Psicopatas no Estado de Pernambuco, criando, entre outros serviços, ambulatórios, hospital aberto, um serviço de higiene mental, o primeiro oficial no país.

Como psiquiatra e intelectual-cientista, Ulysses Pernambucano atuou na cena política nacional, formulando projeto claro, e em certo sentido particular, de construção e “regeneração” nacional. Um exame dos seus trabalhos de médico/sanitarista e educador anunciados desde início dos anos 20 e desenvolvidos até meados dos anos 30, indicam que Ulysses discordou na prática das diretrizes da Liga Brasileira de Higiene Mental e das teorias racistas vigentes no quadro internacional da época. Ao se voltar para a humanização dos hospitais e direcionar suas atividades médicas para o campo que veio posteriormente a ser reconhecido como Psiquiatria Intercultural, acabou deslocando-se,

segundo nossas observações, para o ramo da medicina que mais conduz o homem social ao homem político. Ramo que o coloca frente às necessidades reais dos excluídos. Foi dentro desta dupla perspectiva do homem social e do homem político que encaminhamos nosso trabalho, no sentido de recuperar o homem médico psiquiatra e o reformador social, mesmo sabendo da impossibilidade de dissociar o homem político do homem médico.

Foi este homem que, a partir dos inícios da década de 1930, começou a ser prontuariado pelo Dops. De 1932 até 1943, quando falece, Ulysses Pernambucano foi vigiado, interrogado, preso, censurado e expurgado pelo Estado de Pernambuco. Pela análise detida do prontuário, demonstramos como essas atividades integravam uma estratégia própria dos governos despóticos, de construção da figura de Ulysses como desvio da norma, como inimigo objetivo.

Uma última palavra. Em que pese a violência do poder disciplinar mobilizado pelo Estado sobre Ulysses, tudo isso só contribuiu para tornar mais visível a sua grandeza humana. Grandeza de quem, na prisão, era ainda capaz de escrever com humor e serenidade bilhetes à mulher dizendo: “Vou passando sempre bem. Sinto somente a falta de livros, última tortura descoberta pelo católicos que me encarceraram. Não importa! Continuo sereno e de bom humor, disposto a enfrentar todos os revezes.”

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1 – Fontes consultadas

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – Recife

Dops: Prontuário nº 1734 – Ulysses Pernambucano de Melo

Biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco

Estudos Pernambucanos Dedicados a Ulysses Pernambucanos. Recife : Gráfica Jornal do Comércio, 1937.

Biblioteca particular de Ulysses Pernambucano de Melo Neto

Jornal A Província

Jornal do Comércio

Jornal Folha do Povo

Biblioteca Setorial de Medicina da UFPE

Revista Neurobiologia

Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco:

Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco. V. LVIII. CIA. Ed. de Pernambucana – CEPE: Recife, 1993.

Estatuto da Liga Brasileira e Hygiene Mental. In: ABHM, Ano I, nº 1, março de 1925.

JORNAL A PROVÍNCIA. Devamos Ter o nosso bairro escolar? Entrevista feita a Ulysses em set/1930

1.2 – Bibliografia citada e consultada

ALMEITA PRADO, Mário P. *Psicanálise de Psicóticos*. Rio de Janeiro: Plurarte, 1983.

AMARANTE, Paulo. (org.) *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 1994.

ARENDT, H. *Homens em Tempos Sombrios*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____, *Origens do Totalitarismo: anti-semitismo imperialismo totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BASAGLIA, Franco. *A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BASTIDE, R. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo, Anhembi: UNESCO-ANHEMBI, 1955.

BERCHERIE, P. *Os Fundamentos da Clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

BEZERRA JR., Benilton. ; AMARANTE, Paulo. (orgs.) *Psiquiatria sem hospício: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

BIRMAM, J. *A Psicanálise como Discurso da Modernidade*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1978

_____, *O negro no discurso psiquiátrico*. In: *Cativeiros e Liberdade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. p. 58.

_____, *Lei, Cidadania e loucura: a cidadania Treloucada*. In: BEZERRA JR., Benilton. ; AMARANTE, Paulo. (orgs.) *Psiquiatria sem hospício: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

_____, *A Derrota da Intolerância?! In: (org.) AMARANTE, Paulo. Ensaio: Subjetividade, Saúde Mental, Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.

BOUDON, R. *A Ideologia: ao a origem das idéias recebidas*. São Paulo: Ática, 1989.

- BOURDÉ, G. ; MARTIN, H. As Escolas Históricas. Lisboa: Europa – América, 1983.
- BURKE, P. A Escola dos Annales (1929 – 1989): A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.
- _____, (Org.). A Escrita da História: Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1982.
- CALDAS, M. A Hygiene Mental no Brasil. In: ABHM Ano III , nº 3, março de 1930.
- CARNEIRO, M. L. Tucci. O racismo na história do Brasil. Mito e Realidade. Editora Ática: São Paulo, 1994.
- _____, O estado Novo, o Dos e a ideologia da segurança nacional, in Pandolfi, D. (org) Repensando o Estado Novo, Editora FGV, Rio de Janeiro, 1999.
- CARONE, Iray. (org.) Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARRILHO, H. Ulysses Pernambucano e a Organização dos Serviços de Assistência a Psicopatas de Pernambuco. In: Ciclos de Estudos Sobre Ulysses Pernambucano. Recife, 1978.
- CILCO DE ESTUDOS SOBRE ULYSSES PERNAMBUCANO. Academia Pernambucana de Medicina. Recife: UFPE, 1978.
- CERQUEIRA, L. “Ulysses Pernambucano, meu mestre”. Recife, 1976.
- CHACON, V. A Luz do Norte: o Nordeste na História das Idéias do Brasil. Recife: Massangana, 1989.
- _____, Gisberto Freire: Uma Biografia Intelectual. Recife: Massangana: São Paulo: Nacional, 1993.
- CHAUÍ, M. Cultura e Democracia: O discurso competente e outras falas. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- COELHO FILHO, H. A Psiquiatria no País do Açúcar. 2 ed. Recife: ABIGRAF, 1983.
- CORREA, M. As Ilusões da Liberdade: a escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. Tese Doutorado em antropologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1982.

COSTA, Jurandir F. A Ética e o Espelho da Cultura. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____, História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976.

_____, Narcisismo em tempos sombrios. In: BIRMAN, Joel. (coord.) Percursos na história da psicanálise. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.

_____, Ordem Médica e Norma Familiar. 3ª ed. Rio de Janeiro : Graal, 1989.

_____, Os interdícios da Lei. In: Saúde Mental e Cidadania. Tempos Modernos 2. São Paulo: Edições Mandacaru. 1987.

_____, Por uma questão de vergonha: Psicanálise e Moral. São Paulo: EDUC, 1989.

_____, Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____, Violência e Psicanálise. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

COSTA, Veloso. Pernambuco e Tempo. URPE, 1978.

CUNHA, M. C. P. *Cidadelas da Ordem: A Doença Mental na República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____, O Espelho do Mundo: Junquery, a história de um asilo. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DELGADO, L. Carlos de Lima Cavalcanti: um grande de Pernambuco. CEPE, 1975.

_____, Gestos e Vos de Pernambuco. Recife: UFPE, 1963.

DI LASCIO, A. ; PERNAMBUCANO, J. ; GUIMARÃES, A. Alguns dados Antropológicos da População do Recife. In: Novos Estudos Afro-brasileiro.

DUTRA, Eliana. O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

EMERECIANO, J. In: COELHO FILHO, H. A Psiquiatria no País do Açúcar. 2 ed. Recife: ABIGRAF, 1983. Prefácio da 1ª ed.

ENGEL, Magali G. Os Delírios da Razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1930 -) Rio de Janeiro: fiocruz, 2002.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1997.

FERREIRA LIMA, J. Psiquiatra Humanista. In. Ciclos de Est. sobre Ulysses Pernambucano. Academia Pernambucana de Medicina: Recife, 1978.

FERRO, M. A História Vigiada. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, M. História da Loucura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

_____, A ordem do discurso. Edições Loyola. 5^a ed. São Paulo, Brasil, 1999.

_____, História da Sexualidade I. A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: GRAAL, 1982.

_____, Microfísica do poder. Rio de Janeiro: GRAAL, 1981.

_____, A Arqueologia do Saber. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____, Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____, O Nascimento da Clínica. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: FORENSE – UNIVERSIDÁRIA, 1977.

FOUCAULT / Rouanet / Escobar / Lecourt. O Homem e o Discurso (a Arqueologia de Michel Foucault). Comunicação/3 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

FREIRE – MAIA, Newton. Brasil laboratório de doidos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

GAY, P. Freud para Historiadores. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

GINZBURG, C. O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOLFFMAN, E. Estigma: Notas Sobre Manipulação da Identidade Deteriorada. 4^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOMES, M. C. Invenção do Trabalhismo. Rio de Janeiro: Vértice - IUPERJ, 1988.

GRAMSCI, A. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. 7^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GRUPPI, L. Conceito de Hegemonia em Gramsci. São Paulo: Geral, 1980.

HERSCHMANN, M. M. ; PEREIRA, C. M. A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBBSBAWM, Eric J. A Era do Capital, 1848 – 1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HUTZLER, C. R. Ulysses Pernambucano: Psiquiatria Social. In. Ciência e Trópico. V. 15 nº 1 jan./jun. Massangana, 1987.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LENHARO, A. Sacralização Política. Campinas: Papyrus, 1986.

LEVINE, R. M. O Regime Vargas: os anos críticos 1934 – 1938. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 1980.

_____, A Velha Usina: Pernambuco na Federação Brasileira. 1889 – 1937. Rio de Janeiro, 1980.

LIMA FILHO, A. China Gordo: Agamenon Magalhães e sua época. Recife, Ed. universitária, 1976.

LÖWY, Michael. IDEOLOGIAS e Ciências Sociais. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MACHADO, R. Da(n)ação da norma: Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MAIA, Edmundo. Assistência Psiquiátrica no Brasil. Jornal Brasileiro de Psiquiatria. V 2, 1961.

MAINGUENEAU, D. Novas Tendências em Análise do Discurso. Campinas: Pontes, UNICAMP, 1997.

MAIO, Marcos Chor. (org.) Raça, Ciência e Sociedade. rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB,1996.

MARQUES, Vera R. B. A medicalização da raça: Médicos, Educadores e Discurso Eugênico. Campinas: UNICAMP,1994.

MARSIGLA, Regina e outros. Saúde Mental e Cidadania. São Paulo: Mandacaru, 1987.

MEDEIROS, José A. Ulysses Pernambucano. Pioneiros da Psicologia Brasileira. V. 2. Rio de Janeiro: Imago Editora, CEP, 2001.

MEDEIROS, J. Ideologia Autoritária no Brasil: 1930 – 1945. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

MEZAN, R. Freud, Pensador da Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MIRANDA, C. A. C. Da polícia médica à cidade higiênica. nº 1 – dez./1998.

MOTA, C. G. Cultura Brasileira ou Cultura Republicana. In: Estudos Avançados. 4/8 São Paulo: USP, 1990.

MONTENEGRO, O. A ação de um Psiquiatra. In: Estudos Pernambucanos Dedicados a Ulysses Pernambucanos. Academia Pernambucana de Medicina. Recife: UFPE, 1978.

ORTIZ, R. Cultura brasileira e a identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ODALIA, Nilo. As Formas do Mesmo: Ensaio Sobre o Pensamento Historiográfico de Varnhagem e Oliveira Viana. São Paulo: Ed. UNESP – Fundação, 1993.

OLIVEIRA, L. L. ; VELOSO, Mônica P. ; GOMES, Ângela Maria C. Estado Novo: Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

OLIVEIRA, Lúcia L. A Questão Nacional na Primeira República. São Paulo: 1985.

OLIVEIRA, Valdemar. No tempo de Amaury. Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco: Recife, 1975.

ORLANDI, E. P. Discurso e Leitura. 3 ed. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1996.

OUTTES, J. O Recife: Gênese do Urbanismo (1927 - 1943) Recife: Ed. Massangana FUNDAJ, 1997.

PACHECO e SILVA, A. C. “Imigração Eugênica”. In: *Palavras de psiquiatra*. São Paulo: Edigraf, (publicado no jornal O Estado de São Paulo em 16/05/1946).

PANDOLFI, Dulce C. Pernambuco de Agamenom Magalhães. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 1984.

PERNAMBUCANO, Ulysses. Discurso na Academia de Medicina, em abril de 1932.

_____, Archivos de Assistência Psicopata. Outubro de 1932.

_____, A Psicologia Objetiva e o Mecanismo Cerebral do Pensamento. Recife, XVII (1) p. 16-18, jan/1921.

_____, A Psicologia em Pernambuco. Archivos Brasileiros de Higiene Mental, III (1) p. 85-90, Mar/1930.

_____, As Doenças Mentais entre os Negros de Pernambuco. Estudos Afro-Brasileiro, I CAB, Recife, 1934.

_____, Doenças Mentais e Higiene. Revista Espelho. Ano III n° 22 jan/1937.

_____, O toque de Reunir. A Província. 19/set./1930

_____, Raízes e Tendências da Psiquiatria no Brasil. Neurobiologia, Recife, N. 41, p. 21-3, 1978.

PERNAMBUCANO DE MELO NETO, Ulysses. *Ulysses Pernambucano de Melo – Um Cidadão Encarcerado*. (Discurso proferido no Centro de Convenções de Pernambuco por ocasião do centenário da morte do Dr. Ulysses P. de Melo sobrinho) Olinda, 1992.

PERNAMBUCANO DE MELO, Virgínia. In. Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco. V. LVIII. CIA. Ed. de Pernambucana – CEPE: Recife, 1993.

PORTO-CARRERO, J. Remédios Sexuais e Remédios Sociais. In: *Psicanálise de uma civilização*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, [1934]. Brasiliense, 1990. Cap.7. (O Nacionalismo Militante).

RABELO, Sílvio. O Estudo da Criança Pernambucana. In: Estudos Pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano. Gráfica Jornal do Comércio: Recife, 1937.

RAMOS, Artur. O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise. Recife: FJN – Editora Massangana, 1988.

_____, Habitação e higiene Mental. Folha da Manhã. Recife, 31/08/1938. Ed. Matutina.

REIS, J. R. F. Higiene Mental e Eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1995. Dissertação de Mestrado.

REIS, J. C. As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. 2^a ed. Rio de Janeiro: Editora.FGV,1999.

REZENDE, Antônio Paulo. Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife, FUNDARPE, 1997.

ROUANET, Sérgio P. As razões do Iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARCZ, Lília. M. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SETTE, Hilton; ANDRADE, Manuel C. Estudos Pernambucanos. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 197

SEVCENKO, N. A Revolta da Vacina. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

_____, Literatura como Missão.2^a. São Paulo: Brasiliense,1985.

SILVA, Silvia C. Elites Políticas Face ao Leviatã Agamenosiano. Texto apresentado no Encontro Regional da ANPHU, São Paulo, 1998.

SILVA, V. A. A História da Loucura: em busca da saúde mental. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1979.

SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

STEPAN, N. Gênese e Evolução da Ciência Brasileira. Rio de Janeiro: ARENOVA, 1976.

TRINDADE, H. Integralismo (O Fascismo Brasileiro na Década de 30). São Paulo: Difel, 1974.

VALENTE, Valdemar. Presença de Ulysses. Diário da Noite. Recife, 04-10-1966.

ANEXO 1

Em artigo intitulado “Ulysses Pernambucano de Melo – um cidadão encarcerado”, Ulysses Pernambucano de Mello Neto depõe sobre o avô. Acreditamos ser importante a inclusão de trechos deste, relatando fatos sobre o Dr. Ulysses na prisão. Ulysses Neto apresenta os escritos de seu avô em bilhetes para a família expondo, com as palavras do próprio Dr. Ulysses, o que se passava na prisão e revelando o seu lado humano.

”...quando passei a ler alguns papéis de lavra do próprio Ulysses. Alguns me chamaram particular atenção: os bilhetes, por exemplo, escritos com letras apressadas, algumas a lápis, quando preso na Casa de Detenção do Recife. Estavam endereçados à Rua Cardeal Arcoverde, 98 – Graças, onde morava com sua mulher e os filhos: José Antônio (meu pai) e Jarbas. Nestes bilhetes conheci um pouco da personalidade de meu avô(...) Comentava Ulysses: 'lavar a louça (no dia que lhe era destinado) é o meu maior castigo. Prefiro ser faxineiro'. E arrematava com humor: 'aqui temos de fazer tudo, por nada!' Entretanto, sofria quando informava: 'vi Jarbas, de longe, na Ponte'. Para o recifence, posso dizer que se trata da Ponte Velha, local de onde via e era visto pela família. Quer no Natal de 1935, quer no Ano Novo, quer no aniversário do filho José Antônio. Visitas? Nunca. E mais queixas: 'Jarbas voltou com os livros. Também agora proibiram-me os livros'(...) E tentava remediar esse grande, imenso vazio, da falta de leitura com um artifício: 'talvez se o Pe. trouxer A IMITAÇÃO DE CRISTO possa matar as horas'.

“Não se deixe contagiar pelos que certamente vão aí abater-lhe o ânimo, sem coragem de vir até aqui trazer-me duas maçãs, com receio de comprometer-se. A esses você repila com energia.

“Homem brilhante, Ulysses Pernambucano não esquecia uma última providência e recomendava a Albertina: 'guarde reserva das cartas que lhe escrevo'.

“Da quebra dessa reserva, feita por mim, mais de cinqüenta anos depois do pedido, assumo integral responsabilidade”.

Ulysses Pernambucano de Melo Neto oferece-nos ainda as indagações do Dr. Ulysses, na tentativa de compreender o que de tão grave fizera para encontrar-se encarcerado. Mas uma vez o seu neto nos dá oportunidade de ouvir a voz do preso:

“...Mas, Ulysses Pernambucano, preso? Por que? Sob que acusação um homem como ele era encarcerado? 'Eu não precisaria, certamente, defender-me – dizia Ulysses – das acusações que o Governo de Pernambuco volta a me fazer por intermédio, agora, da Secretaria de Segurança Pública. Se eu falasse só para a Faculdade de Medicina, seria dispensável um resumo de minha vida pública. Quase todos os meus colegas da Faculdade são testemunha de que ela tem sido uma série de lutas pelo interesse coletivo, em todos os ramos de atividade, no ensino secundário, no normal e no superior, na criação de um dos melhores serviços de Assistência a Psicopatas de que se podem orgulhar os psiquiatras brasileiros, no Sindicato Médico, onde fui seu primeiro presidente, na Liga de Higiene Mental. Em todos estes

setores agi inspirado sempre no interesse público, defendendo as criança mal alimentadas e instalando na Escola Normal uma Caixa Escolar; demolindo os calabouços e incinerando as camisas de força do Hospital de Alienados; trabalhando pelo aperfeiçoamento de nossas instalações hospitalares, afrontando instituições poderosas para defender os interesses sagrados dos doentes e dos médicos jovens'. (...) 'quero ser julgado pelo que tenho dito e pelo que tenho feito e não pelo que querem fazer de mim'."

O nosso Ulysses tem aqui o espaço para expor mais um dos ardis utilizados por seus algozes:

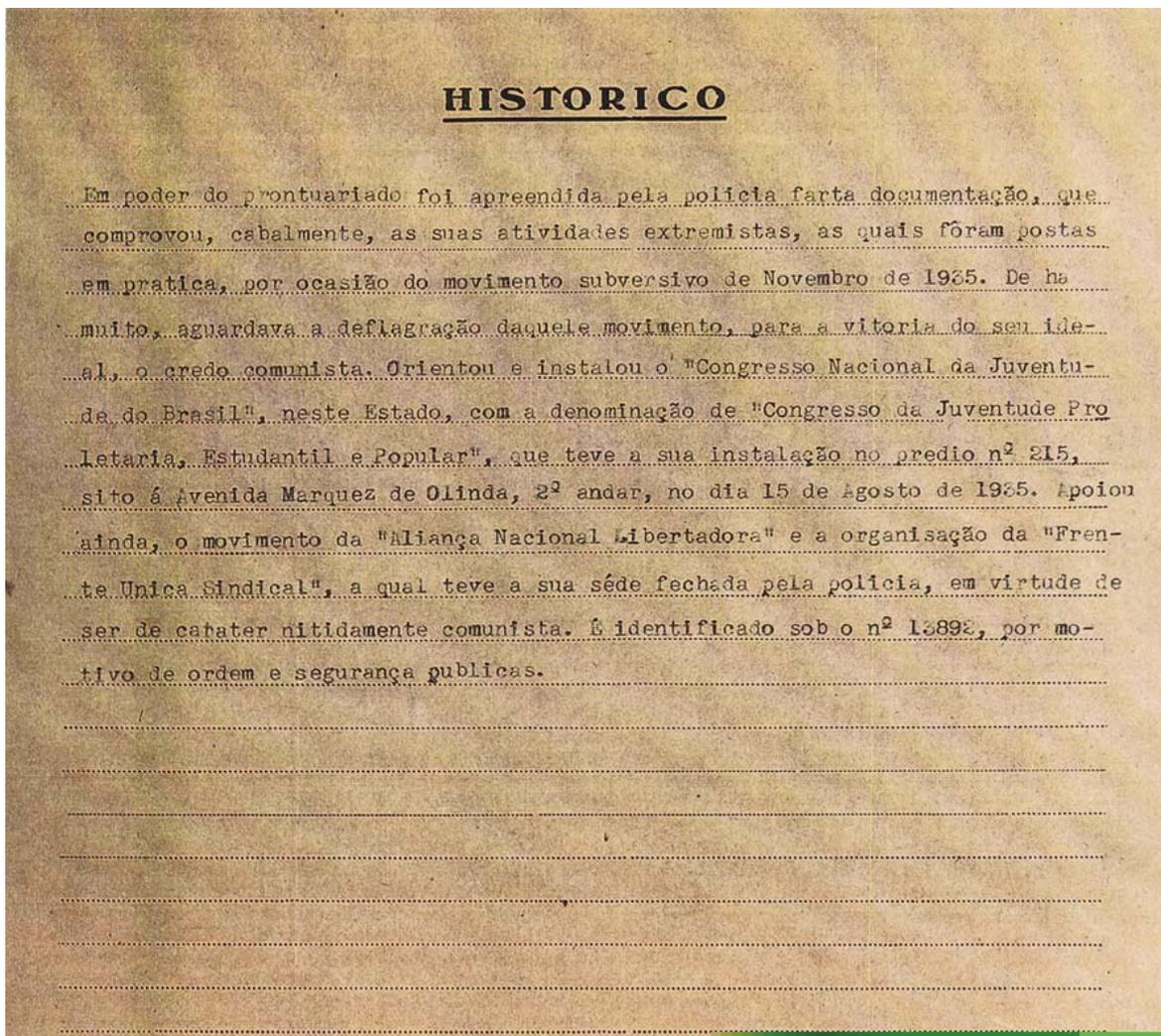
"Ulysses Pernambucano fala sobre a querela de Malvino Reis: Este 'pretendera, logo ao assumir a Secretaria de Segurança Pública, que ficasse ao critério das autoridades policiais o internamento de doentes no Hospital de Alienados. Como Diretor Geral da Assistência a Psicopatas estabeleci que o critério deveria ser o do médico de plantão, que aceitaria os verdadeiramente doentes e devolveria os simples vagabundos, ébrios, mendigos etc. que a polícia, por uma compreensão defeituosa, entendia dever internar. Reagindo contra a diretriz que eu estabelecera no meu serviço. A Segurança Pública deixou durante alguns dias de remeter doentes para o Hospital, o que deu lugar a que permanecessem eles nas celas da Penitenciária, entre vagabundos, gatunos e desordeiros. Enquanto isso, os repórteres policiais... promoviam uma campanha contra o Serviço de

Assistência a Psicopatas, alegando que enquanto nossos hospitais recusavam doentes as Penitenciárias se enchiam deles...

"O fato repercutiu na Assembléia do Estado, onde a oposição o aproveitou como arma contra o Governo(...) Para cortar a questão propus ao Secretário de Segurança comparecermos ambos à Penitenciária, para que eu pudesse pessoalmente examinar os indivíduos cuja admissão nos hospitais havia sido recusadas pelos meus subordinados. Mantive meu ponto de vista. Separei entre aquela multidão de vagabundos e mendigos aqueles que me pareciam precisar de assistência psiquiátrica e solicitei fossem os que ficavam, encaminhados para outros destinos.

"Concluía Ulysses: 'O Capitão Malvino Reis não recebia com satisfação restrições à sua autoridade. A sua energia tornou-se proverbial, chegando a ameaçar de prisão o Governador Interino, professor Andrade Bezerra. Não admira, pois, que aproveitasse a oportunidade do movimento comunista para me deter'."

ANEXO 2



O Prontuário Individual do Dr. Ulysses Pernambucano de Melo pode ser encontrado no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – Recife com nº 1734. Arquivo nº 02, Fundo SSP nº 3459. O histórico acima foi escrito no verso do seu Registro Geral contendo os dados pessoais do acusado, o qual poderemos observar na página seguinte, dando início ao prontuário.

Registo Geral Numero



Photographia tirada no mez de Dezembro..... de 1935.....

Nome: ULYSSES PERNAMBUCANO DE MELLO..... *Vulgo:*.....

QUALIFICAÇÃO	CARACTERES CHROMATICOS, ETC.
Filho de Dr. José António Gonçalves Mello e de D. Maria da Conceição Mello.....	Cutis: branca.....
Nacionalidade: brasileiro.....	Cabellos: castanhos crespos.....
Naturalidade: pernambucano.....	Barba: feita.....
Localidade:	Bigodes: raspados.....
Edade: quarenta e tres (43)..... annos	Sobrancelhas:
Estado civil: casado.....	Olhos: castanhos.....
Profissão actual: medico.....	Estatura: 1 m. e 73.....
Sabe lêr e escrever? sim.....	Corpo:
	Local onde trabalha:

Residencia actual: Rua Gardeal Arco Verde N.º 98 *Rua Padre Inglês, 257*

Residencias anteriores:

Nomes das pessoas que o conhecem e as respectivas residencias:

Nomes dos investigadores que o conhecem:

A Juventude cumpre lutar sem desfalecimentos pelas suas reivindicações. Somente ela conhece mais do porto as suas necessidades. A juventude deve ocupar os postos de vanguarda como lhe indicou Luis Carlos Prestes

FOLHA DO POVO

ASBÁSIO DRACÓ!

Ovaldo Aranha identificou Pinho prafico e o "general" Flores da Cunha gostou... Como se rasga e fantasia de um movimento encenado

ANO I - NUMERO 21 Direto-Proprietario OSO-IO LIMA RECEITA SENTA-FEIRA, 16 DE AOGSTO DE 1935 PERAMBICO-BRASIL.

Instalou-se ontem o 1.º Congresso Regional da Juventude

O entusiasmo da massa juvenil - Presidência a sessão o prof. Ulisses Pernambuco - Como decorreu os trabalhos - A delegação de Pernambuco - Notas



Com a sua animação realizou-se ontem na noite do Sindicato dos Trabalhadores a instalação do 1.º Congresso Regional da Juventude. O programa teve em vista da hora da instalação que seria o momento de se discutir as reivindicações e dos seus direitos.

Depois de um lirial autonômico, lido por completo das cartas imensas que monop ligam suas lentes de figura, que sudam sua inteligência, crentes de que no futuro tempo são de paz e de trabalho.

Com decorreu a sessão

Em 14 horas presidiu grande número de jovens de todas as classes sociais o prof. Ulisses Pernambuco...

Outros oradores

Em seguida usou da palavra o estudante José Guilbert de Macedo, membro da comissão organizadora do Congresso, agradecendo a cooperação do prof. Ulisses e expandindo os objetivos do Congresso.

Os delegados de Pernambuco

Depois informado a comissão organizadora do congresso foi a Secretária de obras de propaganda sobre o lirial. O sr. Lopes Vieira por Roux em seguida ficando o seu companheiro deitado.

O nazismo visto por um jornal argentino

Um jornal de Buenos Aires publicou um artigo onde se percebe a vontade de quem o escreveu. O jornalista faz um resumo do que se passou na Alemanha, tendo de frente os fatos, sem ser demasiado apaixonado e especialmente aos aspectos brutais que quem chama a atenção. Quando chegou notícia de que no mundo inteiro se sabe mais sobre a vida dos partidários de Hitler, mas não os próprios líderes que estão se assistindo, o leitor não hesita em perguntar: Se não acreditam e por que não combatem os judeus, tim, não são de boa natureza, assim-se a a maioria, rogam as suas próprias casas, só para poderem destruir os verdadeiros patriotas nazionistas.

Em seguida usou da palavra o estudante José Guilbert de Macedo, membro da comissão organizadora do Congresso, agradecendo a cooperação do prof. Ulisses e expandindo os objetivos do Congresso.

Um jornal de Buenos Aires publicou um artigo onde se percebe a vontade de quem o escreveu. O jornalista faz um resumo do que se passou na Alemanha, tendo de frente os fatos, sem ser demasiado apaixonado e especialmente aos aspectos brutais que quem chama a atenção. Quando chegou notícia de que no mundo inteiro se sabe mais sobre a vida dos partidários de Hitler, mas não os próprios líderes que estão se assistindo, o leitor não hesita em perguntar: Se não acreditam e por que não combatem os judeus, tim, não são de boa natureza, assim-se a a maioria, rogam as suas próprias casas, só para poderem destruir os verdadeiros patriotas nazionistas.

Crime na Detenção

MORIBONDO - MATA A FACA, UM PRESIDÁRIO

Ontem, as 13 horas, ocorreu na Casa de Detenção um impressionante crime. "Maribondo" munido de uma faca matou um seu companheiro de presidio, de nome Valdemar. A vítima, pela manhã de hoje, estava no necrotério e o criminoso continua delido.

Hitler contra a religião

3 IRMÃOS DA MISERICORDIA DEBAIXO DO CUTELO FASCISTA

Berlim, 15 - Compararam peram e o Tribunal Três irmãos da Misericórdia, do convento de Mantelbau.

O crime dos três irmãos foi terem se negado a informar ao governo segredos de sua religião.

Violação de lar e prisão

No dia 8 deste, um soldado da Brigada Militar, pagou a sua contribuição no moloch "semio-policial".

Chegou ontem o "Graf Zeppelin"

Precedente da Alemanha chegou ontem a noite a esta capital o "Graf Zeppelin", realizando a sua 10.ª viagem ao Brasil.

A aeronave que viaja com todas as suas cabines ocupadas

ocupadas levantou voo ontem mesmo, ás 24 horas, para o Rio de Janeiro, de onde regressará amanhã.

que o vosso anúncio será conhecido em todos os Estados do Nordeste

Dois jornais cariocas prefira A Manhã

Contra a italianização de Terzin

HUCIANO, 14 - Realizou-se nesta cidade, em frente a Câmara Municipal, um comitê de protesto contra as manifestações de irredulência, agrupadas em torno do jornal "Adulta".

Chegou ao trabalho a tal ponto que, quando se recolheu depois de meros minutos, os navios de abrigos de trabalho, o patriá mania abrigos depois do fechamento da casa à noite, indo esse trabalho até ás 21 e 22 horas.

Estão completamente descobertas as baterias do governo em relação ao movimento fascista. A milita vende, segundo o depoimento insinuado da revista "Folha do Povo", foi criada por encargo do ministro da Guerra, quando ministro o sr. Getúlio Vargas.

Mais excessos de autoridade!

FOLHA DO POVO, ergam que defende de háo todos que sofrem, e quanto tem se excedido a polícia-política deste Estado em seus arbitrariedades.

Chegou ontem o "Graf Zeppelin"

Precedente da Alemanha chegou ontem a noite a esta capital o "Graf Zeppelin", realizando a sua 10.ª viagem ao Brasil.

A aeronave que viaja com todas as suas cabines ocupadas

ocupadas levantou voo ontem mesmo, ás 24 horas, para o Rio de Janeiro, de onde regressará amanhã.

Dois jornais cariocas prefira A Manhã

Contra a italianização de Terzin

HUCIANO, 14 - Realizou-se nesta cidade, em frente a Câmara Municipal, um comitê de protesto contra as manifestações de irredulência, agrupadas em torno do jornal "Adulta".

ro, declarou que, se me visse forçado a optar por uma destas correntes de pensamento cívico e político, eu escolheria a integralista, me inclinar a favor do intervencionismo por isso que ele purga e define as idéas fundamentais de família, patria e religião, (1) e o integralismo por isso que ele é claro. Mas o integralismo no partido do sr. Pinho Salgado, certamente, equivale ao integralismo de hoje, e assim mesmo, se a lombos correte, permitindo uma análise. Mas a preferência não podia ser diferente, portanto, não foi o sr. Ovaldo Aranha o inspirador do integralismo, depois de fracassada a primeira tentativa fascista das legiões de "camisa brava" e se não observava o alinhamento com os bandos do signo, auxiliara os provisórios, "idolatrando" a incoerente "colaboração do Exército".

Crime na Detenção

MORIBONDO - MATA A FACA, UM PRESIDÁRIO

Ontem, as 13 horas, ocorreu na Casa de Detenção um impressionante crime. "Maribondo" munido de uma faca matou um seu companheiro de presidio, de nome Valdemar. A vítima, pela manhã de hoje, estava no necrotério e o criminoso continua delido.

Hitler contra a religião

3 IRMÃOS DA MISERICORDIA DEBAIXO DO CUTELO FASCISTA

Berlim, 15 - Compararam peram e o Tribunal Três irmãos da Misericórdia, do convento de Mantelbau.

O crime dos três irmãos foi terem se negado a informar ao governo segredos de sua religião.

Violação de lar e prisão

No dia 8 deste, um soldado da Brigada Militar, pagou a sua contribuição no moloch "semio-policial".

Chegou ontem o "Graf Zeppelin"

Precedente da Alemanha chegou ontem a noite a esta capital o "Graf Zeppelin", realizando a sua 10.ª viagem ao Brasil.

A aeronave que viaja com todas as suas cabines ocupadas

ocupadas levantou voo ontem mesmo, ás 24 horas, para o Rio de Janeiro, de onde regressará amanhã.

Illmo. Snr. Dr. Delegado de Ordem Politica e Social.

P A R T E.

Designado pelo Comissario desta Delegacia para syndi-
car o que de verdade havia sobre a viagem do Dr. Ulysses Pernambuc
dirigi-me a sua residencia sito á rua Cardinal Arcoverde nº 98, em
Capunga, onde obtive as seguintes informações, que o mesmo tinha vi-
jado na terça-feira p.p. em um Avião comun pois não tinha podido v-
jar no Clypper pelo motivo do mesmo ter ficado no Rio Grande do N
pelo motivo ja conhecido. Que o mesmo acima tinha chegado no Rio
Janeiro na manhã de quinta-feira e estava residindo na rua Dr. Sato-
mina nº 45, em Tijuca Rio de Janeiro. Éo que tenho a informar á V.S.

Recife, 25 de Janeiro de 1936.

Investigador nº 44.

Luiz de França

J. N. B.

10
 Ilmo. Snr. Comissario de Ordem Po-
 litica e Social.

P A R T E.

Cumpre-me informar a V. Sa. que
 recebendo determinações do Dr. Delegado
 para fazer Sindicancia sobre a frequencia
 em BEBERIBE, do Dr. ULISSES PERNAMBUCANO,
 tenho a honra de informar que o mesmo esta com
 residencia no logar denominado "BREJO DE
BEBERIBI", dando clinica aos Domingos pe-
 la manhã, onde grande numero de pessoas
 receitam-se e recebem remedios gratis.

Adianto tambem a V. Sa. que as-
 sistem tambem na casa dois filhos do re-
 ferido Dr. em apreço, não sabendo infor-
 mar se os mesmos exercem a mesma profis-
 são de seu genitor.

Recife, 2 de Março de 1938.

Cyrilaco Silva
 Investigador, n.º (71)

14

Illmº. Sr. Commissario de Ordem Politica e Social

Recife

*Do Relatório e respectivo
para o processo nº 239*

Designado pelo Dr. Delegado Lara, em companhia dos investigadores 62 e 71, effectuar uma busca na propriedade denominada "Brejo de Beteribe", residencia do Dr. Ulisses Pernambucano, communico a V. S. ter dado fiel cumprimento áquella ordem, nada tendo encontrado que despertasse qualquer suspeita. O Dr. Ulisses Pernambucano, não reside, propriamente allí. Segundo declarou, vae aos sabados, com a familia, descansar, regressando nos dias de segunda feira.

Recife, 5 de Março de 1939.

Pinheiro de Almeida
Inv. nº. 27.

quinta



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
 DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL
 (SERVIÇO DE ORDEM SOCIAL)

Recife, 23 de janeiro de 1941.

Ilmo. Sr. Dr. Delegado de Ordem Política e Social:

Para os fins que julgardes conveniente transcrevo, em seguida, o resultado do serviço de observação feito, durante o dia de ontem, em torno do Sanatorio Recife pertencente ao dr. Ulisses Pernambucano e pelos investigadores n^{os} 103, 135 e 97:

Quarto de 22 ás 6 horas: - Nesse quarto de serviço, foi observada a entrada de quatro (4) estudantes, sem entretanto terem sido identificados.

Quarto de 6 ás 14 horas: - Nesse quarto de serviço, estiveram nos autos n^{os} 987, 131 e 2360, com os seus respectivos proprietários, drs. Lalor Mota, Mateur de Almeida Junior e Vieira. Horas depois, deixou aquele Sanatorio, o dr. Ulisses Pernambucano, utilizando o automovel n^o 2360.

Quarto de 14 ás 22 horas: - Nesse quarto de serviço, estiveram nos autos n^{os} 4509, 131 e 2917, respectivamente, de propriedade dos srs. Luiz Mendes, Matias Tavares de Almeida Junior e Edgar Bezerra Cavalcanti, os quais conduziram varias e muitas pessoas que não foram identificadas pelo investigador de serviço. esteve, tambem, o soldado da Força Policial do Estado, conhecido por "Zezito", que teve regular demora.

Respeitosos cumprimentos

Francisco Lima
 Francisco Lima

Enc. Serv. Ordem Social

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
PERNAMBUCO

DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL
(SERVIÇO DE ORDEM SOCIAL)

Recife, 24 de janeiro de 1941.

Ilmo. Sr. Delegado:

Para os fins que julgardes convenientes, abaixo transcrevo, o resultado do serviço de observação, feito ontem, pelos investigadores n.ºs 103, 89 e 97, em torno do Sanatorio Recife, de propriedade do dr. Ulisses Pernambucano:

Quarto de 22 ás 6 horas: - Nesse quarto de serviço, apenas anotou o inv. 103, a chegada do auto de praça n.º 148, ás 5,10, que minutos depois de retirou levando um senhorita, que conduziu varios embrulhos. O auto 148, de Ant. Gomes Silva, C.S. Rita 136.

Quarto de 6 ás 14 horas: - Nesse quarto de serviço, o inv. 89, observou a chegada, ali, dos drs. Geraldo de Andrade e Genezio Vilela, e dos automoveis n.ºs 2564, 2917, 2950, 399, 327, 636, 188, 131, 1671, 3184, 4484, respectivamente, de propriedade dos srs. René Ribeiro, residente na rua Henrique Dias n.º 271, Edgar Lins Bezerra Cavalcanti, Praça do Derbi n.º 165, Geraldo de Andrade, Av. João de Barros n.º 1396, Alcides Benicio de Melo, rua Amelia 445, Ems Weyne Vieira, rua Barão do Triunfo 27, Amaro Cardoso do Nascimento, Av. Norte 4371, Maria do Carmo Beraldo Carneiro da Cunha, Av. 17 de Agosto 784, Matias Tavares de Almeida Junior, rua do Espinheiro 522, Souza & Irmãos, Rua da Matriz n.º 267, Caruarú, Rubens Berardo Carneiro da Cunha, Av. Rui Barbosa 1087 e Belmira Maria dos Santos, Cavaleira 2730, Tegipió. O auto n.º 1671, de propriedade dos srs. Souza & Irmãos, ali esteve conduzindo uma maquina que não pôde ser identificada, assim como, tambem esteve o auto n.º 4954, que não tem registro na Delegacia de Transiço.

Quarto de 14 ás 22 horas: - Nesse quarto de serviço, estiveram os autos n.ºs 2917, 353, 3125, 65-S.E., 4833, 143 e 131, de propriedade dos srs. Edgar Lino Bezerra Cavalcanti, residente na Praça do Derbi n.º 165, Edith Baltar de Araújo, rua Santa Tereza 72, Olimpio Vanderlei, rua Gervasio Fioravante 217, Mateus Tavares de Almeida Junior, rua do Espinheiro 522, Mizael Xavier da Cunha, rua Gomes Coutinho 1880 e João Mendes da Silva, rua Simão Fagundes n.º 150.

Respeitosas saudações

Francisco Lima
Francisco Lima

Enc. Serv. Ordem Social



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
PERNAMBUCO
DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL
(SERVIÇO DE ORDEM SOCIAL)

Recife, 28 de janeiro de 1941.

Ilmo. Sr. Dr. Delegado:

Passo ás vossas mãos, para os fins que julgardes convenientes, o resultado do serviço de observação feito em torno do Sanatorio Recife, em data de ontem, pelos investigadores n.ºs 103, 89 e 97:

Quarto de 22 ás 6 horas:-Nesse quarto de serviço, entraram tres empregados daquele Sanatorio, que não foram identificados. Ali, tambem, estiveram os autos n.ºs 844, 2564 e 4982, pertencentes, respectivamente, aos srs. Mario Monteiro, residente na rua dos Navegantes n.º885, dr. Renê Ribeiro, rua Henrique Dias 271 Alexandre Gomes da Fonseca, Av. Marechal Deodoro n.º134.

Quarto de 6 ás 14 horas:-Estiveram, durante bastante tempo e conduzindo varios passageiros que não foram identificados, os autos n.ºs 2564, 399, 2917, 1671 e 131, pertencentes, respectivamente, aos srs. dr. René Ribeiro, residente na rua Henrique Dias n.º 271, dr. Alcides Benicio de Melo, rua Amelia n.º 445, Edgar Lins Bezerra Cavalcanti, Praça do Derbi n.º165, Souza & Irmãos, rua da Matriz n.º 267, Caruará e Matias Tavares de Almeida, rua dos Pinheiros n.º 522.

Quarto de 14 ás 22 horas:-O Sanatorio Recife, nesse quarto de serviço, foi visitado pelos autos n.ºs2564, 693, 2917, 633 e 2564, pertencentes, respectivamente, aos srs. dr. René Ribeiro residente na rua Henrique Dias n.º 271, Augusto Elisio Dornelas Vanderlei, Drogaria Conceição, Edgar Lins Bezerra Cavalcanti, Praça do Derbi n.º 165, José Ferreira Carneiro da Costa, rua da Harmonia n.º 312,. O auto n.º2564, conforme se lê acima, ali esteve por duas vezes.

Respeitosos cumprimentos

Francisco Lima
Francisco Lima

Enc.Serv.Ordem Social

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
PERNAMBUCO
DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL
(SERVIÇO DE ORDEM SOCIAL)

Recife, 27 de janeiro de 1941.

Ilmo. Sr. Ex. Delegado:

Passo ás vossas mãos, para os fins que julgardes convenientes, o resultado do serviço de observação feito em torno do Sanatorio Recife, nos dias 25 e 26 do corrente:

Em 25.1.1941.-

Quarto de 22 ás 6 horas:-Nesse quarto de serviço, foi observada a entrada de tres moças e um rapaz, que escalou o muro.

Quarto de 6 ás 14 horas:-Estiveram naquele Sanatorio, nesse quarto de serviço, aos autos nºs S.E.65, S.E.25, 399, 2359, 2325, 2564, 4773, 3917, 131, 5073, pertencentes, respectivamente, a Diretoria de Viação e Obras Publicas, (os 2 S.E.), Alcides Benicio de Melo, residente na rua Amelia 445, Alceme Tavares, rua Nova 55, Nelso Melo Dias, cidade de Rio Branco, dr. René Ribeiro, rua Henrique Dias 261, Manoel Cordeiro Filho, rua da Concordia 187, Matias Tavares de Almeida Junior, rua do Espinheiro 522 e Raimundo Neopomoceno, Av. Cruz Cabugá 712. O auto nº3917, não tem registro na Delegacia de Transito.

Quarto de 14 ás 22 horas:-Nesse quarto de serviço, estiveram os autos nºs 5073, 3125, 4835, 2917 e 2727, pertencentes, respectivamente, a Raimundo Neopomoceno, residente na Av. Cruz Cabugá nº712, Augusto Elisio do Nascimento, a' rua Gervasio Floravante nº 217, Severino Melo de Souza, Largo dos Coelhos 39, Antonio Garpas Lages, Av. Dias Martins 85 e dr. João Marques de Sá, rua Padre Roma 984.

Em 26.1.1941.-

Quarto de 22 ás 6 horas:-Entraram varios empregados desse Sanatorio o ultimo a entrar, foi ás 6,20 minutos.

Quarto de 6 ás 14 horas:-Nesse quarto de serviço, estiveram os autos nºs3125, 2727 e 2917, pertencentes, respectivamente, aos srs. Augusto Elisio do Nascimento, residente na rua Gervasio Floravante nº 217, dr. João Marques de Sá, rua Padre Roma 984 e Antonio Gaspar Lages, av. Dias Martins nº85.

Quarto de 14 ás 22 horas:-Nesse quarto de serviço, estiveram apenas, os autos nºs2727 e 3125, pertencentes, respectivamente, aos srs. dr. João Marques de Sá, residente na rua Padre Roma nº984 e Augusto Elisio do Nascimento, á rua Gervasio Floravante nº217.

Respeitosos cumprimentos

Francisco Lima
Francisco Lima

Enc. Serv. Ordem Social

21

BRIGADA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL
(SERVIÇO DE ORDEM POLITICA)

Ilmo Sr. Dr. Delegado:

Faço chegar ao conhecimento de V.S. que o "Sanatorio Recife", estabelecimento hospitalar, de propriedade do Dr. Ulisses Pernambucano, foi, durante a semana finda, visitado pelas pessoas abaixo mencionadas:

Dr. Alcides Benício de Mélo, residente á Rua Amelia, nº 445; José Torres de Menezes, residente á Rua das Laranjeiras, nº 71; Dr. Renner Ribeiro, residente á Rua Henrique Dias, nº 271; Dr. Ulisses Djelma Pernambucano de Mélo, residente á Rua Padre Munka, nº 257; Dr. Fernando Simões Barbosa, residente á Av. Beira Mar, 3066; Adauto da Cunha Andrade, proprietario do Curtume "Santa Maria, residente á Rua André Cavalcanti, nº 17; Dr. Laôr Mota, residente á Rua Góis Cavalcanti, nº 1455; Dr. Brick Bennester engenheiro da "Great-Western, residente em Jaboatão; Dr. Olímpio Vanderlei, residente á Rua Gervasio Pinayante, nº 217; Augusto Elias do Nascimento, residente á mesma Rua e nº; Eduardo Augusto Coêlho, residente á Av. Rui Barbosa, nº 661; Dr. Moacir Coutinho, residente á Rua Faisandú, nº 381; Otavio de Luna Freire, residente á Rua da Hora, nº 330; Dr. Arcenio Tavares, residente á Av. Beira Mar, nº 3358; e, finalmente, o Consul da Holanda, cujo nome, não conseguio, o inv. nº 85, saber, informando, porem, á sua residencia, á Rua Bemfica, nº 251.

Terminando, informo a V. S. que o Dr. Ulisses Pernambucano, tem, instalados no "Sanatorio Recife, os telefones 2072 e 2662.

Recife, 27 de Outubro de 1941

Luís Reis de Albuquerque
Enc. do Serv.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
PERNAMBUCO
DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL
SERVIÇO DE ORDEM SOCIAL

Recife, 21 de dezembro de 1942.

Ilmo. Snr. Dr. Delegado:

Passo às mãos de v.s., para os devidos fins, o resumo do serviço de observação procedido em torno do Sanatorio Recife, durante os dias compreendidos entre 3 e 20 do corrente, esclarecendo que os dias abaixo omitidos são aqueles em que nada foi observado de interesse para esta Delegacia.

11-12-1942 - Houve movimento de desconhecidos, entre os quais um que se transportou no carro 4509, da praça do Parque Amorim, pertencente a Joaquim Marcos dos Santos e com garage a rua das Pernambucanas, nº 311.

12-12-1942 - Às 8,45 esteve no predio observado um senhor que se transportou ao mesmo no carro nº 4877, não registrado na Delegacia de Transito deste Estado. Às 9 horas retirou-se. Depois chegaram, um a um, dois elementos conduzindo embrulhos. À tarde visitaram o estabelecimento sob vigilancia pessoas que ali foram nos seguintes veículos: motocicleta nº 214, de João Carvalho Tavares e Silva, residente a av. Rosa e Silva, nº 498, e automoveis 3516, pertencente a Ursulino Batista de Melo, com garage a rua Adelia, 58 - Torre; 3448, da Cia. Souza Cruz - no qual o Dr. Ulisses Pernambucano saiu, com um desconhecido, as 17 horas - e 3589, de Maria Estela Wanderley de Melo, estacionando no Parque Amorim e com garage a Estrada da Imbiribeira, s/n.

14-12-1942 - Foi notado, além do movimento comum de visitas, a chegada dum elemento estranho, as 16,40, no carro 5275, da praça do Hospicio, pertencente a da. Digna Rangel da Cunha, residente a rua Gomes Coutinho nº 388, no Arraial. Dito elemento mandou o carro sair e permaneceu no sanatorio.

15-12-1942 - Às 14 e 5 o Dr. Ulisses Pernambucano saiu com um individuo não identificado. Cinco minutos antes tinham deixado o seu Sanatorio dois elementos igualmente não reconhecidos. Pela manhã fora verificado grande movimento de pessoas, nenhuma das quais o investigador esclareceu a identidade. Esteve, também, ali, um casal que saltou do carro nº 286, da Paraíba, procurando um medico.

16-12-1942 - Pela manhã esteve ali o carro 4727, cujo proprietario a Delegacia de Transito deste Estado não soube informar. Às 17,20 o Dr. Ulisses Pernambucano saiu no automovel 5057, pertencente a Joao Luiz Rogo Barros, com garage a av. Norte, 5218 e estacionando no Parque Amorim. Às 17,25 chegou ao Sanatorio sob vigilancia o carro 5183, pertencente a Amaro José Dos Santos, com garage a trav. do Valente, 183, em São José estacionando na rua do Imperador. Deste veiculo saltou um elemento que permaneceu no predio observado. Houve, também, movimento de pessoas não identificadas que ali foram a pé.

17-12-1942 - Às 8,05 chegou o filho do Dr. Ulisses Pernambucano, cuja saída não foi presenciada pelo investigador. Às 14,35 saiu o Dr. Ulisses no carro 4878, pertencente a Manuel Pereira de Lima, com garage a rua Passo da Patria, 684 e estacionando na praça do Hospicio. Às 16,1 dito senhor regressou no mesmo carro. Às 14,40 chegou ali o automovel nº 5049, de propriedade de Joao Batista da Silva, residente a rua Isabe de Barros, 61, Torre, e estacionando na Praça da Independencia.

18-12-1942 - Às 9,40 o filho do Dr. Ulisses Pernambucano saiu acompanhado dum elemento que costuma entrar no Sanatorio e permanecer conversando. Estiveram, também, ali, grande numero de pessoas não reconhecidas.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
PERNAMBUCO

- 2 -

19-12-1942 - Às 9,20 chegou um desconhecido, que saiu às 9,45. Depois estacionou no portão do prédio observado o carro nº 4683, do qual saltou um senhor que dirigiu-se ao mesmo prédio, donde retirou-se às 9,50. Dito veículo apesar de estar registrado na Delegacia de Trânsito como pertencendo a Joaquim Venancio Veiga Filho, e, na verdade, de propriedade do sr. Manoel de Brito, proprietário da FABRICA PEIXE.

Atenciosas saudações

A handwritten signature in cursive script, reading 'Francisco Lima', written over a horizontal line.

Francisco Lima

Encarregado do Serviço

7. ^a R. M. S. F. R.	Assi
	Xi
	Arq



MINISTÉRIO DA GUERRA
7.^a REGIÃO MILITAR
QUARTEL GENERAL

ESTADO MAIOR

2a. SEÇÃO

N. 246-B. - SECRETO-

*Procurador de
Ulisses Pernambucano
Rosa*

RECIFE, em 11-MAIO-1942.

Do Gen. Cmt. da 7a.R/M. e 7a. D/I.

Ao Sr. Dr. ETELVINO LINS - Secretário
de Segurança Pública de Pernambuco

Assunto: Filmagem indevida.

Referencia:

Anexo:

I)- Este Comando solicita-vos providências sobre a seguinte ocorrência:

- No local do desastre havido com o avião da F.A.B. surgiu um estrangeiro filmando o aparelho sinistrado.

Interpelado pelo médico do Sanatório, sobre o motivo da filmagem, respondeu-lhe desatenciosamente, dizendo não ter satisfações a dar-lhe.

Em consequência o médico pediu a intervenção de um guarda civil, que alegou nada haver com o caso.

Esta sua resposta obrigou o médico a admoestá-lo e exigir que prendesse o estrangeiro.

II)- Deseja saber si o guarda civil apresentou à Delegacia de Ordem Política e Social o estrangeiro e quais os motivos que levaram o estrangeiro a filmar o desastre.

III)- O médico em questão é o Doutor ULYSSES PER NAMBUCANO.

IV)- Renova os protestos de sua maior estima e elevada consideração.

P.O. -

João Carlos Barreto
JOÃO CARLOS BARRETO
Coronel Chefe do Estado Maior da
7a.Região Militar e 7a. Divisão
de Infantaria.

M.B.-Maj.
m.t.m.

1/4
Portraits
de Misses Damaubucas
Roma

30

Recife, 11 de junho de 1942.

Prezado amigo Dr. Fabio Corrêa

Saudações

Tendo chegado ao meu conhecimento que se estava fazendo na Policia um inquerito acerca de um fato ocorrido quando por ocasião da queda de um avião do Exército, em Casa Amarela, nesta cidade, venho por meio desta expor o que se passou entre mim, o guarda civil e o estrangeiro que filmou o aparelho acidentado.

Estava eu naquele momento entre os curiosos a olhar o avião quando, repentinamente vi um homem de constituição robusta aparentemente estrangeiro, munido de uma maquina de filmar, procurando galgar uma elevação a fim de fotografar o referido aparelho. Achando exquisiteso aquele ato me aproximei dele incontinentemente e travamos o seguinte dialogo:

Eu: - O senhor vai fotografar o avião?

O estrangeiro: - Vou.

Eu: - E o sr. tem permissão da Policia para isto?

O Estrangeiro: - E é preciso?

Eu: - Naturalmente. Vá primeiro pedir permissão a Policia.

Por unica resposta o homem levantou os ombros e disse: Ora...

Eu então disse: E assim não é? E fui chamar um guarda.

Imediatamente o guarda civil que eu chamei, achegando-me ao tabique existente, acorreu ao meu chamado e eu disse o que havia. Porque não prendeu logo? inqueriu o guarda. - Vim chama-lo para isto, respondi.

O homem já ia fugindo mais logo o alcançamos. e então o guarda perguntou-lhe a nacionalidade. Sou português naturalizado respondeu o individuo. Levamo-lho então para o interior da paliçada onde estavam diversas autoridades ás quais o guarda entregou o detido explicando o fato, depois do que me retirei do local.

Esta é a reprodução do ocorrido. É meu desejo resalvar apenas a conduta do guarda que meu entender foi absolutamente eficiente.

Sem mais receba um abraço cordial do

Patricio e admirador

Atty' d' Andrade

38

Recife, 5 de fevereiro de 1941.

Ilmo. Sr. Dr. Delegado

FABIO CORREIA

Nesta. -

Conforme meu entendimento pessoal, hontem, com V.S., venho por intermedio da presente comunicar-lhe que o dr. Ulysses Pernambucano, elemento que foi alvo do entendimento acima referido, foi demittido, pelos suppostos motivos que hontem alleguei a V.S.

Se, realmente, existe um outro motivo, aliás tenho minhas desconfianças, estou muito empenhado em ficar ao par, o que opportunamente farei um relatório explicito a V.S.

O citado clinico era, na Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, medico-chefe do serviço, obedecendo, no entanto, a ordens de seu particular amigo, na casa matriz do Rio de Janeiro, Dr. Fabio Sodré Borges, que além de ser medico geral da Companhia, era um dos seus directores, e que acaba de ser demittido juntamente com o dr. Ulysses.

Este, ganhava na filial do Recife a importancia de 1:200\$000 mensaes.

Muito em breve dar-lhe-ei outras notificações que julgo de interesse.

Do seu auxiliar dedicado

Elpidio S. Falcão

47

Cópia autêntica - Armas da República - Justiça Especial - Tribunal de Segurança Nacional - Secretaria - Rio de Janeiro, D.F. - 16 de Maio de 1942 - Ofício n. 2494 - Exmo. Sr. Secretário da Segurança Pública do Estado de Pernambuco "Comunico a V. Excia. que este Tribunal, em sessão de 14 do corrente, deferiu o arquivamento dos processos n.ºs. 1146 e 1159, originários desse Estado, em que são acusados Antônio Vilas Bôas e Ulisses Pernambucano de G.º, devendo os mesmos ser postos em liberdade, se por aí não estiverem presos. Registerei a V. Excia. os meus protestos de elevada estima e consideração. - O Presidente do Tribunal de Segurança Nacional, (a) Ministro F. de Barros Barrato.

Conferme J. Barros Conferir Gea Valença F. P.
 o original Comissário encarregado

As Cartas do Sr. Ulisses Pernambucano

46

48

Gabinete do Secretario

24

Abril

9

742

Exmo. Snr. Secretario do Interior:

Attendendo ao pedido constante do officio de V. Excia., sob nº 451, de 4 do corrente, presta esta Secretaria as informações que se seguem.

O movimento subversivo deflagrado neste Estado e noutros pontos do territorio nacional em novembro de 1925 obedeceu ás recommendações constantes do documento 29, de 23 de agosto de 1925 - "Plano de Acção Communista", em o qual merecem destaque os trechos seguintes:

"A revolução politico social que será levada a effeito pelo communismo, terá as seguintes phases caracteristicas indispensaveis:

I - Periodo preparatorio, de doutrina aparente, com principios ~~postos~~ provisoriamente no sentido de, não só facilitar a acção revolucionaria, captando elementos que recuariam diante da doutrina completa, como tambem tornar possivel o trabalho de arregimentação dentro do regimen actual e sob a égide da lei.

II - Periodo da agitação:

- a) - agitação politica,
 - b) - agitação de classes,
 - c) - agitações eventuaes a serem aproveitadas e conduzidas
-
-

(2)

A agitação de classes deverá ser iniciada imediatamente, tomar uma forma aguda em 1934 e absolutamente de crise em 1935. De par com a agitação operaria e bancaria, deverão ser architectadas e deflagradas agitações universitarias e militares.

III - Período de acção.

Estima-se o anno de 1935 para a acção no Brasil e no Uruguay."

Fundada a Aliança Nacional Libertadora, com um programma que excluía qualquer idéa de internacionalismo, fazendo mesmo do nacionalismo o ponto de apoio do movimento doutrinario, dava-se inicio á execução daquelle plano, com a doutrina aparente nelle recommendada.

No chamado período de agitação, para só referir as agitações de classes que, evidentemente, tomaram um caracter agudo em 1934 e absolutamente de crise em 1935, tivemos, de accordo com as instruções acima transcriptas, estudantes, militares (a agitadissimo questão do aumento de vencimentos), bancarios, maritimos, ferroviarios, telegraphistas, innumerables classes, enfim, trabalhadas por elementos que se achavam a serviço da Terceira Internacional. As constantes greves que irromperam no Paiz em 1935, e outros movimentos agitacionistas, obedeceram, em verdade, ao principio de que "toda agitação é benefica ao ideal comunista". Era o proposito deliberado de implantar e systematizar a desordem, comtanto que se creasse ambiente proprio á deflagração do movimento armado que se estimára precisamente para aquelle anno.

Feitas essas considerações, cumpre-me chamar a attenção de V. Excia. para o programa da "Juventude Proletaria, Estudantil e Popular" organização comunista fundada no Paiz em meados de 1935, e que aqui no Estado obedeceu á orientação do Prof. Ulysses Pernambucano, consoante o

50

(5)

provam os documentos inclusos, em um dos quaes se lê o seguinte topico que dispensa commentarios:

"A voz dum moço que se sacrificou pela grandeza e libertação do Brasil, a voz do maior dos brasileiros vivos, a voz de Luiz Carlos Prestes ecoa ao longe: "Com o vigor e o entusiasmo da vossa juventude, occupae os postos de vanguarda nos combates decisivos que se avizinham!"

A copia photographica inclusa, da "Folha do Povo", de 16 de agosto de 1935, jornal vermelho que então se editava nesta Capital, dá uma idéa completa do character extremista daquelle organização e das actividades do Prof. Ulysses Pernambucano, que, presidindo a sessão de installação do 1º Congresso Regional da "Juventude Proletaria, Estudantil e Popular", teve ensejo de pronunciar o discurso que apparece em resumo no documento referido. Basta, a tal respeito, que se attente para a manchette que se vê na pagina da citada edição - palavras de Luiz Carlos Prestes, de estímulo ao movimento da "Juventude Proletaria", e para a gravura nitidamente communista com que foi illustrada a noticia da sessão de installação daquelle Congresso. Cabe-nos aqui salientar que os estudantes José Guilbert de Macêdo e Osmundo Coêlho, dois dos principaes animadores da alludida organização, neste Estado, já foram condemnados pelo Tribunal de Segurança Nacional, o primeiro por haver tomado parte directa nos acontecimentos de novembro de 1935 e o segundo por actividades communistas posteriores a esses acontecimentos (doc. junto).

Encontra-se ainda, na ficha do Prof. Ulysses, a noticia abaixo, extrahida de um dos jornaes desta Capital:

"Na reunião de hontem, no directorio estadual, foi lido um officio do 1º Congresso Regional da "Juventude Proletaria, Estudantil e Popular", da região de Pernambuco, hypothecando inteira solidariedade ao movimento

(4)

de emancipação nacional promovido pela Aliança Nacional Libertadora."

Consta ainda do archivo da Delegacia de Ordem Politica e Social haver o Prof. Ulysses Pernambucano apoiado o movimento da "Frente Unica Syndical", outra organização comunista fundada em 1935 neste Estado com o objectivo de provocar manifestações de protesto contra a Lei de Segurança Nacional.

É, emfim, notoria a orientação esquerdista do accusado, que, como se sabe, esteve detido após o movimento de novembro daquelle anno, por determinação do então Secretario da Segurança, Cap. Malvino Peis Netto. Por essa razão, e antes mesmo de conhecermos os documentos inclusos, o que somente há pouco aconteceu, não tivemos duvida em suggerir ao Snr. Interventor Federal a aposentadoria do accusado pelo artigo 177 da Constituição, no cargo de catedrático do Gymnasio Pernambucano. Hoje, com as provas aqui apreciadas, está fóra de duvida o acerto com que se conduziu o Governo do Estado, afastando do contacto com a mocidade estudiosa, um professor já agora sujeito a um pronunciamento do proprio Tribunal de Segurança Nacional, ante o disposto nos arts. 20 e 23 da Lei nº 23, de 4 de abril de 1935.

Cordiaes saudações

Etelvino Lins de Albuquerque
Secretario da Segurança Publica.

1911



Estado de Pernambuco

N.º 451

52

SECRETARIA DO INTERIOR

Recife, de

Abril

de 19 39

Exmo. Sr. Secretário da Segurança Pública, pela
providencia
Delegacia de Ordem Política
e Social.

Remeto a V. Excia. cópia do ofício que envi-
25.4.39
ei ao Diretor da Faculdade de Medicina sobre a situação
do professor Ulisses Pernambucano, bem como a resposta
deste ao Conselho Técnico da referida faculdade, que dela tomou
conhecimento remetendo-a a esta Secretaria.

Deseja o Exmo. Sr. Interventor Federal que a
esses documentos se juntem as provas e informações das
atividades subversivas do referido professor, remetendo-os
a S. Excia. para os fins de direito.

Arnobio Tenorio Vanderlei
officio n.º 247,
desta data
20.
24.4.39
Sindicatos Cívicos
Arnobio Tenorio Vanderlei

Secretario do Interior

(a) Arnobio Tenorio Vanderlei

53

Secretaria da Segurança Pública

Delegacia de Ordem Política e Social

Recife, 5 de Abril de 1940

O/S.

n. 190

(copia)

Exmo. Sr. Dr. Secretario da Segurança Pública:

Remeto a V. Excia. para os devidos fins, os autos de inquerito instaurado para apurar as atividades extremistas do professor Ulisses Pernambucano de Melo.

A documentação anexa é de molde a não deixar duvidas quanto a atuação subversiva do mesmo.

Presidente do 1º Congresso da Juventude Proletaria Estudantil e Popular", o acusado fixou sua orientação esquerdista e revolucionaria com a agitação da mocidade estudiosa, na época em que se preparava, em todo o país, o movimento comunista de 1935.

O caráter subversivo do programa daquela Juventude, foi evidentemente demonstrado no officio de fls. 6, dirigida por V. Excia. a Secretaria do Interior.

O seguinte trecho, de um dos seus manifestos, frisado, naquele officio, não deixa duvidas quanto á orientação de rebeldia a que se queria levar a mocidade.

"A voz da mocidade que se sacrificou pela grandeza e libertação do Brasil, a voz do maior dos brasileiros vivos, a voz de Luiz Carlos Prestes ecoa ao longe. Com o vigor e o entusiasmo da nossa juventude, gourdamos os rostos da vanguarda nos combates decisivos que se avizinham."

54

Apoiando a "Aliança Nacional Libertadora" e a Frente Única Sindical", outra organização de caráter comunista formada com o objetivo de provocar manifestações de protesto contra a "Lei de Segurança Nacional" o professor Ulisses Pernambucano ratentou sua adesão ao tumulto provocado no país, cujo desfecho final foi a mazorca vermelha de 1935.

A defesa do acusado não impressiona decisivamente um julgamento, pois a argumentação baseia-se mais em fatos narrados e não confirmados, do que em provas reais e positivas.

Defendendo-se de haver presidido a sessão do Congresso da Juventude, alega que esta fôra - licenciada por escrito pela Secretaria da Segurança Pública.

Licenciadas pela polícia, na vigência da Constituição de 1934, fôram as reuniões da "Aliança Nacional Libertadora" e todas as modalidades de aguramentos, orientadas secretamente pelo Partido Comunista Brasileiro, justamente, quando era preparado aquele golpe.

O advento do atual regime ocorreu quando o país estava a brancos com uma infiltração esquerdista, proveniente da agitada campanha eleitoral para a sucessão presidencial.

Quando termo a situação de intranquilidade existente e quando o novo estado de coisas um seguro dique a propaganda marxista, não mereceu por isso as simpatias do